

# A FERRO E FOGO

---

# SIMON SCARROW

*Tradução de Manuel Alberto Vieira*

*A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.*

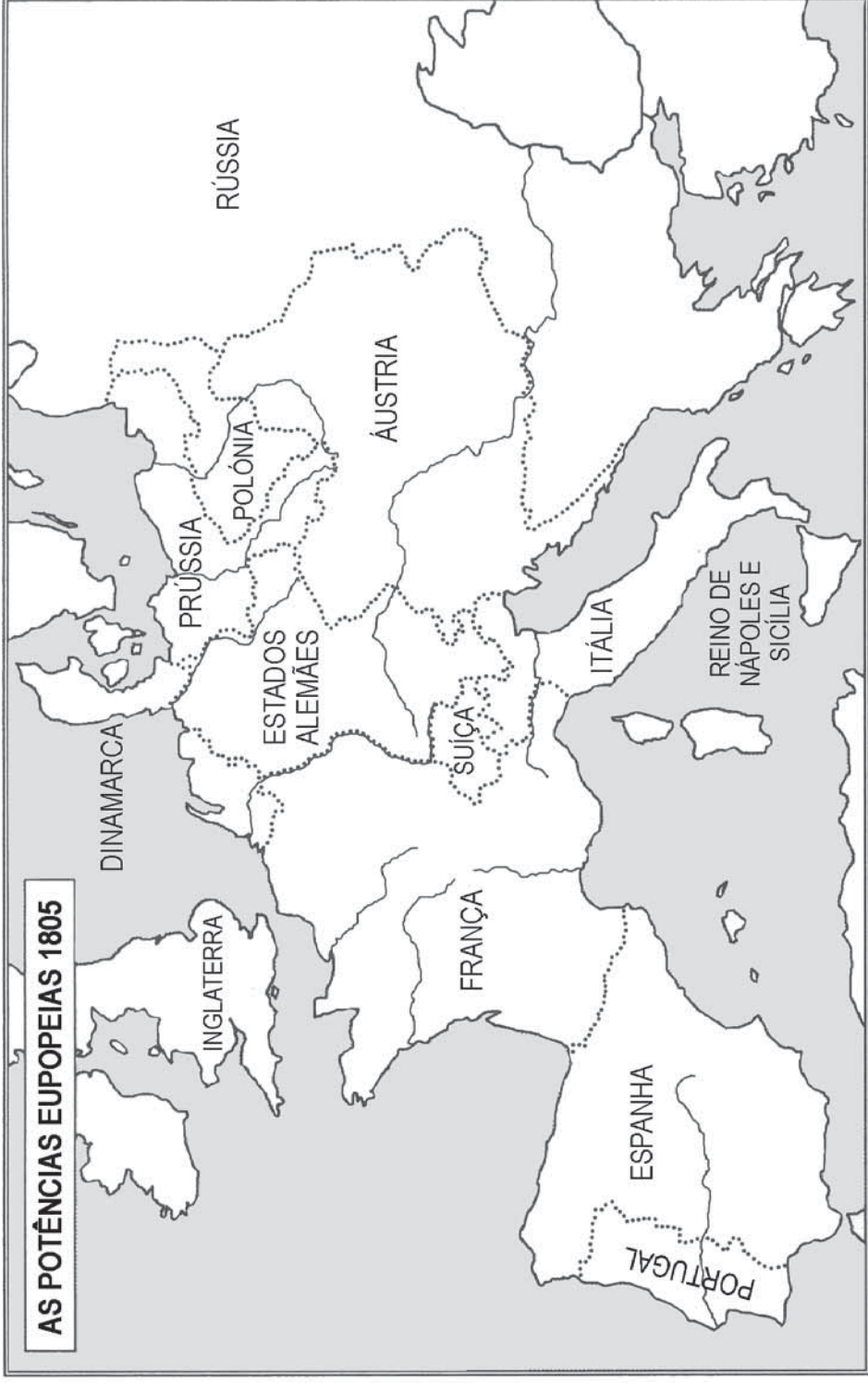


**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



*Para Murray, Gareth e Mark,  
na esperança de conseguirmos manter-nos a par de Glynne!*

**AS POTÊNCIAS EUROPEIAS 1805**



## CAPÍTULO 1

Napoleão

*Paris, dezembro de 1804*

No momento em que a carruagem de Napoleão parou diante de Notre-Dame, a vasta multidão que estivera à espera no frio gélido soltou um grito de aplauso que ecoou das volumosas paredes cinzentas. Os edifícios que outrora circundavam a grandiosa catedral haviam sido demolidos de modo a abrir caminho ao cortejo de coroação, e os cidadãos de Paris comprimiram-se apertadamente na área cordoada pelos granadeiros do Imperador. Os soldados postavam-se, em duas fileiras, ao longo de todo o percurso, e os seus altos barretes de pele estorvavam grande parte da vista, limitando aqueles atrás de si a breves vislumbres das ornamentadas carruagens e dos respetivos passageiros engalanados que desfilavam diante deles. Entre as carruagens trotavam esquadrões de couraceiros cujas couraças, de tão cuidadosamente polidas, captavam nas suas superfícies fulgentes o cenário envolvente em reflexos distorcidos. O Imperador, a sua Imperatriz, a família real e os marechais e ministros ocupavam mais de quarenta carruagens que haviam sido construídas especialmente para a coroação. Paris nunca testemunhara espetáculo semelhante, e, de um só golpe, Napoleão eclipsara a pompa e o esplendor dos seus antecessores da dinastia de Bourbon.

Sorriu de satisfação perante a ideia. Enquanto os Reis de França deviam as suas coroas a um acidente de descendência, Napoleão obtivera a sua através da habilidade, da coragem e do amor do povo francês. Fora o povo a dar-lhe a coroa imperial num voto popular em que apenas escassos milhares de almas em toda a França lhe haviam negado apoio. Em troca da coroa, Napoleão dera-lhes vitória e glória, e a sua mente já se encontrava preenchida de planos para expandir ainda mais essa glória.

Ocorreu uma breve demora no momento em que um par de soldados de infantaria elaboradamente trajados se apressou rumo à carruagem em passada rápida e, em seguida, fez descer o puxador e abriu a porta. Napoleão, instalado no assento forrado a seda, gloriosamente só, respirou fundo e ergueu-se, emergindo no campo de visão da multidão. Os seus olhos cinzentos percorreram o mar de rostos adoradores e os seus lábios abriram-se num sorriso rasgado. Uma nova aclamação fendeu o ar e, para lá das fileiras

dos granadeiros, um mar de braços agitados e chapéus plumosos tremulava numa confusa tempestade de cores e movimento.

Olhando em volta, Napoleão viu Talleyrand, o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, franzir o sobrolho em sinal de desaprovação enquanto acompanhava os restantes ministros a caminho da catedral. Napoleão não conseguiu evitar um ténue riso entre dentes ao testemunhar o incómodo do aristocrata face à falta de decoro do Imperador. Pois que desaprovasse, pensou Napoleão. O velho regime acabara, varrido pela revolução, e no seu lugar erigira-se uma nova ordem. Uma ordem baseada na vontade do povo. Napoleão mostrou-se suficientemente grato, e suficientemente astuto, para corresponder à saudação, virando-se para cada um dos lados e retribuindo o aceno à multidão encantada antes de descer da carruagem. Prontamente os soldados de infantaria pegaram na cauda das suas vestes vermelhas bordadas a ouro e seguiram-no num ritmo constante enquanto caminhava a passos largos através do tapete em direção à entrada da catedral.

A maior parte dos convidados, bem como a sua família, já havia entrado e sido encaminhada aos respetivos lugares. Os ministros, na condição de funcionários superiores do Estado, seguiriam o Imperador e ocupariam os mais prestigiosos lugares, junto do centro da cerimónia. Napoleão tivera como intenção inicial conduzir os seus generais até ao interior da catedral, porém, o seu irmão, José, e Talleyrand haviam insistido com ele para que a coroação fosse apresentada como uma celebração essencialmente civil. Embora o exército tivesse sido o veículo por intermédio do qual Napoleão assumira o poder em França, era importante que se apresentasse ao mundo como um líder político e não militar. Talleyrand ainda alimentava a esperança de que seria possível alcançar uma paz duradoura na Europa, desde que as outras potências pudessem ser persuadidas de que o novo imperador era, em primeiro lugar, um estadista, e, apenas em segundo, um soldado.

Depois de tantos anos de guerra, o efémero Tratado de Amiens inundara nas pessoas um anseio de paz e estabilidade. Estabilidade acima de tudo, e isso significava a instituição de um novo e permanente modelo de governação. Napoleão preparara o terreno engenhosamente, passando de cônsul a primeiro cônsul, depois a primeiro cônsul vitalício, até oferecer ao povo a oportunidade de aprovar a sua assunção de um novo trono. Claro está que os senadores o haviam disfarçado de expediente necessário para proteger a República dos seus inimigos estrangeiros e domésticos, mas a República não mais existia. Morrera nas dores de parto do Império. Napoleão já se fizera rodear da pomposa panóplia da realeza e reduzira os poderes dos senadores, tribunos e representantes do povo. E havia planos para a introdução de uma série de novos títulos aristocráticos e gratificações para incentivar o novo regime. Com o tempo, esperava Napoleão, o

Império seria aceite pelas restantes potências europeias e pôr-se-ia termo à perpetração de atentados contra a sua vida por parte dos franceses a soldo de nações estrangeiras.

Quando se aproximava da entrada, Napoleão estacou e voltou-se, após o que ergueu as mãos e gesticulou para a multidão com um sorriso brilhante por baixo do cabelo escuro que lhe emoldurava o rosto. A multidão soltou um grito de alegria e afeição pelo seu imperador e lançou-se para a frente, fazendo com que a linha de granadeiros se curvasse com a pressão e as suas botas raspassem nos seixos da calçada enquanto se debatiam para sustentar a vaga e afastavam a multidão à distância dos seus mosquetes.

Napoleão virou costas e retomou o caminho em direção à grande porta abobadada. Ao passar por Talleyrand, inclinou a cabeça no sentido do Ministro dos Negócios Estrangeiros.

— Ao que parece, o povo aprova.

— Sim, *sire* — anuiu Talleyrand.

— Então, ainda está preocupado com a minha decisão de aceitar este título?

Talleyrand encolheu tenuemente os ombros.

— Não, *sire*. Tem a confiança deles, e estou certo de que farão com que a honre.

Napoleão interrompeu o sorriso assentindo vagarosamente com a cabeça.

— Hoje sou a França e a França sou eu. Como pode haver lugar a dissensões?

— Como queira, *sire*. — Talleyrand inclinou a cabeça e, com um ligeiro gesto, apontou para a entrada. — A sua coroa espera-o.

Napoleão endireitou-se, de modo a ascender à sua estatura máxima, determinado a parecer tão majestoso quanto a sua minguada compleição permitisse. Havia passado mais de quatro anos desde que estivera em campanha pela última vez e a faustosa vida de que desde então desfrutara acrescentara-lhe ao corpo uma ligeira pança. Josefina havia sido indelicada o suficiente para apontar esse aspeto em mais do que uma ocasião, carregando-lhe suavemente no flanco enquanto se abraçavam. Esse pensamento fê-lo sentir uma leveza no coração e olhou através da porta, percorrendo toda a extensão da catedral até ao lugar onde sabia que ela se sentaria. Havia passado nove anos desde que se tinham conhecido, altura em que pela primeira vez emergira da obscuridade. Ela jamais poderia ter suspeitado que o jovem brigadeiro esguio de cabelo escorrido se viria a tornar um dia o governante de França, nem tão-pouco que se sentaria a seu lado como Imperatriz. Napoleão sentiu o coração acelerar de orgulho perante a sua proeza. A princípio, temera que fosse demasiado boa para ele e que se aper-

cebesse disso de forma demasiado rápida. Porém, a sua ascensão à fama e à fortuna haviam aniquilado esse medo, e agora, embora amasse Josefina como nunca amara nenhuma outra mulher, começava a perguntar-se se seria digna dele.

Com uma derradeira inalação profunda de ar frio, Napoleão retomou o passo em direção à Notre-Dame. No instante em que atravessou a soleira, um coro começou a cantar na extremidade da catedral e, com um frufu de togas e vestidos, a assistência pôs-se de pé. Diante dele estendia-se um comprido tapete verde-escuro que desembocava no estrado onde o Papa permanecia à espera em frente ao altar. O sorriso do Imperador desvaneceu-se ao ver o Santo Papa. Apesar dos seus esforços para reduzir o papel da Igreja católica em França, o povo mantinha-se teimosamente ligado à sua religião, e Napoleão precisara da bênção do Papa para conferir à sua coroação a aparência de sanção divina.

Tanto o estrado como o altar eram novos. Dois velhos altares e uma grade de coro intrincadamente cinzelada haviam sido demolidos para criar um espaço mais imponente no coração da Notre-Dame. Em ambos os lados, estadistas, embaixadores, oficiais militares e descendentes de famílias nobres da sociedade parisiense inclinavam a cabeça à passagem do Imperador. A mão resvalou-lhe para o botão do punho da espada de Carlos Magno, que havia sido retirada de um mosteiro em Aquisgrão para avolumar as insígnias reais de Napoleão. Mais uma parte do empenho em emprestar à coroação a autoridade das tradições reais que se estendiam através dos séculos. Um novo Carlos Magno para uma nova época, meditava Napoleão enquanto emergia da avenida de seda e arminho, delimitada pela fulgente joalheria das senhoras e pelos galões de ouro e condecorações reluzentes dos generais e marechais de França. A encabeçá-los estava Murat, o extravagante oficial de cavalaria que lutara com Napoleão em Marengo e mais tarde casara com a irmã do seu general, Caroline. Trocaram um sorriso rápido no momento em que o Imperador passou.

O Papa Pio VII estava sentado num trono em frente ao altar. A seu lado e atrás de si encontrava-se o séquito de cardeais e bispos, brilhantemente iluminados pelos raios de luz que desciam das janelas que rompiam as enormes paredes de pedra bem no alto. Napoleão encaminhou-se para os três degraus que conduziam ao estrado. Lançando um olhar de soslaio ao seu lado esquerdo, avistou os seus irmãos e irmãs. O jovem Louis não conseguiu conter um sorriso, porém José acenou solenemente com a cabeça enquanto o irmão passava. Era uma pena não poder estar presente toda a família, pensou Napoleão. Jérôme e Lucien ainda se encontravam caídos em desonra, tendo recusado a exigência de Napoleão no sentido de abandonarem as respectivas cônjuges a favor de mulheres que considerava mais



adequadas à inclusão na família real. A mãe de Napoleão, Letizia, também se encontrava ausente, alegando que estaria demasiado doente para deixar Itália e assistir à coroação. Napoleão não se deixara levar pelas suas desculpas. Desde o princípio que havia tornado bem clara a sua antipatia para com Josefina e, na mente do seu filho, não havia a mais pequena dúvida de que Letizia preferiria ser amaldiçoada a testemunhar a coroação de Josefina ao lado de Napoleão. Tivesse o pai dele vivido tempo suficiente para presenciar este dia. Carlos Bonaparte teria chamado a sua melindrosa mulher à razão.

Um movimento trémulo atraiu-lhe os olhos para o lado oposto da catedral e viu o artista, Jacques-Louis David, colocar uma nova folha de papel grosso sobre o estirador enquanto se preparava para começar mais um esboço do acontecimento. Napoleão encomendara uma pintura monumental que registasse a coroação e David dissera-lhe que precisaria de pelo menos três anos para completar o trabalho. Na verdade, pensou Napoleão, o espetáculo deste dia brilharia através dos anos durante séculos.

O Papa ergueu-se do trono e estendeu uma mão na direção de Napoleão no momento em que o Imperador se pôs sobre um joelho, repousando a perna envolta em meia branca numa almofada exageradamente bordada que havia sido colocada defronte do pontífice. No instante em que o som do coro se desvaneceu e a quietude se instalou na assistência e nos participantes, o Papa deu início à sua bênção com uma voz mortíça e aguda, as palavras em latim projetando-se ao longo da catedral e ecoando pesadamente das paredes.

Enquanto o Santo Padre prosseguia com os seus hinos, Napoleão olhava fixamente para o tapete diante de si, tomado por um súbito impulso de rir. Apesar de todo o aparato, dos trajes faustosos, da encenação elaborada, dos meses de preparativos e semanas de ensaios, era este momento de cerimónia religiosa que se lhe afigurava como o aspeto mais ridículo de todo o processo. A ideia de que ele, de entre todos os homens, precisava de sanção divina não só era risível, mas insultuosa. Quase tudo o que havia alcançado resultara dos seus próprios esforços. O resto resumia-se a acontecimentos inesperados e fortuitos. A ideia de que Deus definira a trajetória de todas as balas e balas de canhão no campo de batalha era absurda. A religião era a miséria dos fracos de espírito, dos crédulos e dos desesperados, sentenciou Napoleão. Era lamentável que a vasta maioria da espécie humana se regesse por tais superstições. Porém isso também funcionava a seu favor. Desde que prestasse homenagem, ainda que insincera, às sensibilidades religiosas, poderia usar a Igreja como mais um meio para dominar as mentes daqueles que governava. A única dificuldade residia na conciliação das suas necessidades com as do papado.

No tempo presente, Napoleão estava satisfeito por ser visto como alguém que alcançara um compromisso com a Igreja, e ajoelhava-se de cabeça inclinada enquanto as palavras de uma língua desusada lhe varriam a cabeça. Afugentou o ruído ao concentrar-se novamente no papel que lhe cabia representar na cerimónia assim que o Papa terminasse a sua bênção. Não haveria lugar a missa; Napoleão fora intransigente a esse respeito. Tudo quanto sobejasse brotaria da sua autoridade pessoal. Ninguém para além de Napoleão estava habilitado a coroar Napoleão. Nem Josefina, tão-pouco. Também ela receberia a coroa das suas mãos.

Por instantes, a sua mente convergiu para as restantes cabeças coroadas da Europa. Desprezava-as por deterem semelhante poder unicamente com base na descendência. Tal como todos aqueles aristocratas que haviam tornado os tempos de escola de Napoleão tão miseráveis. Mas ali residia o paradoxo, pensou, mastigando suavemente o lábio. Só através do princípio hereditário é que os Estados gozavam de alguma espécie de estabilidade. O feroz derramamento de sangue da Revolução Francesa confirmara a necessidade dessa estabilidade e só quando Napoleão abraçara o poder e começara a governar com punho de ferro é que a ordem começara a restabelecer-se em França. Sem Napoleão aconteceria um regresso ao caos e essa havia sido a razão pela qual o povo ficara deveras agradado por tê-lo aprovado como imperador. Tinha de haver um sucessor num dado tempo. Rodou um tudo-nada a cabeça para se fixar brevemente em Josefina. Os seus olhares cruzaram-se de relance e ela piscou-lhe o olho.

Napoleão sorriu, embora sentisse uma pesada tristeza no coração. Não tivera nenhum filho até ao momento e os anos começavam a pesar em Josefina. Em breve estaria demasiado velha para gerar um filho. O medo súbito de poder ser impotente assomou-lhe ao espírito. Se isso se viesse a confirmar, a dinastia que neste dia estava a ser fundada pereceria com ele. Era um pensamento sinistro e Napoleão prontamente desviou a mente dele, fixando-se nas dificuldades mais imediatas que ameaçavam a sua posição. Apesar de no continente reinar uma paz precária, a França ainda estava em guerra com o seu mais implacável inimigo.

Ao longo do Canal da Mancha, os britânicos ainda lhe ofereciam resistência, protegidos da sua ira pela fina cortina de madeira dos seus navios de guerra, patrulhando constantemente as rotas marítimas e negando a Napoleão o triunfo que completaria o seu domínio sobre a Europa. A mente dele já se havia inclinado para a possibilidade de uma invasão e estavam a ser feitos planos para a construção de um vasto número de segundos escaleres nos portos e bases navais que se estendiam pela costa francesa em frente à Grã-Bretanha. Quando chegasse a altura, Napoleão reuniria uma

imensa frota de combate e varreria a marinha britânica do caminho das barcaças de invasão.

Após a humilhação da Grã-Bretanha, nenhuma outra nação ousaria desafiá-lo, ponderou Napoleão. Até lá, teria de vigiar de perto a Áustria e a Rússia, dado que os seus espiões lhe haviam relatado que naquele momento se estavam a preparar para a guerra.

Deu-se subitamente conta de que o Papa parara de falar e tudo ficara silencioso. Napoleão murmurou um ámen apressadamente e fez o sinal da cruz antes de levantar a cabeça com um olhar inquiridor. O Papa recuava graciosamente até à sua cadeira ornamentada, mão direita levantada em gesto de bênção. Viu de relance a expressão do Imperador e anuiu tenuemente com a cabeça. Napoleão soergueu-se e quase tropeçou para a frente ao pisar parte da cauda da sua veste. Recuperou o equilíbrio mesmo a tempo, e, proferindo um palavrão, pôs-se de pé e ascendeu ao último degrau do estrado. De um dos lados do Papa encontrava-se uma pequena estrutura dourada sobre a qual repousavam as duas almofadas com as coroas modeladas para o imperador e sua imperatriz.

Napoleão acercou-se da estrutura e hesitou por um momento de modo a transmitir o devido sentimento de reverência que a ocasião exigia. Depois, estendeu ambas as mãos e pegou na láurea de ouro da coroa imperial, concebida para evocar as dos Césares, e voltou-se lentamente segurando-a ao alto para que todos a vissem. Inspirou fundo, e, embora soubesse exatamente o que ia dizer, sentiu o coração latejar de excitação nervosa.

— Pela autoridade que o povo em mim investiu, aceito esta coroa e assumo o trono imperial da França. A todos os presentes, pela minha honra afirmo que defenderei a nação contra todos os inimigos, e que, pela vontade de Deus, governarei em conformidade com os desejos do povo e segundo os seus interesses. Que este momento declare ao mundo a grandeza da França. Que esta grandeza sirva de farol a outras nações para que se possam juntar a nós na glória da era vindoura.

Pausou e, em seguida, ergueu a coroa diretamente acima da cabeça e fê-la descer lentamente. A láurea de ouro era mais pesada do que antecipara e teve o cuidado de garantir que estava firmemente colocada antes de retirar as mãos. De imediato o coro voltou a fazer-se escutar a partir da sacada atrás do altar e cantou uma peça composta para celebrar o momento. Napoleão inclinou um tudo-nada a cabeça para trás e pôs-se a contemplar as filas de convidados que se estendiam diante dele. Ali descortinou expressões distintas. Alguns sorriam. Alguns assistiam com os semblantes graves e outros limpavam ao de leve as lágrimas das respetivas faces, arrebatados pela emoção daquela grande ocasião. Olhou novamente na direção de José e notou que os lábios do seu irmão mais velho tremiam acanhadamente en-

quanto se debatia para conter o orgulho e o amor que sentia por Napoleão. O mesmo orgulho e amor que sempre sentira desde a altura em que haviam partilhado o mesmo quarto na modesta casa em Ajaccio todos aqueles anos atrás, quando a orgulhosa família corsa concentrara todos os esforços no sentido de reunir o dinheiro para garantir que os rapazes tivessem uma formação decente numa boa escola francesa.

Napoleão permitiu-se trocar um sorriso breve com o irmão antes de a sua atenção se voltar para as filas formadas pelos seus marechais e generais, muitos dos quais haviam partilhado os seus perigos e aventuras desde os primeiros tempos da sua carreira militar. Soldados bravos como Junot, Marmont, Lannes e Victor. Homens que conduziria a ainda mais vitórias nos anos futuros acaso as restantes potências da Europa ousassem desafiar a nova ordem em França.

No momento em que o coro chegou ao final da peça e se silenciou, o Imperador virou-se para Josefina e esta avançou, a cauda da sua veste levada em mãos pelas duas amigas que designara para a honra depois de as irmãs de Napoleão terem recusado a tarefa. À semelhança do marido, vestia uma pesada túnica escarlate ricamente decorada com motivos em ouro, e, embora a sua cara permanecesse serena, os olhos brilhavam-lhe como valiosas gemas, à medida que avançava graciosamente em direção aos degraus e ocupava o seu lugar na almofada, ajoelhando-se aos pés de Napoleão. Inclinou a cabeça e permaneceu quieta.

Fez-se uma pausa no instante em que Napoleão aclarou a garganta e se dirigiu à assistência.

— É com enorme prazer que atribuímos a coroa da imperatriz de França a Josefina, a quem amamos tão sinceramente quanto à própria vida. — Pegou na coroa que restava e aproximou-se da mulher. Segurou o aro de ouro acima da cabeça dela e em seguida baixou-o vagarosamente sobre as tranças habilmente enroladas do seu cabelo castanho. No momento em que se afastou dela, o coro deu início à peça que fora composta em sua honra, as vozes melodiosas dos seus membros percorrendo toda a extensão da catedral. Napoleão curvou-se para a frente e pegou nas mãos de Josefina, erguendo-a ao máximo da sua altura enquanto ela subia para o estrado e se voltava, postada a seu lado, para encarar os seus súbditos.

A cerimónia terminou com uma oração do Papa e, seguidamente, Napoleão conduziu a sua Imperatriz degraus abaixo e de regresso à entrada da Notre-Dame. Ao passar pelo irmão mais velho, inclinou-se para ele e murmurou entre dentes:

— Ah, José, se o nosso pai nos pudesse ver agora!

## CAPÍTULO 2

*Abril de 1805*

Napoleão encontrava-se diante da janela, de olhos fitos nos jardins metodicamente agrupados do Palácio das Tulherias. Os primeiros rebentos da primavera haviam brotado dos ramos e o céu estava luzente e límpido, sucedendo a um breve rompante de chuva e vento que dissipara o enegrecido manto de fumo que habitualmente cobria Paris. Num dia normal, uma manhã tão bela seria suficiente para lhe animar o espírito, porém, hoje o Imperador contemplava a cena com uma expressão vazia. Tinha a mente enevoada por uma sucessão de pensamentos inquietantes em torno do relatório que Talleyrand acabara de lhe descrever em linhas gerais. Nenhum homem na Europa duvidava que a França era a maior potência do continente. A sua influência estendia-se das encostas do Mar Báltico ao Mediterrâneo. Mas ali, nos limites da água, o poder de Napoleão fracassava. No mar, os navios de guerra da armada britânica frustravam-lhe a ambição e a oposição da Grã-Bretanha alimentava a hostilidade fervilhante da Prússia, da Áustria e da Rússia.

Com um suspiro de fadiga, Napoleão voltou costas à janela alta e fitou o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros. — Os nossos agentes têm a certeza disto?

— Sim, *sire* — anuiu Talleyrand. — Foram dadas ordens aos generais austríacos para que comesçassem a concentrar as suas forças fora de Viena a partir do final de junho. Os comboios de abastecimento já se estão a reunir em depósitos ao longo do Danúbio. Os agentes do Imperador Francisco têm percorrido toda a extensão do continente para comprar cavalos de remonta para a sua cavalaria. As fortalezas que vigiam as entradas a partir de Itália foram fortalecidas e foram erigidas novas obras de fortificação exteriores nas imediações. O nosso embaixador questionou a corte austríaca sobre estes assuntos e exigiu uma explicação.

— E? — interrompeu Napoleão bruscamente.

— Os austríacos alegam que se trata apenas de um há muito atrasado ajustamento das suas defesas. Negam que haja qualquer elemento sinistro em torno destes desenvolvimentos.

— Era de esperar. — Napoleão exibiu um sorriso amargo. — Não obstante, aqui não há lugar a equívocos: isto são preparativos de guerra.

— Assim parece, *sire*.

— E as informações secretas do nosso embaixador na Rússia? Por muito que os austríacos possam fazer alarde da sua intrepidez militar, tenho sérias dúvidas de que arriscariam entrar em guerra com a França sem

uma aliança com pelo menos mais uma potência europeia. A questão que se coloca é: irá a Rússia lutar lado a lado com a Áustria, ou será a Prússia? — Napoleão fez uma pausa breve. — Ou as três? Tudo com o subsídio e a persuasão dos seus tesoureiros britânicos, claro está.

— Sim, *sire* — assentiu novamente Talleyrand. — Imagino que os britânicos irão oferecer as suas habituais linhas de crédito aos nossos inimigos, juntamente com provisões de armas e equipamento e um fluxo constante de ouro e prata.

— Claro. — Napoleão fungou com escárnio. — Como sempre, os britânicos gastam as suas riquezas e poupam as suas vidas, deixando o derramamento de sangue para os seus aliados. Então, e em relação à Rússia?

Talleyrand consultou por breves instantes uma nota numa folha de papel que segurava na mão, após o que olhou para cima na direção do seu Imperador.

— O Embaixador Caulaincourt relata que o Czar parece relutante em entrar sozinho numa guerra contra nós. Todavia tem-se verificado um grau de mobilização das forças russas que não pode ser simplesmente atribuída a uma postura defensiva. Se a Áustria de facto nos declarar guerra, nesse caso presumo que a Rússia possa muito bem ser persuadida a juntar-se à causa.

Napoleão entrelaçou os dedos e repousou o queixo nas suas pontas. Como sempre, os seus rivais pareciam determinados a destruir a França. Quase por uma questão de hábito. Se ao menos aceitassem que a França havia mudado. Não haveria qualquer regresso à tirania da dinastia de Bourbon. A França oferecia um modelo de uma sociedade melhor, refletiu Napoleão, e era isso que eles temiam acima de tudo. Se os seus próprios povos comesçassem a aperceber-se de que existia uma alternativa à parasitária aristocracia por descendência, aí os seus governantes tombariam como peças de dominó. Com o tempo, seguiriam a França pela estrada da revolução e, no final dessa estrada, emergiriam mais esclarecidos, mais emancipados, e inevitavelmente atraídos para uma família de nações sob a influência da França, e do seu imperador. Napoleão franziu o cenho. Esse dia ainda estava muito distante. No tempo presente, os seus inimigos estavam a reunir-se, como lobos, e o primeiro passo para os derrotar passava necessariamente por encontrar uma qualquer forma de separá-los. Olhou para cima no sentido de Talleyrand.

— O que é que pensa do novo czar?

Talleyrand contraiu os lábios por um momento e elaborou a sua resposta.

— A julgar pelos relatórios de Caulaincourt e pelas minhas conversas com o embaixador russo aqui em Paris, diria que o Czar Alexandre é um

jovem impressionável. E um tanto idealista. Tem como desejo melhorar a sorte do seu povo, porventura ao ponto de abolir a servidão. Todavia, não é de todo um tonto. Ele sabe muito bem que os proprietários rurais se opõem à sua ambição, e sabe quão perigoso isso pode ser.

Um sorriso fátuo desenhou-se no rosto de Napoleão.

— Com efeito, é coisa rara um czar morrer de causas naturais.

Talleyrand anuiu.

— Bastante, *sire*.

Napoleão sentou-se à secretária e enlaçou os dedos.

— Então estamos a lidar com uma espécie de radical. Isso é bom. Talvez ainda possamos convencer esse homem do nosso ponto de vista.

— Especialmente se considerarmos que o Czar tem planos de alargar a influência da Rússia ao Mediterrâneo e ao Leste.

Napoleão olhou para cima.

— Onde colidirá com as ambições britânicas.

— Precisamente, *sire*.

— Ótimo. Ora bem, certifique-se de que Caulaincourt alimenta o Czar com uma dieta constante de informações acerca da insaciável sede que a Grã-Bretanha tem do Império. Quanto à Prússia — sorriu curtamente —, vamos acenar-lhes com a perspectiva de uma pequena recompensa. Ofereceremos Hanôver aos prussianos em troca de neutralidade. O Rei Frederico Guilherme não é nenhum herói de guerra. O homem é fraco e facilmente influenciado. Um suborno deverá ser suficiente para lhe comprar a paz. O Czar é o nosso verdadeiro problema. Especialmente porque estamos em guerra com a Grã-Bretanha e provavelmente também estaremos em guerra com a Áustria no futuro próximo.

— Sim, *sire* — assentiu Talleyrand.

Havia qualquer coisa no seu modo que tinha chamado a atenção de Napoleão, e este, por instantes, olhou atentamente para o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros antes de voltar a falar.

— Tem algo a dizer.

Tratava-se da enunciação de um facto e não de uma inquirição, conforme o Ministro dos Negócios Estrangeiros imediatamente reconheceu. Fez que sim com a cabeça.

— Então diga.

— Sim, *sire*. Estou em crer que ainda podemos evitar uma guerra com a Áustria, e porventura inclusive alcançar uma paz duradoura com a Grã-Bretanha.

— Paz com a Grã-Bretanha? Aquele traiçoeiro ninho de víboras? Creio que está iludido, Talleyrand. Não existe qualquer desejo de paz no seio dos governantes daquela ilha. Você leu o que os jornais deles disseram

a meu respeito. — Napoleão espetou um dedo no próprio peito. — Monstro, tirano e ditador. É isso que eles me chamam.

Talleyrand acenou desdenhosamente com a mão.

— Uma mera idiossincrasia da imprensa deles, *sire*. Os jornais britânicos são célebres pela sua parcialidade. Como o são os de Paris — acrescentou com uma ênfase branda. — Isso não faz deles os porta-vozes do seu governo. E existem homens em altos cargos que estariam dispostos a considerar a possibilidade de paz com a França.

— Então porque é que não anunciaram a sua vontade de viva voz?

Talleyrand encolheu os ombros.

— Nem sempre é fácil defender a paz em tempos de guerra. No entanto, as pessoas da Grã-Bretanha devem estar tão cansadas da guerra quanto os cidadãos da França. Certamente que haverá margem de manobra para que as nossas nações vivam em paz, *sire*. Temos de quebrar o ciclo da hostilidade antes que nos arruíne a todos. Temos de negociar.

— Porquê? De que é que serve? — disse Napoleão, rude e impaciente. — A Grã-Bretanha tornou claro que não ficará satisfeita com outra coisa que não a minha destruição, a restituição do trono aos Bourbon e a humilhação da França. E depois a Grã-Bretanha dominará o continente.

— *Sire*, com o devido respeito, discordo. A Grã-Bretanha, no fundo, é uma nação de comerciantes, de homens de negócios. Se lhes pudéssemos mostrar que podem comerciar com a Europa tão livremente quanto desejarem, então talvez conseguíssemos convencê-los de que esta guerra é desvantajosa, em todos os sentidos. Se achássemos alguma solução de compromisso, poderia haver paz com a Grã-Bretanha, e paz em toda a Europa. — Talleyrand pausou e lançou um olhar intenso ao seu imperador. — *Sire*, se me desse permissão para encetar negociações com a Grã-Bretanha, aí...

— Aí nada! — Napoleão deu uma palmada na mesa. — Daí não resultaria nada. Não vou aceitar um compromisso. Não estou disposto a receber ordens daquela nação de comerciantes! Só existe espaço para uma potência no centro da Europa. Você não vê, Talleyrand? Se quer verdadeiramente a paz, então a Europa tem de ser dominada. Se entrarmos em soluções de compromisso e falarmos como iguais, haverá sempre diferenças, inimizades e conflito.

Instalou-se um silêncio breve enquanto Talleyrand fitava Napoleão para, em seguida, abanar a cabeça.

— Isso é o conselho do desespero, *sire*. Será certamente preferível negociar para conquistar os outros a confiar na guerra.

— Talvez, mas pelo menos a guerra possui a virtude de garantir ao vencedor o direito de ditar os termos da paz. Depois não há qualquer necessidade de chegar a um compromisso.



— A que custo, *sire*? Quanto ouro seria desperdiçado? Quantas vidas destruídas? A guerra não é mais do que o fracasso da diplomacia, *sire*.

— Engana-se, Talleyrand. No limite, a guerra é a continuação da diplomacia. É também a mais poderosa força para a unidade numa nação. Não permite qualquer compromisso e, se resultar em vitória, uma nação torna-se rica em glória e auto-estima e pode remodelar o mundo circundante em função dos seus maiores interesses. A negociação é o primeiro recurso dos fracos. A guerra é a defesa dos poderosos. Se a França tem uma aptidão para a guerra, então a guerra torna-se o meio mais eficiente por intermédio do qual ela pode exercer a sua influência. — Napoleão recostou-se na cadeira e sorriu. — E não é verdade que demonstrámos um talento peculiar para a guerra nos anos recentes?

— Um talento para a guerra? — A sobrancelha de Talleyrand ergueu-se de surpresa. — A guerra é uma coisa terrível, *sire*. Dir-se-ia que tal talento, como lhe chama, seria uma fonte de vergonha e não tanto uma virtude.

— Você não conhece a guerra como eu — replicou Napoleão. — Fui soldado a maior parte da minha vida. Estive na guerra durante quase doze anos. Participei em campanhas através das nações da Europa até aos desertos da Arábia. Combati em inúmeras batalhas e mantive-me firme no meio de tempestades de mosquetes e tiros de canhão. Fui ferido e vi amigos morrer. Vi os mortos e os moribundos, Talleyrand. Amplos campos deles. Também vi homens no seu melhor. Vi-os dominar os seus medos e terrores e atacar em circunstâncias avassaladoramente adversas. Vi-os marchar, descalços e famintos, durante dias a fio, e no fim de tudo isso travar uma batalha e ganhar. Vi tudo isto. — Sorriu. — Como vê, Talleyrand, compreendo a guerra muito bem. Mas você? O que sabe dela? Um aristocrata por descendência. Uma criatura dos salões de Paris e dos palácios de príncipes e reis. O que sabe você do perigo? No auge da revolução nem sequer estava aqui em Paris. Portanto, antes de se atrever a dar-me uma palestra acerca dos males da guerra, faça-me o obséquio de restringir os seus comentários à esfera da sua própria competência. Você lida com a diplomacia. Faz o que pode pela França com a sua eloquência e as suas intrigas. Mas lembre-se disto. É um servente da França. Um servente do imperador. É um meio para o fim, e eu, eu sozinho, decido a natureza desse fim. Entendido?

— Sim, *sire* — retorquiu Talleyrand num tom brando, por entre os dentes cerrados. — Entendo perfeitamente.

Napoleão fitou atentamente o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros por um momento e depois, subitamente, sorriu e acenou com as mãos num gesto de desinteresse.

— Vamos lá! É assim mesmo. Não falemos mais de filosofias, mas sim de coisas concretas. No momento presente, desejo entrar em guerra tanto quanto você. Mas uma pessoa deve acautelar-se em relação às eventualidades.

— Com certeza, *sire*.

— Então temos de induzir os nossos amigos, os austríacos, a acreditar que não existe qualquer vantagem em entrarem em guerra connosco. Retirámo-los dos domínios da Itália. Agora é chegada a altura de fazê-los saber que a França é a nova e permanente senhora dos reinos da Itália.

— *Sire?*

— Quero que faça os preparativos para uma nova coroação. — Napoleão inclinou a cabeça para trás. — No final da primavera, o mais tardar, serei coroado rei de Itália. E alargaremos todos os benefícios do nosso código civil e da nossa governação aos nativos dessa terra. Em suma, faremos deles franceses quanto antes, para que nunca mais tenham de suportar serem governados pela Áustria.

— Rei de Itália? — disse Talleyrand pensativamente. — É essa a sua vontade, *s?*

— É, sim. Certifique-se de que os preparativos são iniciados de imediato.

— Sim, *sire*.

— Agora pode ir, Talleyrand. Terminei o que tinha a tratar em Paris por alguns dias. Se precisar de mim, estarei em Malmaison com a Imperatriz e a minha família.

— Sim, *sire*. — Talleyrand calou-se por instantes. — E o outro assunto, *sire?*

— Outro assunto?

— A questão de encetar negociações com a Grã-Bretanha?

— Não haverá quaisquer negociações. A Grã-Bretanha quer guerra, e guerra terá.

Talleyrand assentiu tristemente com a cabeça e saiu do compartimento, coxeando sobre a perna deformada. No momento em que a porta se fechou atrás do Ministro dos Negócios Estrangeiros, a expressão de Napoleão ficou severa. Por muito que prezasse as suas competências diplomáticas, não confiava em Talleyrand. O charme delicado e o tom vagamente trocista da sua voz faziam com que Napoleão se sentisse amargo e furioso, sentimento que o Imperador se via obrigado a dissimular tanto quanto possível de modo a assegurar os serviços do Ministro dos Negócios Estrangeiros. Ainda assim, decidiu que iria vigiar o homem mais de perto através dos espões de Fouché. Embora Napoleão não tivesse dúvidas de que Talleyrand era um patriota, esse sentido de patriotismo encontrava-se associado a uma

noção muito particular dos melhores interesses da França, noção essa que não estava em harmonia com os planos de Napoleão para o Império.

Contudo, uma coisa era certa. A Grã-Bretanha tinha de ser destruída. Graças às imprevidentes vinte milhas de mar que separavam a França dos penhascos de Dover, só havia uma maneira de esmagar o inimigo: a marinha de guerra britânica teria de ser varrida do Canal de modo a que Napoleão pudesse liderar o Grande Exército numa invasão da Grã-Bretanha e ditar os termos da paz na própria cidade de Londres.

### CAPÍTULO 3

— Ora, porque é que não hei de ter dez novos pares de sapatos? — Josefina carregou o sobrolho enquanto se servia de uma chávena de café acabado de fazer; depois, hesitou diante de um prato com doces até os seus dedos descobrirem ao acaso um pequeno biscoito com cobertura de mel. Segurando-o delicadamente entre o dedo indicador e o polegar, conduziu-o aos lábios e deu uma trinca, mastigando por um momento antes de prosseguir. — Afinal de contas, eu sou a imperatriz, e não te seria de todo vantajoso se eu fosse vista em público enfiada numa qualquer serapilheira coçada e num par de chancas maltratadas. Para além disso, está ao alcance da tua carteira.

Estavam sós na sala de estar privada, olhando desde cima os jardins nas traseiras da casa senhorial. No exterior, o crepúsculo instalava-se sobre o campo e o frio que se fazia sentir era suficiente para justificar o fogo que ardia na lareira, emitindo ocasionalmente um estalido ou silvo repentinos do mais recente lenho lançado às brasas. Napoleão folheava páginas de correspondência num tabuleiro pousado sobre o colo. Voltou a dar uma pancada leve numa outra carta.

— Cá temos mais uma. De um fornecedor de cortinas em Lyon... Cinco fardos de seda. — As sobranceiras de Napoleão ergueram-se. — Cinco fardos de seda! Valha-me Deus, sabes quanto te cobrou por isso?

Josefina encolheu os ombros.

Napoleão suspirou ao mesmo tempo que inclinou a cabeça na direção das cartas empilhadas no tabuleiro. — A maioria é de fornecedores da residência imperial. Para além da seda, fazem menção a sapatos, chapéus, vestidos, cavalos, mobiliário, vinho, bolos... Em todos os casos declaram respeitosamente que as contas ainda não foram ajustadas.

— Era bom que mostrassem algum respeito, esses ingratos. — Josefina fungou. — Depois de me ter dado ao trabalho de designá-los para fornecerem os seus produtos à casa imperial. Era de esperar que tivessem consciência da honra que lhes concedo.

— Ainda assim têm de ser pagos — admoestou Napoleão. — Não são instituições de caridade. E não podes continuar assim. Era capaz de equipar uma brigada de infantaria com o que gastas por mês em caprichos insignificantes. Isso tem de parar, antes que esta licenciosidade prejudique a nossa reputação.

— Como é que isso pode acontecer? Aquele gorgulhinho do Fouché controla todas as notícias que chegam aos jornais. Dificilmente irá permitir a publicação de qualquer mexerico que debilite o seu senhor.

— Os mexericos espalham-se de boca em boca com a mesma facilidade com que se espalham através dos jornais — replicou Napoleão, aborrecido. — E não permitirei que as pessoas resmunguem por não pagares as tuas dívidas.

— Bem, a culpa é tua — disse Josefina petulantemente. — Se me deses o suficiente para equilibrar as receitas com as despesas, não terias de lidar com esses somáticos insignificantes e as suas queixas insolentes.

— Uma boa mulher sabe governar-se dentro dos limites do seu orçamento.

— Isso é o quê? — escarneceu Josefina. — Mais uma incisiva porção de sabedoria corsa da tua mãe?

— Já te avisei. Vais respeitar a minha mãe. Especialmente enquanto ela estiver debaixo do meu teto.

Havia passado mais de um mês desde que Letizia Bonaparte se juntara à família real, após ter recuperado da doença.

— Aí está mais uma coisa — acrescentou Josefina. — Quanto tempo é que ela vai ficar?

— O tempo que ela desejar.

— Claro — disse, rindo secamente entre dentes. — Ela age como se estivesse em casa, e passa os dias a implicar com quase tudo o que digo ou faço. Ela despreza-me, e sei que te envenena o espírito contra mim sempre que tem uma oportunidade.

— Basta! — exclamou Napoleão rudemente, arremessando a correspondência à sua mulher. O tabuleiro chocou com a bandeja de doces e a requintada porcelana e o respetivo conteúdo tombaram da mesa, despedaçando-se no chão. Josefina pulou para trás no seu assento, com os olhos escancarados de susto. Ainda tinha migalhas nos lábios enquanto engolia nervosamente, de olhos fitos no marido. Napoleão pôs-se de pé, caminhou na direção da mulher e inclinou-se próximo dela, cravando-lhe um dedo para dar mais ênfase às palavras.

— Não voltas a falar dessa maneira, estamos entendidos?

— Sim, esposo. — A voz tremeu-lhe. — Como desejares.

— É isso mesmo. — Fez que sim com a cabeça. — Como eu desejar.

Serás amável e respeitosa para com a minha mãe, e para com o resto da minha família, independentemente do que te possam dizer. Apesar de tudo, no meu íntimo ainda sou um corso, e a minha família tem para mim uma importância maior do que algum dia possas supor. Entendido?

Josefina anuiu com a cabeça, enganchando as mãos de encontro ao peito. As lágrimas começaram a brotar-lhe dos olhos enquanto observava, medrosamente, o marido. Napoleão olhou para trás por um momento; depois soltou um suspiro profundo e, curvando-se, pegou nas mãos dela.

— Desculpa. O meu temperamento não é o que era. Tenho muita coisa a ocupar-me a cabeça. Tenho pouca paciência para os pequenos detalhes a que todo o marido deve prestar atenção. Perdoa-me. — Fez descer a cabeça e beijou-lhe os dedos.

Josefina assentiu, e o peito latejou-lhe um pouco com o esforço que empreendeu para controlar as lágrimas.

— A culpa é minha. Eu sei que devia demonstrar-lhe maior respeito, mas... ela odeia-me. Tal como toda a tua família. Eles sempre me odiaram. Não consigo suportar isso.

— Psiu. — Napoleão pôs-lhe a mão em concha sobre a bochecha. — Ninguém te odeia. Eles são corsos com princípios corsos. — A mente de Napoleão desviou-se momentaneamente para a irmã Pauline e para o modo escandaloso como se comportava. Os seus inúmeros casos eram do conhecimento público. Porém, sempre fora promíscua. Napoleão estremeceu ao recordar o episódio em que a apanhara com um granadeiro atrás de um biombo na sua sala de mapas aquando da sua primeira campanha em Itália, nove anos atrás. Meneou a cabeça. — Pelo menos a maior parte deles. De qualquer das formas, não terás de suportar a minha família por muito mais tempo.

— Oh?

Napoleão sorriu. — Vamo-nos ausentar da França por dois, talvez três, meses.

— Ausentar da França? — replicou Josefina com prudência. — Não se trata de uma nova campanha?

— Não, a menos que a Grã-Bretanha tenha decidido invadir a Itália.

— Itália! — A expressão de Josefina iluminou-se de imediato ao recordar os tempos em que Napoleão comandara pela primeira vez um exército, a receção quase real no palácio em Montebello onde os seus dias haviam sido passados sem quaisquer preocupações e se vira rodeada pelas mais brilhantes mentes e mais animadas personalidades dos reinos italianos. — Quando é que partimos?

— Antes do final do mês. — Napoleão sorriu. — Por favor, certifica-te

de que não encomendas roupas novas para a viagem que depois não podes pagar.

— Sacana! — Josefina deu-lhe uma pancada no ombro, e depois a sua expressão pôs-se séria por um momento. Envolveu-lhe o pescoço com os braços e puxou-o para baixo, na direção da cadeira, beijando-o em cheio na boca. O pulso dela acelerou e depois ele colocou as mãos sobre as tiras que lhe apertavam o corpete.

— Vai ser como da última vez — pronunciou mansamente. — Não, vai ser melhor do que da última vez que estivemos juntos em Itália. Juro.

Napoleão roçou suavemente os lábios desde o arco do pescoço de Josefina até à macia elevação do seu peito, e do canto do olho reparou, pelo relógio que tiquetaqueava acima da lareira, que ainda havia tempo para fazerem amor antes de se arranjam para o jantar com a sua família.

Por norma, Napoleão encarava o ato de comer como um mal necessário e comia velozmente antes de regressar ao seu trabalho. Mas não nessa noite. Em redor da mesa sentavam-se a sua mulher, os seus irmãos José e Lucien, as suas irmãs Caroline e Pauline, e, na outra extremidade da mesa, a sua mãe, Letizia. Quando o prato principal foi servido e os criados se retiraram da sala e fecharam silenciosamente as portas atrás de si, Caroline pigarreou.

— Constatou-me que vais de visita a Itália.

Josefina sentiu um pequeno sobressalto ao escutar a frase e prontamente lançou um olhar de esguelha a Napoleão, que tudo fez para controlar a sua surpresa, perguntando:

— Onde é que ouviste isso?

— Do meu marido. O Joachim tomou conhecimento por intermédio do seu chefe do estado-maior.

— A sério? — Napoleão pôs-se com ares superiores. O Marechal Joachim Murat era o comandante de cavalaria mais talentoso do Imperador, porém, à semelhança da maior parte dos da sua espécie, possuía uma inclinação para se pavonear e ser indiscreto. Se ele escutara a novidade da iminente viagem a Itália, então era quase certo que seria o tema de todas as conversas em metade dos salões em Paris.

Acenou à sua irmã.

— Muito bem, então. Já que o segredo foi desvendado, sim, é verdade. Pretendo fazer uma digressão pelos nossos territórios em Itália.

— Também é verdade que vais ser coroado rei de Itália?

Essa informação só poderia ter partido de Talleyrand, apercebeu-se Napoleão de imediato. Mas por que razão divulgaria ele o conhecimento dos planos de Napoleão? Porventura para prevenir pretensos assassinos? No exato instante em que o pensamento lhe passou pela cabeça, Napoleão

forçou-se a afastá-lo. Desde o sangrento atentado contra a sua vida quatro anos antes que vinha demonstrando uma propensão para ver ameaças em toda a parte, mas adquirira a consciência de que não podia gerir a sua vida de modo eficaz se vivesse num estado de medo.

— É verdade, Caroline.

Na extremidade oposta da mesa, a mãe dele riu secamente.

— Mais uma coroação? Colecionas coroas, meu filho?

Napoleão soltou uma risada, e os outros procederam da mesma maneira durante algum tempo, desanuviando finalmente alguma da tensão que pairara sobre a mesa de jantar desde que a refeição começara.

— Estou preparado para colecionar coroas desde que isso seja vantajoso, minha mãe. No entanto, seria impróprio abusar de tais aquisições.

— Especialmente para alguém que era um jacobino tão fervoroso há não muitos anos — acrescentou Lucien brandamente.

Napoleão virou-se para o irmão mais novo com uma expressão abatida. Lucien sempre fora o mais radical de todos os irmãos, perigosamente radical.

Lucien sorveu um trago do copo de vinho e prosseguiu:

— Lembras-te, irmão, quando derrubámos o Diretório e te tornaste primeiro cônsul?

— Lembro.

— E recordas-te que puxei da espada e fiz um juramento dizendo que, se algum dia traíesses a França ou te tornasses tirano, eu próprio enterraria essa lâmina no teu coração?

— Recordo-me.

— Agora és imperador, e prestes a aceitar uma nova coroa. — Ergueu o copo numa saudação sarcástica. — Isso de certo modo ridiculariza o meu juramento, não te parece?

— Ridicularizaria se eu me tivesse tornado um tirano — replicou Napoleão calmamente. — Mas as pessoas votaram em mim para assumir o cargo de imperador, o que faz com que represente a corporização da sua vontade. Nesse caso, não sou nenhum tirano, e a tua honra permanece intacta.

— Um advogado não veria problema algum nessa formulação — concedeu Lucien. — Todavia, o meu juramento está honrado na letra escrita e não no espírito.

— Como queiras, Lucien. Mas os tempos mudaram. A revolução estava a resvalar para o caos antes de termos posto fim ao Diretório. Desde então, a França tem vivido na ordem.

— Verdade, mas trocámos a ordem pela liberdade.

— É possível que assim seja, mas achas mesmo que isso tem impor-

tância para a vasta maioria das pessoas? Elas precisam de emprego. Elas precisam de pão, e, acima de tudo, precisam de uma sensação de estabilidade. Tudo elementos que faço tenção de proporcionar. Tudo depende do significado que quiseses atribuir ao conceito de liberdade, Lucien. — Napoleão interrompeu a fala enquanto desenvolvia a ideia na sua mente. — Para ti, e para mim, e para todos aqueles que frequentam os salões, trata-se de um ideal, e, à semelhança de todos os ideais, representa um luxo. A única liberdade que tem importância para o povo é a liberdade do sofrimento.

Lucien carregou o cenho, abanou a cabeça e fitou a comida no seu prato de borda dourada.

— Se não cabe aos homens aspirar a ideais, Napoleão, então o que é que nos distingue dos animais?

— Existe sempre um lugar para os ideais e para aqueles homens que os discutem e apresentam a sua causa. Porém, tais homens escasseiam e devem ser protegidos e elevados a posições privilegiadas.

— Por outras palavras, devem tornar-se aristocratas. Quer-me parecer que estás a advogar um regresso aos males do regime dos Bourbon.

Napoleão encolheu os ombros.

— Desde que um homem tenha talento, não usarei as suas origens contra ele, mesmo que se trate de um cretino emproado como o Talleyrand.

José riu-se, e depois de olhar em volta para as expressões chocadas nos rostos das mulheres, Napoleão juntou-se a ele.

O próprio Lucien sorriu em resposta à observação.

— Tiraste bem as medidas a esse homem, meu irmão.

Ergueram os copos na direção uns dos outros e beberam mais um gole de vinho.

Letizia aclarou a garganta.

— Obviamente, é muito louvável da tua parte que ofereças tais recompensas aos homens talentosos, mas como podes tu garantir que permanecerão leais à nova ordem? Podes confiar em homens que se deslumbram tão facilmente com as ninharias que lhes ofereces?

— Claro, minha mãe. Existe maior incentivo à lealdade do que a perspectiva de recompensa por um bom serviço?

— A família — retorquiu de imediato. — Não existe maior laço de lealdade do que o sangue.

Napoleão assentiu com a cabeça.

— E é por esse motivo que devo elevar a minha família e os meus amigos a altas posições na França, e, com o tempo, colocá-los nas casas reais das potências europeias, e porventura em tronos próprios.

— Não podes estar a falar a sério. — José riu entre dentes. — Farias de mim um rei?



— Um dia, talvez, e mais cedo do que possas imaginar.

— Isso é um absurdo! — José meneou a cabeça. — Não nasci para ser rei, tal como aqui o Lucien, ou o Louis ou o Jérôme.

— Discordo — replicou Napoleão. — Qualquer um dos meus irmãos vale por dez czares, ou por qualquer governante colocado num trono por direito de nascença. Ora, basta olharmos para a Grã-Bretanha para vermos a prova disso. O Rei George é insano, e o seu herdeiro é um libertino irresponsável. Não existem cem, mil, homens melhores na Grã-Bretanha com capacidade para governar? Portanto, quando chegar a altura, farei de todos vocês reis.

— Quer isso seja desejo nosso ou não? — perguntou Lucien.

— Preciso de aliados em quem possa confiar. Como diz a nossa mãe, que melhor laço existe do que o sangue? Estão comigo?

Lucien pôs-se a pensar durante algum tempo, após o que encolheu os ombros.

— Sou teu irmão. Claro que estou contigo. Desde que não sejas nenhum tirano.

— E tu, José?

O irmão mais velho exibiu um sorriso rasgado e levantou o copo.

— Até ao fim.

— O único fim que reconheço é a glória perpétua.

— Perpétua? — Letizia contraiu os lábios e lançou um olhar de esguelha a Josefina. — Isso só acontecerá se conceberem um sucessor. Sem um herdeiro, tudo se desmorona.

— Haverá um herdeiro — disse Napoleão firmemente. — É apenas uma questão de tempo.

— O tempo é a grande questão — disse a mãe. — Já estão casados há mais de dez anos. Josefina, lembre-me. Que idade tem você?

A Imperatriz estremeceu mas não respondeu enquanto Letizia se inclinava na sua direção e começava a dar pancadas leves com o dedo sobre a mesa.

— Quarenta e dois, se a memória não me atraiçoa. Estou certa?

Josefina fez que sim com a cabeça.

— Pois bem, minha querida, perdoar-me-á, mas isso não é um pouco tarde para carregar um filho?

Napoleão apressou-se em defesa da mulher.

— Mulheres mais velhas deram à luz crianças saudáveis, minha mãe. Ainda há tempo.

Josefina fitou-o do outro lado da mesa e, sem rodeios, disse:

— Mulheres mais velhas? Obrigada.

— Tens de ter um herdeiro — insistiu Letizia.

— E terei. A Josefina deu à luz duas crianças saudáveis...  
— Isso foi há muito tempo.  
— E irá gerar mais.  
— Quando? — perguntou Letizia bruscamente.  
— Quando chegar a altura certa, minha mãe.  
— E se isso não acontecer?  
— Acontecerá — contradisse Napoleão ferozmente, embora no seu íntimo soubesse que havia poucas hipóteses de isso acontecer.

— Terá de acontecer, se ela quiser justificar o facto de ser a mulher do imperador da França.

— Basta! — Josefina bateu estrondosamente com a mão na mesa, assustando as restantes pessoas, que se calaram. — Não permito que se fale de mim dessa maneira. Compreende? Não permito. Diz-lhe, Napoleão.

Napoleão retribuiu-lhe o olhar, e depois fixou a atenção na sua mãe. Os lábios de Josefina tremeram.

— Não tolerarei isto! Que direito tem ela de me falar deste modo?

— Que direito? — Letizia endireitou o magro corpo na cadeira. — O direito que me foi conferido por ter trazido treze filhos a este mundo, oito dos quais sobreviveram. Não apenas dois.

Josefina lançou-lhe um olhar rancoroso, após o que se levantou abruptamente.

— Vá para o diabo! Vão para o diabo todos vocês, corsos!

Rodou sobre si mesma e encaminhou-se a passos largos para a porta enquanto as lágrimas lhe estrangulavam o peito. Abriu a porta de par em par e fechou-a com um estrondo atrás de si. Fez-se um silêncio perplexo, interrompido pelo som dos seus passos afastando-se ao longo do corredor.

Caroline percorreu a mesa com os olhos e murmurou por entre os dentes: — Sempre disse que ela não era suficientemente boa para o Napoleão.

— Silêncio! — disparou Napoleão na sua direção. — Não sabes do que estás a falar, minha tonta. A tua memória é assim tão curta? Quando chegámos a França, éramos fugitivos sem casa, sem dinheiro, sem influência. Josefina era a mulher de um conde, a confidente dos mais poderosos políticos da capital, e os homens andavam de beicho caído por ela. No entanto, foi a *mim* que escolheu como marido. Numa altura em que mal tinha dinheiro para o uniforme que vestia e vivia numa espelunca em ruínas. Fazes a mais pequena ideia do que isso significa para mim? Eu adorava-a. Ainda adoro — acrescentou rapidamente. — Com Josefina posso ser eu próprio. Quando me vejo rodeado de homens menores e bajuladores, só Josefina me garante honestidade e compreensão. Devo-lhe a minha lealdade. E o meu amor. Por isso não ouses tentar interpor-te entre nós.

Caroline encolheu os ombros.

— Tudo isso está muito certo, mas em troca ela deve-te um herdeiro, Napoleão. Onde está o teu filho?

A expressão de Napoleão ficou lúgubre, porém, antes de poder responder, a mãe dele interveio.

— E isso tem importância? Aquela mulher é claramente velha de mais para a maternidade. Só existe uma solução para o problema e quanto mais cedo aceites isso, melhor será, meu filho.

Napoleão abanou a cabeça.

— Não farei isso. Não farei.

— Talvez não agora. Mas independentemente dos teus sentimentos por ela, tens uma obrigação para com o teu povo. Tem de existir um sucessor imperial. — Letizia fez-lhe um sinal de advertência com o dedo. — Mais cedo ou mais tarde, terás de oferecer à França um herdeiro para o trono. Especialmente se partires novamente para a guerra e te colocares numa situação de perigo.

— Perigo? — Napoleão riu-se. — A minha mãe não sabe? A minha vida é bafejada pela sorte.

— A tua sorte não durará para sempre.

— Porque não?

Letizia encolheu os ombros.

— Nenhuma sorte de nenhum homem dura. Já vivi o tempo suficiente para o saber. E, portanto, tens de ter um herdeiro.

— Haverá tempo que chegue para isso. — Napoleão esvaziou o copo e afastou a cadeira da mesa, indicando que a refeição havia chegado ao fim. — Mas antes há a pequena questão de esmagar a Grã-Bretanha, de uma vez por todas.

## CAPÍTULO 4

Arthur

*Londres, setembro de 1805*

Para Sir Arthur Wellesley, a visão de Londres era bem-vinda e familiar após seis meses no mar em viagem desde a Índia. Havia passado quase nove anos desde a última vez em que pusera os pés na capital, e não conseguiu evitar erguer-se do lugar e debruçar-se na janela enquanto a carruagem subia ruidosamente uma pequena colina, a partir da qual se tinha uma bela

panorâmica sobre as casas desordenadas de Londres, e se vislumbrava o reluzente Tamisa e uma floresta de mastros da frota que trazia matérias-primas e objetos de luxo para a Grã-Bretanha e transportava os artigos manufaturados desta nação por todo o mundo.

Agora, graças aos seus esforços e aos do seu irmão Richard, a riqueza e o poder da Grã-Bretanha haviam sido ampliados pela imensa faixa de territórios indianos que tinham conquistado. Enquanto Richard exercera o cargo de governador-geral, Arthur ganhara as esporas de cavaleiro no exército, ascendendo do posto de coronel para o posto de major-general à frente de um exército que conseguira uma série de grandes vitórias. Finalmente, as suas façanhas haviam sido recompensadas com o título de cavaleiro e regressou à Grã-Bretanha na condição de homem de experiência, riqueza e influência.

Aos trinta e seis anos de idade, sentia que estava no auge dos seus poderes e estava devidamente apto a servir o seu país na titânica luta contra a França. Na altura em que deixara a Grã-Bretanha, o inimigo era uma república revolucionária. Agora a França era um Império, governada pelo tirano Bonaparte. Com muito tempo desocupado nos últimos seis meses, Arthur lera todos os jornais que o navio recolhera nos portos ao longo do caminho e acompanhara o progresso de Bonaparte pautado por êxitos sucessivos. Era uma assombrosa história de sucesso, admitiu Arthur a contragosto. O homem era claramente uma fenomenal força da natureza que alcançara tanto em tão pouco tempo. Era uma pena que as qualidades de Bonaparte enquanto general e estadista não fossem moderadas por nenhum desejo de paz com os reinos vizinhos. No final da atual guerra, Bonaparte seria senhor do mundo, ou a França seria humilhada. Aos olhos de Arthur, era dever da Grã-Bretanha ocasionar essa derrota, por muito tempo que levasse, por muitos milhões de libras que custasse, e por muitas vidas que sacrificasse.

Os primeiros arrepios do outono estavam ainda a algumas semanas de distância, pelo que o céu sobre a cidade se encontrava coberto apenas por uma ligeira névoa de fumo amarelado. Assim que o inverno se instalasse, lembrou-se Arthur, haveria uma mancha perpétua a atravessar o céu nos dias quietos enquanto o fumo de centenas de milhares de fogueiras se envolvia sobre a cidade de Londres. Por instantes, relembrou as brisas frescas que haviam acompanhado a sua recente jornada marítima. O navio atracara em Portsmouth apenas dois dias antes e ele ainda não se havia desabituaado do balanço do navio. De cada vez que descia da carruagem, sentia o chão estranhamente instável debaixo dos pés, como se ainda estivesse sobre um convés de madeira que subia e descia numa regularidade monótona durante dias a fio. Experimentara algumas semanas de clima en-

furecido quando o *Indiaman* contornou a custo o Cabo do Sul sobre águas agitadas, mas durante a maior parte da viagem havia tido possibilidade de descansar e recuperar dos esforços de vários anos de uma dura vida de soldado na Índia.

A visão da cidade aligeirou-lhe a disposição séria, e sorriu ante a perspectiva de estar reunido com a sua família e visitar uma chusma de antigos amigos. Ainda mais importante, Arthur estava desejoso de descobrir como estavam as coisas entre ele e Kitty, a jovem amada que deixara na Irlanda. As escassas comunicações entre eles ao longo dos dez anos volvidos constituíam uma pobre base a partir da qual pudesse julgar a verdadeira natureza dos sentimentos dela por ele. E o que acharia ele dela? Dez anos bem podiam ter operado uma mudança significativa no carácter de Kitty, já para não falar na sua aparência. Porém, não fora a sua aparência que lhe conquistara o coração em primeiro lugar, lembrou Arthur a si próprio. Fora aquela sua peculiar vivacidade que a demarcava de todas as ingénuas, afetadamente recatadas e, no fundo, broncas debutantes que enfeitavam o círculo social do Castelo de Dublin. Acaso permanecesse inalterada, a sua personalidade ajustar-se-lhe-ia admiravelmente. A questão era: como deveria Arthur proceder no respeitante a conquistar-lhe a mão?

Tentara-o anteriormente, alguns meses antes de partir para a Índia, quando pedira ao seu irmão mais velho, Tom, permissão para a desposar. Na condição de mero major, com poucas probabilidades de ganhar uma fortuna, e com todas as probabilidades de uma morte prematura, Arthur pouco mais tinha a oferecer para além do seu amor. Para um homem prático como Tom, tal emoção não era nem atrativa nem desejável. E, portanto, recusara o pedido de Arthur, apesar do facto de, por aquela altura, Kitty já ter oferecido o seu coração ao jovem oficial. Numa derradeira tentativa de prender os afetos dela, Arthur escrevera uma carta declarando que os seus sentimentos por ela não mudariam, e que se regressasse com posição e riqueza e ela se mantivesse solteira, a sua proposta de casamento se manteria de pé.

A carruagem meteu por uma estrada ao longo de um ligeiro declive e a paisagem de Londres perdeu-se por trás de um renque de árvores, portanto Arthur recostou-se no seu lugar, em frente ao considerável volume do outro passageiro que viajava para Londres. O homem vestia um casaco escuro com uma gravata alta de renda branca tecida com um intrincado desenho. Haviam trocado uma saudação estritamente formal no início da viagem, e pouco mais palavras tinham pronunciado desde então. O Sr. Thomas Jardine anunciara que era um banqueiro e, quando Arthur dissera o seu nome em resposta, dera claros indícios de que nunca tinha ouvido falar do jovem Major-general. O Sr. Jardine comprara um jornal na última paragem. Agora dobrava-o e pousava-o no assento de couro ao lado dele.

Arthur gesticulou na direção do jornal.

— Posso?

— Com certeza, senhor. Esteja à vontade.

— Obrigado.

Arthur pegou no jornal e abriu-o sobre o colo. Um dos artigos de maior destaque abordava os preparativos de batalha por parte do herói naval da Grã-Bretanha, o Almirante Lorde Nelson. Arthur já estava familiarizado com as mais notáveis façanhas daquele homem, nomeadamente a sua esmagadora vitória sobre os franceses na Baía de Aboukir, na costa do Egito. Todavia, Nelson prometia chegar ao ponto de ofuscar esse feito através de uma das maiores frotas que a Marinha Real Britânica alguma vez reunira. Nesse momento, os navios de guerra juntavam-se em Portsmouth, fazendo o carregamento de balas, pólvora e provisões para um grande teste de força contra as marinhas de guerra combinadas da França e da Espanha.

O Sr. Jardine agitou-se.

— Um homem e tanto, hem?

Arthur olhou para cima, baixando o jornal até ao colo.

— Senhor?

— Nelson. A melhor hipótese que a Grã-Bretanha tem de humilhar os *franciús*. Depois de lhes dar uma bela sova, acabam-se as conversas sobre uma possível invasão.

— Sim, creio que sim.

— Que sorte dos diabos a Marinha Real interpor-se entre nós e o *Monsieur* Bonaparte. Se assim não fosse, todos seríamos forçados a *parler franciú* e a gramar com eles até ao final do ano.

— Sim, somos de facto afortunados por termos Nelson e a marinha de guerra. — Arthur sorriu. — Mas não nos devemos esquecer do papel desempenhado pelo exército na defesa da Grã-Bretanha.

— Evidentemente — anuiu Jardine com um aceno de cabeça, as bochechas a baloiçar. — Embora ousasse afirmar que mesmo você admitirá que os nossos, hum, bravos casacas-vermelhas tiveram poucas hipóteses de se distinguirem nesta guerra.

O sorriso de Arthur desvaneceu-se.

— Posso garantir-lhe, senhor, que o exército desempenhou um papel tão importante quanto o da marinha.

— Oh, vá lá, não era minha intenção ofender. Pretendia apenas chamar a atenção para o facto de que o fardo da guerra recaiu, em grande medida, sobre os ombros dos nossos marinheiros. Não tem como negar isso, senhor.

— Não tenho? — Arthur rememorou a sua primeira campanha nas Terras Baixas. Metade dos seus homens havia morrido por força da neces-

sidade de comida e do frio cortante de um inverno terrível. Depois houvera a Índia, e as longas marchas debaixo de um calor abrasador antes de enfrentarem exércitos amplamente superiores em tamanho e os derrotarem. Fixou os olhos no outro homem e pigarreou. — Estou certo de que se estivesse em plena posse dos factos, não julgaria a contribuição do exército de forma tão dura.

Jardine abanou brevemente a cabeça.

— Não estou a ser duro. Perdoe-me se o pareço. Limito-me a apontar para o registo de ambos os serviços. Nos mares, os nossos marinheiros dominaram completamente o inimigo, ao passo que os nossos soldados não são adversário à altura dos franceses e não conseguiram guardar a mais pequena base de operações do continente. Em vez de combaterem directamente contra o inimigo, limitaram-se a debicar as suas colónias, longe do centro da luta.

— Dificilmente se poderá culpar os soldados se o governo opta por desdobrá-los dessa maneira — protestou Arthur.

— Precisamente, senhor. Consideremos a sua pessoa. — Jardine gesticulou no sentido da face bronzeada de Arthur. — A avaliar pela sua cor, presumo que tenha estado em serviço nos trópicos, ou algo parecido?

— Acabo de regressar da Índia.

— E o que fez lá de importante para este país?

Arthur respirou fundo. A questão era aterradora em termos da amplitude da resposta que podia dar, porém Jardine prosseguiu antes que ele tivesse possibilidade de começar.

— Garanto que você e os seus homens passaram a maior parte do tempo a afugentar os nativos da propriedade da Companhia das Índias Orientais.

— Alcançámos mais do que isso, senhor. É graças aos esforços do exército que neste momento a Grã-Bretanha governa terras muitas vezes superiores, em tamanho e dimensão, às Ilhas Britânicas.

— A Índia é um mero detalhe da nossa luta contra a França — retorquiu Jardine desdenhosamente. — Além disso, vocês estiveram a combater selvagens, não exércitos civilizados em termos. Como poderiam vocês perder numa contenda tão desigual?

Arthur recostou-se com uma expressão enfasiada. Aquele homem claramente não tinha conhecimento das campanhas que haviam sido empreendidas no coração do subcontinente ao longo da passada década. Nada sabia do sangrento ataque à capital fortificada de Seringapatam do Sultão de Mysore. Da desesperada marcha diante do vasto exército de Marata, em Assaye, para depois o atacar pelo flanco e o derrotar. Do corajoso avanço contra os canhões e as aglomerações de fileiras do inimigo em Argaum.

Dos longos meses de duras escaramuças com as colunas de bandidos lideradas pelo sanguinário Dhoondiah Waugh. Claramente, as proezas de Arthur e dos seus homens haviam passado despercebidas na sua pátria, a Grã-Bretanha. Quase como se fossem um exército esquecido conduzido por um general esquecido. Suspirou.

— Posso garantir-lhe que as tropas que tive a honra de comandar na Índia enfrentaram inimigos tão perigosos quanto os franceses. Quando chegar a altura de os nossos soldados enfrentarem Bonaparte em batalha campal, estarão mais do que à altura dele e dos seus homens.

— Com certeza, senhor. Com certeza — assentiu Jardine num tom conciliador. — Estou certo de que é bom no que faz. Contudo, do ponto de vista do leigo informado, onde me incluo, parece que a nossa principal esperança de derrotar os franceses reside na Marinha Real Britânica.

— Por Deus, está equivocado, senhor. Absolutamente equivocado — disse Arthur rudemente. — Como pode a marinha derrotar Bonaparte? Sem dúvida que o Almirante Nelson é capaz de derrotar os seus navios de guerra, mas apenas pode perseguir os franceses até à sua costa. E a partir daí, onde houver terreno sólido, Bonaparte poderá opor-se aos seus inimigos. Daqui se segue que a guerra entre a Grã-Bretanha e a França apenas pode ser decidida em terra. Quando chegar a altura certa, os nossos soldados irão combater no solo europeu e aí provarão que estão mais do que à altura dos melhores homens de Napoleão. Preste bem atenção ao que lhe digo, senhor. Testemunhará esse dia.

— Assim espero, senhor. Sinceramente espero. Mas disso depende a preparação do nosso governo para utilizar uma força militar suficientemente numerosa de modo a fazer a diferença.

Arthur anuiu com um aceno.

— E para a manter adequadamente abastecida e reforçada quando necessário. Tem razão, senhor. Até ao momento, o governo escusou-se a aplicar esse investimento na sua força militar. Mas isso vai mudar. Existem homens com visão em Westminster. Homens que podem ser persuadidos a enveredarem pelo caminho audacioso.

— Quem irá persuadi-los, senhor? A maioria dos nossos generais parece ser a fonte primordial da cautela e, ousaria dizer, da indecisão.

— Então caberá aos homens como eu próprio arranjar argumentos convincentes para promover a ação.

Jardine sorriu.

— Perdoar-me-á, senhor, mas o que é que o leva a crer que jovens oficiais terão um peso significativo nesta matéria?

— Porque falarei a verdade. Apresentarei os factos clara e logicamente



de modo a que não possa restar qualquer dúvida quanto ao caminho certo a seguir.

— Ah, mas você fala como um soldado. Aqueles que estão em Westminster tendem a falar e ouvir como políticos. Nas suas cabeças, factos e lógica são como argila; moles e infinitamente maleáveis. Receio que sobretime a influência da razão em tais homens.

Arthur ficou silencioso e quieto por um momento, antes de encolher os ombros.

— Veremos. — Pegou novamente no jornal. — Agora, se não se importasse, senhor, gostaria de terminar a leitura antes do final da viagem.

Jardine assentiu brevemente com a cabeça e virou-se para olhar através da janela com um ligeiro beicinho de reprovação desagradada.

Pouco tempo depois, a carruagem emergiu das árvores e entrou na primeira das aldeias que estavam a ser lentamente engolidas e dominadas pela capital que crescia descontroladamente. As casas de campo e pequenas lojas davam gradualmente lugar a um denso aglomerado de habitações que se erguia em ambos os lados, enchendo as estradas calcetadas de pessoas. Ocasionalmente, a carruagem passava por albergues e por instalações de pequenas indústrias de cujas chaminés era expelido fumo contra o céu, contribuindo para o manto castanho que pairava sobre Londres. Finalmente chegaram ao recinto da estação de carruagens em Chelsea, e depois de se despedir secamente do Sr. Jardine, Arthur deu uma gorjeta a um carrejão para que este transportasse a sua mala de viagem até um dos cabriolés que se encontravam à espera na rua. O resto da sua bagagem estava no porão do *Indiaman* e seria enviada para Londres assim que fosse descarregada.

— Cavendish Square, por favor — anunciou Arthur ao cocheiro no momento em que subia a bordo e fechava a porta, puxando-a.

— Sim, senhor! — aquiesceu o cocheiro, após o que agitou as rédeas, espicaçando o cavalo a seguir caminho. O cabriolé enfiou-se, ruidoso, no trânsito, circulando através da via pública apinhada de gente. De súbito, Arthur foi como que acometido pela consciência da diferença absoluta entre as ruas de Londres e aquelas a que se habituara na Índia. Aquando da sua meninice, a família dele vivera sobretudo na zona rural da Irlanda, e Arthur havia ficado horrorizado com a esqualidez e os odores a fumo e suor de Dublin e, posteriormente, de Londres. Mas rapidamente se habituara a eles, do mesmo modo que se habituara à chocante pobreza e ao cheiro nauseabundo dos primitivos bairros degradados das cidades indianas. Agora avaliava Londres com base num novo critério e maravilhava-se diante da óbvia riqueza da capital e das esplêndidas fachadas que apresentava às estradas pavimentadas e calcetadas.

No momento em que o cabriolé virava para a Cavendish Square, Ar-

thur pôs-se a meditar em torno da sua família. A casa que a mãe tomara de arrendamento ficava situada numa rua que saía da praça. Era modesta segundo os padrões da aristocracia, porém Anne Wellesley ficara crivada de dívidas após a morte do marido e o pouco que restava da sua fortuna pessoal era complementado por empréstimos dos filhos. Arthur perguntava-se que espécie de acolhimento lhe ofereceria ela depois de uma ausência de dez anos. Não se tinham despedido na melhor das relações, sobretudo porque nunca haviam tido a melhor das relações. Anne via Arthur como o menos capaz, e o mais indolente, dos seus filhos, e fora sempre fria com ele. Agora que era um major-general e o herói de Assaye, perguntava a si mesmo se aos olhos dela o seu valor teria subido. Iria agora abraçá-lo e mantê-lo entre os braços à semelhança do que acontecia com Richard, William e Henry?

Arthur deu uma pancada seca na parte lateral do cabriolé e gritou para o cocheiro:

— Pare aqui!

O cabriolé encostou e Arthur saiu na rua em frente à casa da sua mãe, endireitando o casaco enquanto esperava que o cocheiro trouxesse a sua mala de viagem do porta-bagagens. Depois, respirando fundo, subiu os degraus e bateu decididamente na porta com a aldraba de latão. Houve uma ligeira demora até que escutasse passos vindos de dentro e a porta se abrisse para revelar um criado.

— Sim, senhor?

— Arthur Wellesley. A minha mãe está em casa?

O criado perscrutou-lhe o rosto por instantes, antes de anuir com a cabeça e se desviar para o lado.

— Sim, *Sir* Arthur, a senhora está em casa. Se desejar esperar na sala de estar, tratarei da sua bagagem e informarei *Lady* Mornington da sua chegada.

Arthur anuiu com a cabeça, pagou ao cocheiro, e seguiu para a sala enquanto o criado trazia a sua mala para dentro. O chão da sala era alcatifado e a mobília cara e de bom gosto. Claramente a sua mãe tirara bom proveito da situação financeira melhorada dos seus filhos, meditou Arthur. Sentou-se e percorreu as paredes com o olhar. Acima da lareira estava uma série de pequenos retratos dos seus irmãos e irmã, abaixo de um retrato maior do seu pai, todavia não havia qualquer imagem de Arthur.

Antes que os seus pensamentos se pudessem tornar mais melancólicos, a porta foi aberta e a mãe dele entrou no compartimento. Anne Wellesley estava com um aspeto mais débil do que aquele que Arthur preservava na memória. Dez anos haviam-lhe intensificado as rugas da face e os seus olhos brilhantes tinham-se afundado um pouco mais nas respetivas órbitas. Permaneceu de pé e também o examinou.

— Não estás com bom ar — disse ela abruptamente. — O teu cabelo está cortado muito rente e a tua tez está com uma aspeto demasiado vulgar e avermelhado, como se tivesses estado a trabalhar no campo lado a lado com trabalhadores rurais grosseiros.

Arthur sorriu tenuemente enquanto se punha de pé.

— Também estou contente por voltar a vê-la, minha mãe. — Atravesou a sala e inclinou-se para a frente para beijar a face que ela lhe ofereceu. Anne forçou um sorriso e pegou-lhe na mão.

— Já lá vai um tempo, Arthur. Demasiado tempo, talvez. Foram poucas as vezes que me escreveste. — O seu tom soou magoado, ou afetado de modo a soar magoado, pensou Arthur.

— A minha mãe também praticamente não me escreveu.

— Estava ocupada. Uma mãe tem de dedicar o tempo de que dispõe a olhar por toda a sua família. Não tenho tempo para escrever detalhadamente a cada um dos meus filhos.

Tratava-se de uma desculpa esfarrapada e Arthur sentiu o coração endurecer ligeiramente. Dez anos pareciam ter alterado muito pouca coisa entre eles. Ela apontou para as duas cadeiras em frente à lareira.

— Senta-te. Pedi que nos fosse servido chá. Suponho que quererás ficar aqui por algum tempo, enquanto te ambientas a Londres.

— Sim, minha mãe. Se isso não for muito abusivo da minha parte.

— Claro que não — replicou ela. — E agora que estás aqui, farei chegar ao William e aos outros a notícia de que regressaste. Quererão voltar a ver-te.

— E eu a eles.

— Sim, estou certa de que terás imensas histórias para relatar das tuas aventuras no meio dos selvagens. Tu e o Richard devem ter sofrido disso o bastante na Índia, mas aqui em Londres agitaram um verdadeiro vespeiro de crítica.

— Apercebi-me de algumas coisas a esse respeito pelos jornais que li na viagem de regresso.

— Ao que parece, nem toda a gente está grata pelos vossos esforços em prol da nação. A Companhia das Índias Orientais está furiosa por causa do custo das guerras do Richard no subcontinente.

— A guerra é um assunto dispendioso.

— Talvez, mas há homens no parlamento que dizem que a Grã-Bretanha precisa de cada tostão só para continuar a luta aqui na Europa. — Contraí os lábios. — Não joga a favor do Richard o facto de correr por aí o boato de que tem esbanjado dinheiro em tudo o que é luxo às custas do erário público.

— Se essa é a única coisa que dizem, a minha preocupação não é infundada. — Arthur encolheu os ombros. — Algumas pessoas são invejosas,

outras são maldosas e as restantes simplesmente estão mal informadas. Defenderei o Richard até que ele regresse.

— Bom, a esse respeito, era de toda a conveniência que fosses mais bem-sucedido do que o William tem sido até ao momento. Tem havido alturas em que o parlamento se assemelha a uma matilha de cães sequiosos do sangue da nossa família. Por falar nisso, chegou esta manhã uma mensagem para ti do Ministério das Colónias, na Downing Street. É solicitado o teu comparecimento no gabinete de Lorde Castlereagh logo que possível. Parece que a notícia da tua chegada se antecipou a ti.

— Meu Deus, isso é que é rapidez. Devem ter enviado a informação na altura em que desembarquei.

— É sinal de que as autoridades constituintes requerem a tua presença imediata. — *Lady Mornington* inclinou-se para a frente. — Tem cuidado, Arthur. És um soldado entre políticos. Estás fora da tua esfera. Não faças nada que comprometa o futuro da família.

Arthur fitou-a por instantes, com o coração ocupado pelo sentimento de amargura em face do óbvio menosprezo da mãe em relação às suas qualidades. Engoliu em seco e replicou secamente:

— Não desacreditarei a reputação dos Wellesley, minha mãe. Nunca o fiz. E nunca o farei. E espero sinceramente pela chegada do dia em que olhe para mim com orgulho.

Anne Wellesley sorriu vagamente.

— Espero que assim aconteça. Agora é melhor ires. Não estragues tudo.

## CAPÍTULO 5

Na Downing Street, Arthur encaminhou-se diretamente para o gabinete de Lorde Castlereagh, Secretário de Estado da Guerra e das Colónias. Arthur ficou surpreso ao constatar que o coração lhe batia depressa e que se sentia apreensivo em relação ao interrogatório que se avizinhava, presumindo que seria essa a razão da sua convocatória. Era estranho, pensou, como tinha enfrentado, com menor perturbação, balas e granadas no campo de batalha. Ou ter-se-ia dado o caso de estar tão intensamente concentrado nos seus deveres enquanto comandante que não havia tempo para sentir medo? Arthur há muito que dominava a arte de ocultar as emoções, e era isso que neste momento fazia ao aproximar-se do funcionário sentado atrás da grande secretária do vestíbulo central do Ministério das Colónias.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou o funcionário, pondo-se de pé.

— Pode, sim. Foi solicitada a minha presença diante de Lorde Castlereagh.

— O seu nome, senhor?

— Major-general *Sir* Arthur Wellesley.

— Ah, sim, a sua vinda é esperada, senhor. Por favor, acompanhe-me. — O funcionário indicou o caminho escadas acima e ao longo de um estreito corredor apainelado, passando por vários outros oficiais apressados e estacando na parte de fora de uma porta aberta. — Se, por gentileza, pudessem esperar aqui, senhor, até que sua senhoria possa vê-lo.

Arthur assentiu com um gesto de cabeça e entrou na antessala. Era de dimensão moderada, com uma série de cadeiras e mesinhas alinhadas com as paredes. De uma janela ampla via-se a Downing Street. Só havia mais um ocupante, um oficial da marinha franzino, um pouco mais baixo do que Arthur, que estava sentado de lado a ler um artigo no jornal espalhado sobre a mesa diante dele. Por causa das pesadas dragonas de ouro e das bandas e insígnias que ostentava no lado esquerdo do peito, Arthur sabia que se tratava de um oficial superior. Enquanto Arthur entrava na divisão e se sentava a uma curta distância dele, o homem não olhou para cima. Só depois de ter terminado a leitura do artigo levantou os olhos e examinou o recém-chegado. O seu olho esquerdo era de um azul brilhante e os traços eram angulosos e delicados, fazendo-o parecer bastante mais novo do que a sua esplêndida cabeleira cinzenta parecia indicar. O olho direito, pelo contrário, era desprovido de brilho e tinha uma expressão como que vazia, e Arthur apercebeu-se de que nele não existia visão. Em seguida, reparou que a manga direita do oficial da marinha estava vazia e presa ao casaco, e, num pasmo súbito, percebeu quem era aquele homem.

— Lorde Nelson, é um prazer conhecê-lo, senhor.

— Certamente. — Nelson sorriu-lhe amigavelmente. — E posso saber quem é o senhor?

— Arthur Wellesley, senhor. Major-general *Sir* Arthur Wellesley. — Arthur não conseguiu evitar a devolução do sorriso, atravessando a sala e esticando-lhe instintivamente a mão em sinal de cumprimento. Depois deteve o passo, embaraçado, enquanto Nelson lançava um olhar eloquente à manga vazia e elaborava um riso abafado.

— Peço desculpa, *Sir* Arthur, perdoar-me-á a descortesia, mas careço do meio para lhe apertar a mão. Ah, mas vejo que o desconcerto. As minhas desculpas. Por favor, sente-se para que possamos falar. — Apontou para a cadeira em frente com a mão sobrevivente e Arthur sentou-se com gratidão.

— Então o que o traz aqui, Wellesley? Veio ver Castlereagh?

— Sim, milorde.

Nelson fez um gesto na direção da sua cara. — Parece que passou algum tempo ao sol. Jamaica?

— Índia. Regressei há uns dias.

— Índia. — Nelson acenou com a cabeça. — Um pouco fora da minha rota. Não posso dizer que saiba muito acerca dos nossos assuntos nessa parte do mundo. Mas estou certo de que se saiu bem, Wellesley. — Franziu o sobrolho por um momento, antes de acenar com a cabeça de si para si. — Ah, já sei. Wellesley! Richard Wellesley é, ou era, governador-geral. Deve ter algum grau de parentesco com ele.

— É meu irmão.

— Então estive lá a ajudá-lo nalguma qualidade, pela certa. No estado-maior dele?

— Não, milorde. O meu irmão Henry foi o secretário particular dele. Eu servi no exército. No campo de batalha.

— Um verdadeiro assunto de família, então. Deve ter sido bastante útil ao seu irmão ter dois irmãos a seguirem-lhe as instruções.

Arthur estremeceu perante a diminuição implícita das suas façanhas.

— O governador-geral decidiu a política. Eu fui responsável pelas nossas forças no terreno.

— É bem verdade. — Nelson assentiu com um aceno. — E estou certo de que o serviu bem, *Sir Arthur*.

— Servi, sim — replicou Arthur secamente. — E com algum sucesso.

— Ótimo. Isso é ótimo. — Nelson observou-o durante algum tempo e depois deu uma pancada leve no jornal que estivera a ler.

— Tempos excitantes, Wellesley. A frota francesa está em Cádiz, os nossos navios estão a reunir-se para o grande empreendimento e toda a Grã-Bretanha se pergunta qual será o meu plano de ação. Você incluído, tenho a certeza.

Arthur ficou um tanto surpreendido com a ostentação direta da percepção que o outro homem tinha da sua própria importância, porém não havia como negar o grande interesse que tinha em saber de que modo pretendia Nelson derrotar os franceses. Fez que sim com a cabeça.

O olho funcional de Nelson reluziu de prazer ao mesmo tempo que se recostou e começou a falar:

— O truque, como sempre soube, consiste em confundir as expectativas do inimigo. O que acontece é que os franceses se mantêm firmemente fiéis aos velhos modos de combate e partem do pressuposto de que a nossa linha e a deles velejarão para cima e para baixo, paralelamente, atacando continuamente até que um dos lados ceda. Devo confessar que os nossos almirantes tiveram igualmente culpa na falta de iniciativa até à Batalha do Cabo de São Vicente, quando me retirei da nossa coluna e lhes cortei a li-

nha. Isso permitiu que a nossa frota os derrotasse em destacamentos. Voltei a fazer o mesmo no Nilo. É esse o truque: quebrar-lhes a linha e destruir uma divisão de cada vez. Portanto, faremos o mesmo quando enfrentarmos o Almirante Villeneuve, e desde que eles avancem da mesma velha forma, é certo que os derrotaremos.

— Deveras interessante. — Arthur acenou afirmativamente com a cabeça. — Mas certamente que, se se aproximarem da linha adversária em coluna, a possibilidade de disparo deles será muito maior em relação à vossa. Pelo menos até que alcancem a linha deles.

— É um aspeto pertinente — concedeu Nelson. — Mas sendo a artilharia francesa o que é, e considerando que a intrepidez e a boa preparação dos nossos homens estão à altura das circunstâncias, triunfaremos. Estou certo disso. Certo o bastante para comandar a minha frota a partir do primeiro navio da nossa coluna. Onde quer que lidere, os meus homens seguir-me-ão sempre, *Sir Arthur* — acrescentou com um brilho de orgulho no olho funcional. — São meus devotos.

Arthur mudou desconfortavelmente de posição na cadeira.

— Falando por mim, preferiria que os meus homens fossem bem treinados e confiantes em vez de devotos.

— Talvez preferisse, *Sir Arthur*. Mas quando se liderou homens durante tanto tempo como eu, e se alcançou grandes vitórias, a devoção dos nossos subordinados torna-se tão inevitável quanto útil. Tenho a certeza de que, com o tempo, descobrirá isso por si mesmo, quando adquirir mais experiência.

Arthur fitou o almirante friamente.

— Já adquirir uma quantidade razoável de experiência, senhor, e lancei as minhas próprias vitórias; estou em crer que consegui compreender os meus homens muito bem.

— Ah, sim. — Nelson fixou o olhar no oficial mais jovem com um ligeiro ar de surpresa. — Estou certo de que será, de facto, um oficial de grande competência. Dê-me licença por um momento, por favor.

Ergueu-se abruptamente e saiu disparado da sala, deixando Arthur carrancudo e tenso. Pegou no jornal e pôs-se a ler alguns dos pequenos artigos em torno da hagiografia que alimentara a presunção do almirante. Conseguia escutar Nelson a conversar com alguém do lado de fora, no corredor, porém as vozes chegavam-lhe num volume baixo e os ecos de passos de funcionários que por ali transitavam impossibilitaram Arthur de distinguir qualquer palavra. Instantes depois, o Almirante regressou e sentou-se em frente a Arthur. Permaneceu em silêncio durante algum tempo, antes de se inclinar para a frente.

— Agora me lembro porque me soou familiar o seu nome há pouco.

Arthur olhou para cima e ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

— Ai sim?

— Sim. Você é o herói de Assaye e o vencedor de Argaum, não é?

— Herói? — Arthur sorriu. — Não estou assim tão certo disso, milorde. Mas tive o privilégio de comandar os homens que conquistaram essas vitórias.

— E que nobres vitórias foram! — Nelson inclinou-se para a frente com uma expressão ávida. — Li acerca delas há um bocado. Foi-me difícil associar tão singulares proezas a um homem da sua idade. Palavra de honra, deve ter sido algo de verdadeiramente assustador enfrentar semelhante desigualdade como aquela com que se deparou em Assaye, *Sir Arthur*. — Acenou em sinal de admiração. — Parece-me que temos algo em comum. O desejo de lutar diretamente com o inimigo, sem delongas.

— Afigurou-se-me a via mais providente, milorde. Se não atacamos o inimigo onde o encontramos, a iniciativa perde-se imediatamente.

— É bem verdade! Porém essa filosofia é partilhada por muito poucos dos nossos líderes militares, já para não falar dos nossos políticos. Parecem manter a noção de que a potência francesa pode ser combatida aos poucos e vencida pelo cansaço. Não entendem a natureza do adversário. O Imperador Napoleão é um novo tipo de líder. Não compreende o equilíbrio de poder que no passado manteve a ordem no continente. Não se vê a si mesmo como um membro do conselho de governantes europeus, por assim dizer. Napoleão não reconhece ninguém como seu igual. A sua única ambição neste mundo é alcançar a glória e conquistar o controlo sobre todos os outros. Não descansará enquanto não puder exercer a sua vontade sem limitações. Pelo que não podemos descansar até que ele seja completamente derrotado. Esse deverá ser o nosso credo, *Sir Arthur*. Um sentimento de que, estou em crer, partilhará.

— Partilho, milorde.

Arthur deu por si a entusiasmar-se com o Almirante, apesar da arrogante auto-estima que comprometera a sua impressão inicial do outro homem. Era claro que Nelson estava bem ciente dos elevados riscos que a guerra contra a França implicava, como clara era a sua necessidade de levá-la até ao fim independentemente dos sacrifícios que comportasse.

Arthur prosseguiu:

— O problema é que, de entre os nossos concidadãos, são muitíssimo poucos os que estão conscientes do perigo. Com Pitt de volta ao poder, isso poderá mudar.

A expressão excitada de Nelson sumiu-se.

— Sim, graças a Deus por Pitt. Mas tem visto o homem ultimamente? Parece velho e abatido. Receio que o fardo de ter sujeitado o nosso povo a



este conflito o despedaçou. Duvido que sobreviva para testemunhar a vitória para a qual tanto contribuiu.

— Está convencido de que venceremos?

— Como podemos não ganhar, quando existem homens como você e eu para comandar as nossas forças em terra e no mar? — Subitamente, Nelson soltou uma risada. — Perdoar-me-á o pobre dístico.

No rosto de Arthur desenhou-se um sorriso e, passado um momento, um funcionário entrou na sala e inclinou brevemente a cabeça.

— Milorde?

— Sim. — Nelson prontamente refreou o ânimo. — O que foi?

— Lorde Castlereagh irá recebê-lo agora.

— Obrigado. — Nelson ergueu-se do lugar e Arthur pôs-se de pé e manteve-se quieto por um momento, antes de esticar a mão esquerda. O Almirante apertou-a com firmeza e sorriu. — Foi deveras bom conhecê-lo, *Sir Arthur*. Tenho a certeza de que nos voltaremos a encontrar numa altura menos crítica. Farei por procurá-lo assim que regressar da vitória sobre o *Monsieur Villeneuve*.

— Aguardarei esse momento com ansiedade, milorde.

Nelson acenou com a cabeça, ainda segurando a mão de Arthur.

— Que Deus o acompanhe, Wellesley. A Grã-Bretanha precisa de homens como o senhor. Agora mais do que nunca.

— Obrigado, senhor.

Nelson deu um aperto final com a mão, depois soltou-a e voltou-se para abandonar a sala. No momento em que se ausentou, Arthur sentou-se novamente e olhou fixamente através da janela. O vidro não era limpo há algum tempo e a fuligem dos fogos da cidade manchara e danificara a superfície exterior, fazendo com que o céu parecesse sujo e sombrio. Todavia, o coração aquecia-se-lhe de orgulho pelo facto de um grande homem como Nelson ter reconhecido a sua competência. Particularmente Nelson, que obviamente tinha uma tão grande noção da sua própria importância que a circunstância de ter reconhecido as proezas de outro homem constituía, de facto, um enorme elogio. Arthur sorriu sardonicamente perante aquele pensamento. Pelo menos o Almirante Nelson estava certo do seu dever e sabia o que precisava de ser feito. Arthur pegou uma vez mais no jornal e folheou-o, passando os olhos pelos artigos. Não havia nada de particularmente interessante, exceção feita a um pequeno editorial, que alegadamente defendia os acionistas da Companhia das Índias Orientais, exigindo que Richard Wellesley fosse chamado a contas pelas suas ações na Índia.

Tomado por um sentimento de repugnância, pôs o jornal de lado e voltou a fixar a atenção na janela enquanto aguardava que o chamassem para a entrevista com Lorde Castlereagh. Finalmente, cerca de meia hora

após Nelson o ter precedido, o funcionário regressou e conduziu-o por mais um lanço de escadas até aos gabinetes dos principais ministros. Castlereagh estava num amplo compartimento com duas janelas sobranceiras à Downing Street. Em frente às janelas encontrava-se um enorme mapa do mundo conhecido. Havia bilhetes com anotações afixados em locais estratégicos para os governantes de Londres. O Secretário de Estado da Guerra e das Colónias fitou-o por breves instantes, após o que apontou para a cadeira do outro lado da sua secretária.

— Bem-vindo de volta a Inglaterra, *Sir* Arthur.

— Obrigado, milorde.

— Merece ser congratulado pelas façanhas alcançadas na Índia. Mesmo alguns dos mais implacáveis opositores políticos à sua família de má vontade admitem o brilhantismo das suas vitórias sobre as forças nativas que se nos opõem.

— É bom ouvir isso. Estou certo de que aqueles que acompanharam os acontecimentos na Índia compreendem que o mérito de tais façanhas deveria ser equitativamente repartido entre mim e o meu irmão.

— Lamentavelmente, não. — Castlereagh entrelaçou as mãos. — Por certo tem conhecimento de que os diretores da Companhia das Índias Orientais estão furiosos com o facto de ele se ter apropriado dos seus fundos para aplicação na expansão dos nossos interesses através do subcontinente.

— Estou a ver — replicou Arthur calmamente. — Posso perguntar qual a sua posição relativamente a esta matéria, milorde?

Castlereagh indicou uma grande pasta com relatórios sobre a secretária.

— Tenho estado a analisar os elementos respeitantes ao mandato do seu irmão, e, francamente, consigo perceber o porquê de algumas pessoas defenderem que as políticas dele não foram justificadas. Considere-se a guerra contra os maratas como exemplo. Os custos desse arriscado empreendimento parecem exceder amplamente quaisquer benefícios perceptíveis para a Companhia, e para a Grã-Bretanha. Seria, inclusive, legítimo pensar que a verdadeira razão pela qual combateu os maratas pouco mais foi do que a glorificação pessoal. Deve ser tentador para qualquer governador-geral deixar a sua marca numa tela tão ampla e imaculada como as terras da Índia. Quem pode censurá-lo? — Castlereagh pausou, e quando retomou a fala, o seu tom revestiu-se de uma insensibilidade gélida — Não obstante, os recursos financeiros, e humanos, da Companhia das Índias Orientais não são joguetes dos ambiciosos. O seu irmão será chamado para prestar esclarecimentos quando regressar, e se a explicação dele não satisfizer o parlamento, será a sua ruína... total. Para que fique bem claro, não sou um homem vingativo, *Sir* Arthur, e não vejo razão para que a desonra do seu

irmão o prejudique a si, ou à sua família. Particularmente se cooperar na investigação em torno das ações do seu irmão.

Arthur pigarreou e olhou diretamente para o Secretário de Estado da Guerra.

— Vivemos dias de tempestade na Grã-Bretanha, milorde. Estamos a lutar pela nossa sobrevivência contra um tirano e as suas hordas. Não somos simplesmente mais um entre os inimigos de Bonaparte. Somos a última esperança da Europa. Se formos derrotados, todas as outras nações que se opõem à França perderão ânimo. — Inclinou-se para a frente. — É por esse motivo que temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para consolidar o poder da Grã-Bretanha por todo o mundo. Se o Richard não tivesse pegado no touro pelos cornos e fortalecido o nosso domínio sobre a Índia, ver-nos-íamos forçados a disputar cada centímetro de terra com os franceses e os seus aliados. Estou em crer... estou absolutamente convicto... de que o Richard teve razões que justificassem as suas políticas, e é, no mínimo, um escândalo, que os seus inimigos políticos estejam a tentar arruiná-lo. Se Bonaparte algum dia derrotar a Grã-Bretanha, será devido tanto aos esforços mal direcionados de ingleses invejosos como aos seus exércitos.

Voltou a sentar-se na cadeira com uma expressão desafiadora. Os lábios de Lorde Castlereagh contraíram-se numa fina linha enquanto lhe retribuía o olhar. Nenhum dos homens falou durante algum tempo, até que Castlereagh se ergueu da cadeira.

— Dissemos tudo o que havia a dizer por agora, Wellesley. Espero sinceramente que não se venha a arrepender da decisão de defender o seu irmão.

Arthur sorriu.

— Quanto mais tempo durar a guerra, menor será a probabilidade de viver o suficiente para me arrepender de qualquer decisão, milorde. Uma perspetiva que poucos políticos têm de encarar, lhe garanto. Desejo-lhe um bom dia.

## CAPÍTULO 6

Napoleão

*Bolonha, agosto de 1805*

O acampamento do exército incumbido de invadir a Grã-Bretanha espalhava-se numa extensão de quilómetros em todas as direções. Desde o

topo do posto de sinalização, Napoleão conseguia distinguir renques atrás de renques de barracas e abrigos que os seus homens haviam construído ao longo do campo. Interpoladas com os acampamentos estavam as áreas desimpedidas para terrenos de exercício, parques de artilharia, reservas de abastecimentos e linhas de cavalos. Mais de cem mil homens estavam a postos para embarcar nos segundos escaleres de invasão atracados nos portos ao longo da costa.

Debaixo do posto de sinalização, o porto estava pejado de toscos navios-transporte com o fundo chato. De acordo com o oficial da marinha mais graduado, as embarcações eram mal governadas e encontravam-se demasiadamente expostas às forças da natureza. A sua opinião pouco preocupava Napoleão. Desde que os segundos escaleres fossem capazes de atravessar o Canal até à Grã-Bretanha, nada mais se lhes exigia. Todavia, antes que essa travessia pudesse ser levada a cabo, afigurava-se a pequena tarefa de desimpedir o caminho da frota em oposição.

O vento de súbito uivou em redor da torre do posto de sinalização, por um momento, ameaçando levar consigo o chapéu de Napoleão, e este lançou a mão ao alto para agarrar firmemente a aba até que a rajada passasse. Pôs-se à espera algum tempo até se certificar de que teria passado, após o que ergueu o telescópio e o encaixou na beira do muro que circundava o topo da torre. Percorreu lentamente as ondas picadas e coroadas de espuma sobre o mar até encontrar aquilo que procurava.

Uma fragata britânica avançava ao longo da costa num modo lânguido, sob gáveas na brisa forte. Avistou uma mão-cheia de minúsculas figuras a trepar o cordame para marear as velas que brotavam dos mastros mais altos. Napoleão observou o navio de guerra durante algum tempo, enquanto este virava com graciosidade de bordo e se punha a navegar em ziguezague longe da costa. Aquele mesmo navio há meses que vinha patrulhando os acessos ao porto, numa incessante rotina que apenas variava num intervalo de minutos de acordo com as condições climatéricas. Napoleão mudou a orientação do telescópio em direção ao horizonte e, após uma breve procura, deu com a meticulosamente espaçada linha de gáveas brancas pertencentes ao resto da esquadra de bloqueio. Pelo menos dez navios da linha montavam guarda sobre o porto francês, grandes e altaneiros blocos de carvalho trespassados por duas ou três linhas de bocas de canhão. Entre eles, aqueles navios transportavam o dobro dos canhões dos do exército de Napoleão, e com maior peso dos projéteis. Conforme estava a situação, acaso a frota de invasão tentasse atravessar o Canal cara a cara com a marinha de guerra britânica, seria desfeita em pedaços muito antes de alcançar a costa inglesa.

A situação estava prestes a mudar, refletiu Napoleão, satisfeito, no instante em que se endireitou e fechou o telescópio com um estalido. Há meses

que as esquadras dispersas da marinha de guerra francesa vinham saindo dos seus portos para seguirem pelo Atlântico rumo a um ponto de reunião de navios secreto, ao largo da costa de Martinica. Se tudo acontecesse de acordo com o planeado, o Almirante Villeneuve esperaria até ter quarenta navios da linha sob o seu comando. Posteriormente, voltaria a atravessar o oceano e atacaria a frota do Canal da Mancha com uma força avassaladora, esmagando o inimigo. Mesmo que fracassasse no desígnio de derrotá-los, Villeneuve conseguiria desimpedir o Canal o tempo suficiente para proteger a frota de invasão.

Napoleão voltou-se para o seu chefe do estado-maior.

— Ainda não há informações, Berthier?

— Não, *sire*. Nada nos despachos da manhã.

— Não há sinais de Paris? Nada transmitido do posto de vigia em Ouessant?

— Receio que não, *sire*.

O Almirante Villeneuve e a sua frota estavam atrasados. Napoleão virou-se para atentar na massa de abrigos e tendas do seu exército e deu uma palmada na própria coxa em sinal de frustração. Um mês antes havia partido de Itália secretamente e viajado através de França para estar com o exército na altura em que a frota francesa surgisse no Canal. Após a espetacular coroação em Milão, ele e a sua corte haviam percorrido as grandes cidades do Norte de Itália, passando de uma recepção cívica para outra, rodeados por multidões em aplauso, deleitadas com o facto de se terem visto livres do punho de ferro do Império Austríaco. No entanto, durante todo esse tempo, Napoleão estivera a pensar nos seus planos para a invasão da Grã-Bretanha. Com sorte, o inimigo pensaria que ele ainda se encontrava em Itália no momento em que o exército estava a embarcar nos navios-transporte, pronto a atravessar o estreito canal sob a protecção da frota do Almirante Villeneuve.

Mas, ao que parecia, a sorte não estava do seu lado, meditou Napoleão. Aquele cobarde palerma do Villeneuve até ao momento não fora capaz de cumprir as suas ordens. O Almirante estivera presente na Batalha do Nilo na altura em que os navios de guerra de Nelson haviam aniquilado a frota francesa. Desde essa altura, Villeneuve sentia temor da marinha de guerra britânica. Em diversas ocasiões ao longo do ano anterior, Napoleão fora levado a um estado de frustração e raiva em resultado do insucesso do Almirante em fazer-se ao mar, mesmo quando o vento e os números estavam a seu favor. Só quando ameaçou despedir Villeneuve cara a cara é que finalmente conseguiu o que pretendia. Napoleão comprimiu os lábios. A maioria dos oficiais superiores da marinha de guerra fora eliminada durante a revolução, e o fraco de espírito do Villeneuve era um dos poucos que

havam permanecido. De outro modo, teria sido removido do seu posto há muito tempo.

— Muito bem — disse Napoleão a Berthier, virando-se para ele. — Vou regressar ao quartel-general até ao final da manhã. Os preparativos para a revista desta tarde estão ultimados?

— O Almirante Bruix garantiu-me que tudo seguirá conforme planeado, se o tempo permitir.

— Se o tempo permitir? — Napoleão lançou uma olhadela ao mar. — Certamente que o Almirante não está com medo de meia dúzia de ondas?

Berthier encolheu os ombros.

— Ele diz que poderá estar a preparar-se uma tempestade, *sire*, que a acontecer tornaria perigoso os navios-transporte e as canhoneiras fazerem-se ao mar.

A expectativa e a tensão da espera da chegada de Villeneuve contribuíam para o estado de exaustão de Napoleão após a viagem desde Milão, e este replicou irritadamente ao seu chefe do estado-maior:

— A revista terá lugar. É uma ordem. Não permitirei que uma brisazinha faça do Almirante um covarde. Faça-me o favor de lhe dizer isso!

— Uma brisazinha? — Berthier relanceou os olhos ao mar onde longas e gigantescas ondas cinzentas se precipitavam. Mordeu o lábio, e quando se voltou e viu a expressão sinistra no rosto do Imperador, engoliu em seco nervosamente. — Sim, *sire*. Dir-lhe-ei prontamente.

O vento foi-se tornando cada vez mais intenso ao longo da manhã e por volta do meio-dia um vendaval alcançava a costa, gemendo enquanto chicoteava as telhas da hospedaria que servia de quartel-general imperial. Napoleão estava sentado a uma mesa grande, coberta de mapas que assinalavam as posições do exército de invasão e as rotas que seguiriam no momento em que desembarcassem na Grã-Bretanha. Porém, a sua mente não se concentrava neles. Meditava profundamente em torno das mais recentes notícias que haviam chegado de Paris.

O relatório de Talleyrand narrava os ininterruptos preparativos de guerra da Áustria e da Rússia. Aparentemente, o Czar jurara pôr fim ao «monstruoso regime da França revolucionária». No entanto, havia algumas boas notícias. Talleyrand conseguira comprar a neutralidade prussiana ao oferecer-lhes Hanôver. O Rei Frederico Guilherme estava deveras agradaado por ter adquirido um novo território sem ter tido necessidade de travar uma guerra. Napoleão sorriu de si para si. Claramente o homem não tinha quaisquer escrúpulos, e, mais importante, não tinha uma ponta de coragem. Na verdade, a principal ameaça aos interesses franceses no seio

da corte prussiana não era o Rei, mas a sua mulher, Louise, que odiava a França com todas as suas forças.

— O único verdadeiro homem em toda a Prússia — cogitou Napoleão em voz alta.

Berthier levantou a cabeça desde a extremidade da mesa, onde, com caligrafia cuidada, transcrevia as ordens de Napoleão para que fossem distribuídas pelo pequeno núcleo de secretários do estado-maior.

— *Sire?*

— Não é nada. — Napoleão sacudiu a mão num gesto de indiferença, lançou um olhar de esguelha ao relógio de parede e depois pôs-se de pé abruptamente. — O Almirante Bruix está a postos?

Berthier encolheu os ombros.

— Ainda não enviou notícias, *sire*.

— Então encontre-o e traga-o até mim imediatamente. Quero que a revista comece dentro da hora marcada. Não permitirei qualquer atraso. Diga-lhe isso.

Berthier assentiu com a cabeça, escreveu a ordem e abandonou a sala em busca de uma ordenança que levasse a mensagem ao Almirante. Napoleão acercou-se da janela e observou o porto. No cais permaneciam os homens da divisão à espera de ocuparem os seus lugares nas embarcações. Dera ordens a Bruix para que demonstrasse o procedimento de desembarque com trinta segundos escaleres. Assim que os homens estivessem a bordo, a flotilha circularia ao longo da costa enquanto Napoleão e o seu estado-maior observavam o seu progresso a partir de um pavilhão especialmente erigido para o efeito. Depois disso, os homens demonstrariam um desembarque na costa. Seria uma experiência útil para todos os implicados e Napoleão estava desejoso de analisar os procedimentos para verificar se poderia sugerir melhoramentos. Isso colocaria Bruix e os restantes oficiais da armada no seu devido lugar, pensou, e daria aos seus subordinados mais um exemplo da omnisciência do seu imperador.

O súbito tamborilar de gotas de chuva no vidro atraiu novamente a atenção de Napoleão para o tempo. Lá no alto, uma espessa faixa de nuvens tapara a última parcela de céu azul e uma intensa rajada de vento atirou violentamente a chuva de encontro à janela num estrépito agudo. Instantes depois, a paisagem do porto dissolvera-se no borrão de água que escorria nas vidraças da janela.

Alguém bateu à porta e Napoleão rodou sobre si próprio a partir da janela. — Sim?

Berthier entrou, seguido pelo Almirante Bruix e dois dos seus oficiais superiores. O pequeno grupo acercou-se de Napoleão e inclinou a cabeça em sinal de respeito.

— Presumo que tudo esteja encaminhado para a revista? — disse Napoleão.

O almirante pareceu retrair-se antes de responder.

— *Sire*, não é seguro prosseguir.

— Não é seguro?

Bruix apontou na direção da janela fustigada pela chuva.

— Levantou-se uma ventania. Não seria seguro. Ordenei que a revista fosse cancelada.

— Você aqui não dá ordens, Almirante. Eu é que dou. E ordeno-lhe que prepare a revista.

— Mas, *sire*, com este tempo seria uma loucura. — No instante em que a palavra foi pronunciada, Bruix apercebeu-se do seu erro e prontamente tratou de dissimulá-lo com uma chusma de explicações. — Os barcos que transportam os homens até aos segundos escaleres poderiam afundar-se. As embarcações já estão sobrecarregadas de provisões e equipamento. No momento em que tentassem fazer-se ao mar, possivelmente seriam empurrados de volta à margem.

— Poderiam? Possivelmente seriam? — disse Napoleão rudemente. — Onde está a sua coragem, Almirante? Onde está a sua determinação para levar as ordens até ao fim? Não tem nenhuma consciência do dever?

O rosto do Almirante Bruix ruboresceu ante o ataque à sua integridade.

— Sei qual é o meu dever, *sire*. É meu dever manter os homens e as embarcações sob o meu comando de modo a que estejam aptos a combater com o inimigo. Como tal, é minha decisão adiar a revista até que o tempo melhore.

— Estou a ver — replicou Napoleão num tom glacial. — Nesse caso é minha decisão demiti-lo do seu posto, a partir deste exato momento.

— Como? — O Almirante Bruix esbugalhou os olhos de tão perplexo. — Não pode fazer isso.

— Está feito. Berthier?

— *Sire*?

— Informe imediatamente o ministro da marinha. E depois certifique-se de que o *Monsieur* Bruix é levado da nossa presença e enviado para casa.

— Sim, *sire*.

Napoleão desviou o olhar do desafortunado Almirante e fixou-o no oficial da marinha mais próximo de si.

— Você. Qual é o seu nome?

— Vice-almirante Chalency, *sire*.

— Pois muito bem, assumirá o comando das forças navais no porto e dará ordens para que a revista prossiga.



— *Sire*, eu... — O Vice-almirante lançou um olhar desamparado a Bruix e Napoleão deu um murro na mesa, fazendo com que as demais pessoas dessem um pulo.

— Malditos sejam, oficiais da marinha! Não existe entre vocês um único homem capaz de cumprir o seu dever?

O terceiro oficial da marinha avançou prontamente.

— Eu darei as ordens, *sire*.

— Você é...?

— Vice-almirante Magon, *sire*.

Napoleão fitou-o e assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Acaba de ser promovido a almirante. Certifique-se de que não há mais nenhum atraso. — O olhar dele virou-se novamente para os outros oficiais da marinha. — Quanto a vocês os dois, desapareçam-me da frente.

Na altura em que chegou ao quartel-general a informação de que os homens haviam embarcado e a revista estava pronta a ser iniciada, a chuva caía com violência ao longo da costa e o mar era uma agitada massa de ondas da cor do chumbo, franjadas com cristas brancas e espuma onde o vento ceifava o borriço das ondas. Os segundos escaleres, com velas abundantemente providas de rizes, e barcos de bordo, esforçavam-se por se manter nos locais designados enquanto a flotilha se preparava para velejar ao longo do pavilhão imperial na praia. Napoleão e o seu estado-maior, embrulhados em oleados e apertando os chapéus nas cabeças com as mãos, desceram através das calçadas do porto e seguiram pela tira de areia e seixos até ao pavilhão.

— Tempo feroz, *sire* — disse Berthier. — Eu cá não gostava de estar no mar com esta tempestade.

— Tempestade? — disse Napoleão, rindo. — Isto não é nenhuma tempestade, Berthier. Apenas um breve período de mau tempo fora da época. Passará não tarda nada, vai ver.

— Assim espero, *sire*. Para bem dos nossos homens.

— Um enjoozinho nunca fez mal a ninguém. De resto, têm de estar preparados para fazer a travessia faça o tempo que fizer quando a nossa frota chegar para desimpedir o Canal.

Alcançaram os degraus de acesso à plataforma de observação e subiram para o estrado, com vista para a praia e o mar adiante. Naquela posição ligeiramente elevada, o vento era ainda mais forte, e o Imperador e os seus oficiais do estado-maior viram-se forçados a semicerrar os olhos contra a chuva torrencial que vinha do mar. Napoleão virou-se para o recém-promovido comandante da marinha.

— Pode começar, Almirante Magon.

— Sim, *sire*. — Magon acenou com a cabeça na direção do sinaleiro e instantes depois os braços telegráficos em cima do pavilhão giraram, transmitindo a ordem à flotilha. Ocorreu um atraso enquanto os marinheiros no segundo escaler dianteiro trepavam os mastros desde o convés apinhado e relingavam uma vela. O navio pôs-se lentamente em marcha e passou cautelosamente diante do pavilhão antes de se aproximar da costa, ao mesmo tempo que os restantes segundos escaleres se debatiam para o seguir nas águas agitadas. Um a um seguiram aos solavancos através das ondas numa linha irregular, e depois imobilizaram-se a meia légua de distância da rebentação das ondas. Lançaram a âncora de imediato, içaram as velas e puseram-se de frente para o vento.

Napoleão fez um gesto para o Almirante Magon.

— É esta a prática habitual, ancorar tão longe da costa?

Magon anuiu rapidamente com a cabeça.

— Com certeza, *sire*. Debaixo de tais condições, os comandantes dos segundos escaleres não ousam aproximar-se mais de uma costa de sotavento.

— Então e o que acontece agora?

— Começará o descarregamento das tropas.

Berthier levantou o telescópio e pôs-se a observar os escaleres a baioçarem para cima e para baixo enquanto eram atracados aos segundos escaleres. Respirou fundo.

— É seguro?

Magon engoliu nervosamente em seco e aventurou-se a lançar um olhar de soslaio ao seu imperador antes de responder.

— Tenho a certeza de que é suficientemente seguro, senhor. De qualquer das formas, o Imperador ordenou que assim se procedesse.

— Exatamente — afirmou Napoleão calmamente. — E levaremos avante o descarregamento. Os homens são mais do que capazes de lidar com estas condições climatéricas. Não é assim, Almirante?

— Sim, *sire*. Os meus oficiais não têm quaisquer dúvidas em relação ao que têm de fazer.

— Ainda bem. Então vamos ver como lidam com a situação.

Napoleão e o seu estado-maior fixaram a atenção na embarcação mais próxima enquanto os marinheiros atracavam um barco e o mantinham na posição devida com cordas e croques, e o primeiro dos soldados descia pelo flanco do segundo escaler. O barco deu um solavanco e apanhou três homens no preciso instante em que se lançavam para o seu interior, arremessando dois deles para o fundo da embarcação aos trambolhões enquanto o terceiro caiu borda fora com um chape. Foi visto a debater-se durante algum tempo, os braços a acenar desesperadamente, e depois uma onda

passou-lhe por cima, varrendo-o para longe e fazendo-o desaparecer da vista. Enquanto mais soldados embarcavam, desapareceram mais dois homens, e depois, finalmente, os marinheiros afastaram o barco do segundo escaler e desarmaram os remos. Mas à medida que o vento afastava o barco, este inclinou-se numa onda que se aproximava e acabou por virar. Os oficiais do estado-maior que rodeavam Napoleão entraram em sobressalto, porém este continuou a observar, sem quaisquer sinais de perturbação no rosto, uma mão-cheia de sobreviventes agarrados ao casco do barco, que flutuava parcialmente mergulhado na água como o dorso de uma baleia.

— Santo Deus — murmurou Berthier entre dentes. — Pobres coitados.

— Sim — disse Napoleão com voz inexpressiva. — Vamos lá ver se temos mais sorte com o próximo barco.

Afortunadamente, os soldados do segundo escaler conseguiram embarcar sem quaisquer incidentes e os marinheiros viraram inteligentemente rumo à costa e remaram desenfreadamente. O terceiro barco não teve tanta sorte, e uma caótica vaga de espuma ao longo do flanco da carcaça do barco submergiu-o no preciso instante em que haviam sido soltas as amarras, levando consigo alguns dos homens a bordo antes de os restantes entrarem em pânico à medida que o barco se afundava no mar debaixo deles. Aqueles que sabiam nadar dirigiram-se para o flanco do segundo escaler que se encontrava a uma distância curta. Os outros foram ao fundo juntamente com o barco.

Berthier abanou a cabeça, horrorizado.

— *Sire*, temos de pôr um fim a isto.

— Não. Lidaram mal com a situação. Os homens das outras embarcações aprenderão a partir do exemplo deles.

Berthier virou-se contra o Imperador.

— A culpa não é deles. Aquele mar está demasiado bravo. Demasiado bravo para qualquer homem.

— Mas não para eles, ao que parece. — Napoleão apontou na direção do minúsculo e distante brilho das velas da fragata britânica que montava guarda sobre o exercício francês. — Se conseguem safar-se em pleno mar, certamente que os nossos homens são capazes de percorrer a curta distância até à margem

— Mas, *sire*... — Desesperadamente, Berthier olhou em volta à procura de algum apoio dos outros oficiais, mas a maioria evitou-lhe o olhar, e aqueles que não conseguiram fazê-lo de imediato desviaram os olhos, não ousando desafiar o Imperador. Berthier voltou-se desamparadamente para Napoleão. — O que estamos a fazer é um assassinio, *sire*. Faça sinal para que os barcos ponham fim ao exercício. Imploro-lhe.

— Berthier! — disparou Napoleão. — Esquece-se de quem é. Como

ousa desafiar a minha autoridade? Ordeno-lhe que regresse ao quartel-general, imediatamente.

— Mas *sire*...

— Imediatamente! — Napoleão cerrou os punhos. — Imediatamente, está a ouvir-me?

Berthier fitou-o de volta por um momento e depois o seu olhar hesitou.

— Como queira.

Rodou sobre si próprio e afastou-se a passos largos por entre os oficiais silenciosos postados atrás de Napoleão, enquanto este voltava a fixar a atenção no mar. O barco de bordo sobrevivente alcançara a rebentação e os marinheiros regularam cuidadosamente a cadência das remadas, antes de se apressarem no preciso instante em que uma grande onda elevou o barco e o transportou em direção à praia. O barco deu em seco e guinou ligeiramente enquanto os soldados apavorados saíam da embarcação, caíam na rebentação com um chape e fugiam do mar. Napoleão constatou, irritado, que alguns haviam inclusive abandonado os mosquetes no meio da azáfama. Uma nova onda apanhou a popa do barco e fê-lo virar sobre os últimos homens ainda a bordo, esmagando-os por baixo.

De um dos lados, Napoleão escutou uma inspiração forte enquanto o Almirante Magon observava o desastre a desenrolar-se. Em seguida, o Imperador voltou a atenção para os outros segundos escaleres que se estendiam atrás da embarcação que tinha estado a observar. Muitos mais barcos haviam virado ou feito todos os esforços para não tombar, e centenas de homens estavam nas ondas agitadas, lutando pela sobrevivência contra as vestes e o equipamento pesados que os puxavam para baixo. Menos de metade dos barcos alcançou a margem, e, ao mesmo tempo que os soldados aturdidos saíam da zona de rebentação das ondas aos cambaleios, os oficiais e sargentos que restavam tentavam dispô-los em fila nas suas companhias sobre a areia fustigada pela chuva. Meia hora após o início da tentativa de desembarque, os corpos da divisão arrastados pela água jaziam trémulos, enquanto atrás deles os homens que haviam conseguido nadar até à margem rastejavam do limite das águas, exaustos.

Napoleão fixou-se na cena, de lábios contraídos e em silêncio. Depois, voltou-se abruptamente para o Almirante e disse em voz baixa:

— Ponha fim a esta charada, imediatamente. Envie os homens de volta aos bivaques e ordene o regresso dos navios ao porto de abrigo.

— Sim, *sire*. — Magon engoliu em seco e forçou-se a prosseguir. — Assim que terminem a recolha de sobreviventes do mar.

— O quê? Sim... sim, claro. Assuma o comando a partir daqui, Almirante. Mas quero um relatório completo desta bagunça, logo pela manhã.

Descubra quais dos seus oficiais foram responsáveis pela carnificina e trate de castigá-los.

— Sim, *sire*.

Napoleão não retribuiu a continência do Almirante, pondo-se em marcha de cabeça para baixo e dedos entrelaçados atrás das costas. Conseguia sentir o medo dos oficiais e deu graças por aquela, no mínimo, pequena subserviência. Nenhum deles ousaria confrontá-lo relativamente àquela matéria, e faria por que Fouché garantisse que os jornais de Paris ligassem pouca importância ao acontecimento. Regressado aos seus aposentos privados, Napoleão livrou-se das roupas molhadas e ordenou ao seu criado que lhe preparasse um banho. Depois, quando mergulhado até ao queixo na água vaporosa, entrelaçou as mãos de encontro ao peito e começou a refletir sobre o dia. Era inquestionável. A marinha estava lastimavelmente impreparada para levar a cabo o dever vital de transportar o exército de invasão através do Canal. Os oficiais vacilavam em toda e qualquer decisão, e os homens tinham poucas oportunidades para treinar e concretizar exercícios, graças à vigilância da marinha britânica que patrulhava mesmo ao largo da costa.

Um repente de fúria assomou ao espírito de Napoleão. A cerca de trinta milhas de onde se encontrava, estavam as margens da Grã-Bretanha. A não mais de um dia de marcha vigorosa. E todavia bem podiam ser trezentas milhas, ou três mil, graças à miserável extensão de oceano que defendia o país como um fosso. Dado aquele estado de coisas, a possibilidade de a Grã-Bretanha alguma vez ser invadida era remota. Aceitando essa realidade, cerrou subitamente os dentes e esmurrou a parte lateral da banheira. Pois muito bem. Mesmo que não houvesse invasão, manteria ali um exército e ocuparia os portos e refúgios ao longo da costa com navios-transporte, apenas para manter o medo da invasão presente nas mentes dos britânicos. Isso pelo menos ajudaria a desviar-lhes do pensamento a ideia de uma intervenção num qualquer outro lugar. O que era conveniente, posto que as cogitações de Napoleão já se inclinavam para uma situação mais premente a leste.

A tempestade amainou da noite para o dia e, no brilho róseo da alvorada, o mar estava calmo e uma ondulação suave corria em direção à praia. Alguns barcos maltratados haviam sobrevivido, arrastados no meio de uma maré de fragmentos de outros barcos e dos corpos de soldados e marinheiros cujo rasto se havia perdido no dia anterior. Pequenos grupos de homens arrastaram os corpos desde a zona de rebentação das ondas e dispuseram-nos em filas onde pudessem ser contados e identificados.

Berthier entrou no quartel-general de Napoleão no momento em que o Imperador tomava apressadamente o pequeno-almoço. Napoleão levanta-

tou os olhos, mastigando furiosamente uma fatia de presunto, e indicou uma cadeira no outro lado da mesa antes de franzir o cenho e apontar o garfo na direção do maço de papéis que Berthier trazia consigo.

— A chamada matinal da divisão designada para demonstrar o desembarque, *sire* — explicou Berthier. — Ao que parece, perdemos mais de dois mil homens ontem. É claro que alguns devem ter sido varridos para outras zonas da costa e poderão ainda regressar aos respetivos batalhões. Mas não ascenderão a um número muito elevado.

Napoleão engoliu em seco e bebeu uma golada de água para desobstruir a boca.

— Isso agora não interessa. Chamei-o por uma outra razão.

— *Sire?*

— Vou cancelar a invasão. Se Villeneuve algum dia chegar, terá capacidade para defrontar a marinha de guerra britânica. Quem sabe se por milagre ele não conseguirá mesmo derrotá-los. Seja como for, o exército de invasão deverá reduzir-se a um corpo. Quanto ao resto do exército, terá de estar preparado para marchar.

— Marchar, *sire?* — Berthier esbugalhou os olhos de surpresa. — Para onde?

— Para o Danúbio, Berthier. É chegada a altura de enfrentar a Áustria.

## CAPÍTULO 7

*Paris, setembro de 1805*

— Não é um estado de coisas lá muito satisfatório — murmurou Napoleão entre dentes enquanto se recostava na banheira. Suspirou no momento em que Josefina se inclinou para a frente no seu banco almofadado e lhe afagou o cabelo. — Ausento-me de Paris durante dois meses e aquele imbecil do Mercurier faz vista grossa enquanto os oficiais dele se põem a andar com uma fortuna do Tesouro Nacional. Como se isso não bastasse, o Fouché disse-me que, entre os homens convocados para integrar o exército, milhares deram à sola e estão escondidos na região rural. — Carregou o sobrolho por instantes e depois prosseguiu: — Bom, em breve conhecerão o preço a pagar por desafiarem o seu imperador.

— Oh? — Josefina arqueou as sobrancelhas.

— Dei ordens ao Fouché para que localizasse aqueles que roubaram do Tesouro, bem como os desertores que traíram o seu país. Serão julgados e mortos a tiro, todos eles. — Napoleão acenou veementemente com a cabeça. — E que alívio sentirei quando isso acontecer. Não preciso de tais

distrações na véspera de uma guerra. Tenho de me ausentar de Paris dentro de poucos dias, uma semana no máximo.

— Tão cedo? — Josefina fez beicinho ao olhar para Napoleão.

Napoleão fez que sim com a cabeça.

— Minha querida, nunca devíamos ter ficado em Paris neste último mês. Nunca foi minha intenção. — Bocejou. — Por esta altura esperava que estivéssemos com o estado-maior em Estrasburgo.

— Estrasburgo... — repetiu Josefina vagamente. — Uma cidade simpática, creio, mas não é Paris. Por vezes pergunto-me como é que aqueles provincianos lidam com semelhante falta de estimulação.

Napoleão fitou-a com um sorriso divertido.

— Às vezes és tão snobe, minha querida. Nem todos gozam dos teus privilégios. E não nasceste propriamente rodeada deste fausto. — Gesticulou em redor, percorrendo o quarto pomposamente decorado, com as suas pesadas cortinas de cor púrpura, os ornatos revestidos a folha de ouro e os tapetes espessos. — Nem eu, tão-pouco.

Fixou a atenção no quarto por alguns instantes, meditando. Na verdade, sentia-se pequeno para todo aquele aparato luxuoso. A veia corsa que nele existia tendia a valorizar o prático em detrimento do faustoso, porém a panóplia da casa imperial era necessária para consolidar a legitimidade do novo regime e colocá-la ao mesmo nível das restantes casas reais da Europa. Era uma triste verdade, refletiu, o facto de os homens serem tão facilmente dominados por ninharias. Mas uma verdade útil. Faça-se um homem rodear do aparato de um rei e ele será tratado como tal, apesar de ser feito da mesma carne e do mesmo sangue daqueles que lhe fazem uma vénia. Essa fora a razão pela qual Napoleão, na altura em que se havia tornado imperador, insistira que todos os velhos protocolos da destituída casa de Bourbon fossem consultados de modo a assegurar que a corte imperial parecesse autêntica e tradicional, e não surgida do nada. Certamente que os palácios, os criados e os procedimentos davam o aparato desejado, mas dentro dele persistia uma certa dúvida incómoda e voltou a olhar para Josefina.

— Achas que nos estamos a sair bem?

Josefina franziu a sobancelha feita.

— Como assim, meu querido?

— Em relação a tudo isto. — Acenou com a mão na direção do aposento e depois retomou a fala. — E a nós. O Imperador Napoleão e a Imperatriz Josefina.

Ela encolheu os ombros.

— O que é que isso interessa? Tu és o Imperador. Por lei e pela vontade do povo. Só isso interessa, seguramente?

— Não sei. — Napoleão carregou o sobrolho. — Sinto que fiz por

merecer o direito de me chamar a mim mesmo Imperador, mais do que qualquer outro homem.

— E no entanto...? — interpelou Josefina.

— E no entanto por vezes é como se estivesse a interpretar o papel, tal como tu, e todos os outros. Todos os camareiros, mordomos, estribeiros, senhores da caça, e por aí fora. Vestimos os trajes e dizemos as frases apropriadas, mas, no final de contas, aos olhos dos espectadores bem informados parece que não passamos de atores. Veja-se o nosso amigo Talleyrand, por exemplo. Em situação alguma consigo afastar de mim a sensação de que me considera seu inferior.

— Ele considera toda a gente seu inferior — disse Josefina, rindo amargamente entre dentes. — Ora, tenho a certeza de que quando o homem morrer, a primeiríssima coisa que fará quando chegar ao Céu, será repreender o Todo-Poderoso por ter demorado seis dias a criar o mundo.

— Se a um homem como Talleyrand for permitida a entrada no Céu, é sinal de que existe esperança para todos nós. — Napoleão calou-se por um momento, antes de continuar. — O homem despreza-me. Considere-me um arrivista grosseiro. E não é o único. Eu reparei na maneira como alguns dos aristocratas me olham.

— Estás a ver coisas onde elas não existem, meu amor.

— Não. Eles apenas me servem desde que disso possam tirar proveito. Tão depressa serviriam um Bourbon como me servem a mim. Aliás, creio que prefeririam um governante Bourbon a um Bonaparte. Receio que seja esse o motivo pelo qual nunca viremos a conhecer a paz na Europa enquanto eu for imperador.

Josefina olhou para ele durante algum tempo e depois abanou a cabeça.

— Não compreendo.

— Estas intermináveis coligações de outras nações têm como determinação a derrota da França, ou antes, a minha derrota. Talvez tudo se resuma a isso. A revolução derrubou os Bourbon e provou que o povo podia escolher o seu próprio governante, em vez de este lhe ser imposto por direito divino. É isso que eles não são capazes de tolerar. Enquanto eu servir de refutação ao direito adquirido pelo nascimento dos aristocratas e monarcas, eles nunca ficarão descansados. Eu próprio e aquilo por que me bato são coisas que têm de ser erradicadas de modo a que eles possam sobreviver nos seus tronos. — Suspirou fatigadamente. — Não existe possibilidade de paz. Estamos diante de uma guerra sem precedentes, Josefina. Não se trata de redefinir fronteiras, nem de reparar injustiças, nem sequer da mudança de poder entre casas reais. Trata-se de uma guerra entre dois ideais. Uma guerra para determinar se devemos viver num mundo gover-



nado pelo direito adquirido por nascimento ou num mundo governado pela capacidade pura e dura.

— Deveras? — Josefina olhou-o e reprimiu um bocejo. — Se tu o dizes, meu amor. Ora muito bem. — Acariciou-lhe o peito com a mão e fê-la descer lentamente até ao estômago, as pontas dos seus dedos excitando-lhe os nervos. — Se tiver de haver uma guerra, devemos tirar o melhor partido do tempo que passamos juntos.

As pálpebras de Napoleão cerraram-se no momento em que os dedos dela lhe envolveram suavemente o pénis. Soltou um discreto gemido com o despertar do membro. Pelo menos durante algum tempo, os seus pensamentos em torno do destino da Europa foram postos de lado.

No dia seguinte, chegou a Paris um anúncio do quartel-general do exército em Estrasburgo. O oficial do estado-maior, que interrompera Napoleão quando este ratificava no gabinete os esboços das suas ordens e instruções, permanecia em sentido, respirando a custo, enquanto o Imperador examinava a breve nota escrevinhada na tira de papel. Napoleão ergueu-se da secretária e atravessou a sala rumo à mesa de mapas que percorria uma das paredes. Remexendo os mapas que se encontravam espalhados pelo tampo, retirou um que exibia o centro da Europa, da fronteira oriental da França até ao coração do Império Austríaco. Chamando o oficial do estado-maior para junto dele, Napoleão deu uma pancada leve na linha irregular que assinalava a passagem do rio Inn.

— Os batedores de Murat relatam que um exército austríaco sob o comando do General Mack atravessou o Inn e está neste momento a dirigir-se para Munique. — Pausou, e em seguida acenou com a cabeça de si para si. — Têm como objetivo esmagar os nossos aliados bávaros antes de atacarem Estrasburgo. Murat diz que até ao momento não há qualquer sinal dos russos. Parece que os austríacos fazem tenção de alcançar a glória de derrotar a França antes que os seus aliados possam intervir. Muito bem, eles que venham.

Voltou-se para o oficial do estado-maior, decidido. — Envie imediatamente um aviso a Estrasburgo. Diga a Berthier que dê a ordem para que o Grande Exército dê início à concentração. Deverão estar prontos a atravessar o Reno o mais tardar na última semana de setembro. Entendido?

— Sim, senhor.

— E faça com que Berthier redija uma ordem do dia para as tropas. Deverá dizer-lhes que todas as riquezas de Viena serão deles assim que lhes puserem a mão, antes do final do ano.

## CAPÍTULO 8

*Estrasburgo, 24 de setembro de 1805*

Ao mesmo tempo que dois dos oficiais subalternos estendiam o mapa e o firmavam, colocando pesos sobre os seus cantos, Napoleão percorreu a mesa com os olhos, fitando os comandantes do seu corpo do exército. Havia um ar expectante e excitado nestes homens que viera a conhecer tão bem ao longo dos anos. Eram a elite daqueles oficiais que haviam ascendido através dos postos durante as guerras que se tinham seguido à revolução. Contrariamente aos seus homólogos austríacos e russos, a maioria dos marechais e generais de Napoleão não era aristocrata, e devia as suas atuais posições aos próprios esforços. Necessitariam de todas as últimas reservas de coragem e de todos os sentidos apurados nas semanas que se seguiriam, meditou Napoleão enquanto os via inclinarem-se para a frente para examinar o mapa estendido diante deles. Berthier já demarcara as disposições do Grande Exército, bem como as possíveis localizações e efetivos das forças militares inimigas.

Pigarreando, Napoleão fez-lhes sinal para que tomassem os respetivos lugares em ambos os lados da mesa.

— Meus senhores, antes de começar, permitam-me que diga que todos vocês realizaram prodigiosas façanhas de organização ao prepararem os vossos homens para esta campanha num tão curto espaço de tempo. Estou em dívida para convosco. — Inclinou a cabeça. — Bom, falemos agora do plano. Como podem constatar, parece que os nossos inimigos não se aperceberam ainda de que o nosso ataque incidirá principalmente ao longo do Reno e em direção ao Danúbio. Os nossos espiões informaram-nos de que aproximadamente cem mil soldados austríacos se estão a concentrar para atacar o Norte de Itália. Entretanto, outros vinte mil estão a defender Tirol, enquanto uma terceira força de setenta mil, sob o comando do General Mack e do Arquiduque Ferdinand, está a avançar em direção ao Reno para nos tentar barrar o contacto com os nossos aliados bávaros. É provável que Mack também tenha sido incumbido de nos reter o tempo suficiente para permitir que os exércitos russos de Kutusov e Bennigsen se juntem a eles.

Napoleão pausou para permitir que os seus comandantes interiorizassem a situação.

— Os austríacos já cometeram o seu primeiro erro ao dividirem a sua força militar. Eles presumem que esta guerra será como a última e travada em duas frentes, em cada um dos lados dos Alpes. Mas desta vez entenderemos apenas uma ofensiva, no Danúbio. As nossas forças na Itália

limitar-se-ão a conter os austríacos. O Grande Exército está dotado dos melhores homens e recursos para levar a cabo a sua tarefa e não existe nenhum inimigo na Europa capaz de igualar os nossos homens. O principal perigo que enfrentamos é a possibilidade de os austríacos trocarem espaço por tempo de modo a combinarem-se com os russos. É imperativo que agarremos a oportunidade de atacarmos os austríacos antes que os russos cheguem, e de os esmagarmos individualmente.

Napoleão inclinou-se para a frente e deu uma palmada na área do mapa que representava a Floresta Negra.

— Começamos por lançar um ataque simulado aqui. A cavalaria de Murat seguirá para o alto Danúbio, como se a fazer uma cobertura do nosso avanço. Enquanto a atenção do General Mack estiver voltada para a Floresta Negra, a verdadeira ofensiva terá início. — Napoleão descreveu um arco com a mão sobre o mapa, percorrendo o Reno, passando sobre a Baviera e chegando ao Danúbio. — O Grande Exército avançará pelo leste, marchando o mais depressa que conseguir, até chegar ao nível de Munster, e depois seguirá para sul, atravessará o Danúbio e interromperá as linhas de reabastecimento do General Mack. Depois, este será forçado a render-se, ou será completamente dominado. Assim que a questão com Mack estiver resolvida, atacaremos os outros exércitos austríacos sucessivamente. Se avançarmos com a rapidez necessária, eliminaremos a Áustria da guerra antes que os russos possam intervir.

Bernadotte aclarou a garganta.

— Dispomos de alguma informação a respeito da localização de Kutusov ou Bennigsen, *sire*?

Napoleão abanou a cabeça.

— Ainda não. Mas os batedores de Murat têm instruções para avançar ao longo das duas margens do Danúbio, tão longe quanto possível, para nos darem as mais recentes novidades sobre o aparecimento das tropas russas.

— E se elas aparecerem antes de termos esmagado o General Mack?

— Nesse caso, caberá à sua unidade sustê-los, Bernadotte. Assim que atravessar o Danúbio em Ingolstadt, os seus homens virarão de leste e guardarão o nosso flanco.

Bernadotte procurou de imediato o ponto de passagem no mapa e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Muito bem, *sire*. Mas e se os austríacos tentarem levar as suas forças de Tirol, ou de Itália?

— A unidade de Davout bloqueá-las-á — replicou Napoleão, lançando uma olhadela ao outro oficial. — Restarão cinco unidades para cercar e destruir o General Mack. Isto partindo do pressuposto de que ele não adivinhará os nossos planos antes de conseguirmos atravessar o Danúbio.

— E se adivinhar?

— Nesse caso, ele mais o seu exército ver-se-ão forçados a dar meia volta e a tentar escapar da cilada antes que ela se concretize. No entanto, como alguns de nós descobrimos no passado, os nossos amigos austríacos não são propriamente célebres pela velocidade da sua marcha.

Aqueles que haviam estado ao serviço de Napoleão nas suas campanhas italianas sorriram divertidamente em resposta ao comentário, após o que o Imperador retomou a fala.

— Se Mack tentar bater em retirada, ainda nos deverá restar tempo para intercetar a sua linha de marcha e destruir cada uma das suas colunas sucessivamente. Seja como for, força-lo-emos a combater de acordo com as nossas condições, e muito provavelmente em terreno por nós escolhido. Com sorte, os russos chegarão mesmo a tempo de testemunhar a rendição da Áustria.

Soult ergueu as sobrancelhas e, em tom moderado, disse:

— Isso pressupõe que os russos não alcançarão o Danúbio pelo menos no espaço de mais seis semanas. Podemos estar certos disso, *sire*?

— Mais certos era impossível — respondeu Napoleão com desdém. — Os fatores tempo e surpresa estão do nosso lado, meus senhores. Inclusive o clima parece favorecer a nossa causa, por agora. Sinto que o Grande Exército está prestes a ocupar o seu lugar na História.

Na madrugada do dia seguinte, Napoleão estava sentado com o seu estado-maior numa colina sobranceira ao Reno, observando as densas colunas da infantaria de Lannes a atravessar o rio e a subir a ladeira na margem oriental. O ar estava frio e no alto o céu estava limpo, prometendo magníficas condições para o avanço do Grande Exército. Para norte, a jusante, Napoleão sabia que as outras unidades estariam também em movimento, palmilhando para leste atrás de uma cobertura de cavalaria de Murat, incumbida de impedir que os austríacos descobrissem o imenso exército que se estendia ao longo da Baviera.

Mais de duzentos mil homens e cinquenta mil cavalos estavam envolvidos na vasta manobra estratégica, e com eles seguiam várias centenas de canhões, colunas de soldados de engenharia, destacamentos de pontoneiros e pessoal médico, juntamente com os amplos comboios de reabastecimento que transportavam munições e alimentos. Estes só seriam distribuídos quando as colunas francesas se aproximassem do inimigo e o segar de forragem se tornasse demasiado perigoso. Tratava-se de um empreendimento imenso, e com os seus riscos acaso o inimigo descobrisse o estratagema, todavia Napoleão estava confiante que todos os detalhes importantes haviam sido acautelados. Ainda assim, virou-se para Berthier e, em voz baixa, perguntou:

— Alguma notícia de Murat?

— Não, *sire*. Imagino que nesta fase tenha pouco a relatar no que ao contacto com o inimigo diz respeito.

Era bem verdade, refletiu Napoleão. A cavalaria ligeira de Murat só entraria em confronto com os batedores austríacos dali a alguns dias. Só quando os dois exércitos se aproximassem um do outro se iriam travar mais batalhas significativas e se reuniria mais informação definitiva. No entanto, o paradeiro dos exércitos russos que marchavam para prestar auxílio à Áustria representava uma enorme preocupação para Napoleão. Tudo dependia da circunstância de desferir um golpe mortal no General Mack antes de este ter possibilidade de receber reforços.

— Muito bem, mas assim que houver novidades de Murat, quero ser informado.

— Sim, *sire* — assentiu Berthier, escrevinhando apressadamente uma indicação no seu bloco de notas.

Napoleão observou o chefe do estado-maior aprovativamente. Agora que a campanha havia começado, teria à disposição os factos mais críticos relacionados com o seu exército, graças aos detalhados blocos de notas que Berthier mantinha no quartel-general de campanha. A cada dia, todos os retornos e localizações dos efetivos militares do regimento seriam atualizados de modo a que o Imperador conseguisse controlar o seu enorme exército e calcular o tempo dos seus movimentos com precisão.

Napoleão sentiu o coração inchar de orgulho diante da sua proeza. Realmente não existia melhor instrumento de guerra do que o Grande Exército.

O Marechal Lannes surgiu montado a cavalo, seguindo ladeira acima na sua direção e fez continência ao mesmo tempo que refreava. Com um sorriso rasgado, tirou o chapéu num gesto largo e gesticulou no sentido da hoste francesa que preenchia a paisagem.

— Mas que vista! Nunca vi nada tão excepcional em toda a minha vida, *sire*.

— Esperemos que os austríacos sintam o mesmo. — Napoleão devolveu-lhe o sorriso. — Qual a disposição dos seus homens?

— Nunca estive melhor, *sire*. Pelo menos no seio da maioria. — Lannes esboçou um sorriso torto. — Claro que há os resmungões do costume, mas esses nunca estarão satisfeitos. Sabe como são os veteranos. Queixam-se das botas, das rações e do tempo, e deitam as culpas todas para cima dos oficiais deles. Mas assim que os puser a marchar para o campo de batalha, mal poderão esperar até abrirem caminho através do inimigo.

Napoleão olhou-o nos olhos e foi baixando o tom de voz enquanto falava.

— E você, meu velho amigo, como se sente?

— *Sire?*

— Compartilha da confiança dos homens? Acha que desta vez conseguimos derrotar os nossos inimigos?

Lannes retribuiu-lhe o olhar com uma leve expressão de mágoa e surpresa.

— Claro que os conseguimos derrotar, *sire*. Se planeou esta guerra, e está aqui para nos orientar na batalha, como podemos nós fracassar?

Napoleão fitou o rosto do seu camarada, à procura de algum sinal de insinceridade. Lannes acompanhara-o desde a primeira campanha em Itália. Na cara ainda trazia a quase impercetível cicatriz resultante do ferimento que sofrera na altura em que haviam atacado a ponte em Arcola. Napoleão lembrou as outras batalhas que tinham travado, bem como as aflições partilhadas durante as terríveis marchas através dos desertos do Egito. Lannes mantivera-se ao seu lado na altura em que Napoleão roubara o poder aos políticos corruptos do Diretório, e voltou a estar presente na segunda campanha italiana e na batalha desesperadamente renhida em Marengo. Napoleão acenou com a cabeça de si para si. Lannes era tão amigo quanto era seguidor, e numa altura em que tantos haviam ficado pelo caminho, um amigo era algo a valorizar verdadeiramente. Especialmente um amigo tão corajoso e franco quanto Lannes.

Subitamente, Napoleão inclinou-se na direção de Lannes e socou-o levemente no ombro.

— Meu caro, caro Marechal! Tem razão. Como podemos nós fracassar? Temos os melhores soldados e de longe os melhores líderes de homens na Europa. Líderes como o próprio grande Marechal Lannes.

O gascão sorriu abertamente de prazer perante o elogio e depois acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim, *sire*. Em circunstância alguma o desapontarei.

— Conto com isso, velho amigo. Mas rogo-lhe que me faça um favor.

— Qualquer coisa, *sire*.

— Faça por não ser ferido, ou morto.

Lannes riu-se. — Isso dependerá muito do inimigo.

— Bom, não lhes preste qualquer assistência, Lannes. Você é um marechal da França. Os seus homens precisarão de si durante a campanha que se avizinha. E eu precisarei de si. Pode delegar aos seus subordinados a incumbência de liderar os ataques.

— Mas, *sire!* — protestou Lannes. — Fui granadeiro muito antes de ser marechal.

— Não há mas nem meio mas. Não me posso dar ao luxo de perder nenhum dos meus melhores oficiais.

Lannes carregou o cenho e recolocou firmemente o chapéu antes de resmungar.

— Muito bem, *sire*. Se é essa a sua ordem.

— É, sim. Faça por cumpri-la. Agora pode regressar à sua unidade, Marechal.

— Sim, *sire*.

Lannes inclinou a cabeça e virou costas montado no cavalo, depois espicçou-o a seguir a trote enquanto descia a vertente e seguia novamente ao encontro da sua unidade. Berthier observou-o durante algum tempo enquanto se afastava, e em seguida murmurou entre dentes:

— Um homem excepcional, este.

Napoleão fitou a figura do Marechal a apartar-se antes de responder:

— Um dos mais excepcionais.

As colunas do Grande Exército palmilharam velozmente para leste. Os soldados levantaram-se antes do despontar do dia, tremendo enquanto punham as mochilas aos ombros e arrastavam os pés até às respetivas companhias, a sua respiração produzindo pequenas nuvens no primeiro raio cinzento de luz. Em seu redor escutavam-se os resfôlegos e os relinchos de cavalos que eram selados e arreados para a marcha do dia. Depois, um a um, os regimentos, brigadas e divisões de cada unidade começaram a avançar. A infantaria marchou em cada um dos lados da rota, com o tráfego de comboios de reabastecimento e artilharia a avançar ao longo dos caminhos e estradas. Quando o Sol se ergueu, os homens lançaram uma olhadela às cercanias, com os mais jovens ansiosamente à procura de qualquer sinal do inimigo, enquanto os veteranos fixavam os experimentados olhos nas pequenas aldeias e quintas por que passavam, de mentes concentradas na apanha de forragens, e, se a oportunidade surgisse, num discreto saque sob a capa da escuridão.

A cada duas horas era dada a ordem para um breve descanso e os homens pousavam as mochilas e mosquetes e deixavam-se cair no chão. Aqueles que tinham cachimbos acendiam-nos enquanto o ar era preenchido por conversas animadas acerca das batalhas futuras e das perspectivas de vitória. Depois, era gritada uma ordem e os homens rapidamente voltavam a formar fileiras e esperavam que as bandas de cada uma das brigadas entoassem uma música, de modo a retomarem a marcha. Por vezes correspondia a uma exaltada composição musical patriótica, mas era mais comum escutar-se uma canção que se tornara popular nas fileiras, e os soldados cantavam energicamente enquanto marchavam. Depois, ao meio-dia, o exército parava, e assim que os homens tivessem saído das fileiras e prepa-

rado o melhor possível qualquer que fosse o abrigo disponível, eram livres de apanhar forragens durante o resto do dia.

O bom tempo durou até ao final de setembro, altura em que se acercaram nuvens escuras vindas de nordeste e um vento gelado atravessou a Baviera, trazendo consigo chuva que rapidamente se transformou em granizo e breves quedas de neve. Agora os homens do Grande Exército marchavam num silêncio taciturno, golas levantadas e cachecóis atados em volta das barretinas enquanto caminhavam penosamente de encontro ao vento com as cabeças inclinadas. Assim que começou o mês de outubro, com o frio e a chuva gélidos, Napoleão tomou consciência de que as novas condições prejudicariam a marcha para leste e poderiam dar aos seus inimigos tempo para reconhecerem a ameaça e mudarem a marcha para enfrentar o Grande Exército. Portanto, ordenou ao exército que virasse para sul e marchasse tão depressa quanto possível rumo ao Danúbio.

Volvidos cinco dias, começaram a surgir tropas francesas ao longo da margem norte do grande rio, tomando de assalto todas as pontes e barcos de transporte antes de fazerem a travessia. Napoleão, seguindo a cavalo com as divisões dianteiras do corpo militar de Lannes, encaminhou-se para Augsburg, cidade que havia escolhido para servir de quartel-general de campanha. Passara grande parte do dia anterior sobre a sela, movendo-se de unidade em unidade para se certificar de que as suas ordens de marcha estavam a ser rigorosamente cumpridas. Quando a noite caiu, o Imperador e o seu estado-maior ainda se encontravam a cerca de dezasseis quilómetros de Augsburg, pelo que Napoleão decidiu parar no acampamento de uma das divisões de Ney.

Ao som dos cavaleiros que se aproximavam, os piquetes emergiram das sombras em ambos os lados do caminho lamacento e empunharam cautelosamente os mosquetes.

— Alto! — bradou uma voz grave. — Quem vem lá?

Napoleão seguia a cavalo juntamente com um punhado de membros do estado-maior e seis soldados de cavalaria da guarda, um dos quais se indignou colericamente com a intimação e permaneceu ereto sobre os estribos para em seguida gritar uma resposta.

— O Imperador!

Fez-se um breve silêncio até que a mesma voz clamasse em resposta:

— Léria! Qual é a senha?

O oficial da guarda praguejou em voz baixa e depois berrou:

— Afastem-se, imbecis, antes que vos passemos por cima!

— Basta! — disparou Napoleão. — Estão apenas a cumprir o seu dever.



O oficial da guarda pôs-se rígido.

— Desculpe, *sire*. Mas não se deviam dirigir ao destacamento imperial desta maneira.

— Deveras? — Napoleão sorriu com lassidão. — Sabe qual é a senha?

O oficial da guarda inspirou sonoramente e, com voz sibilante, pronunciou:

— Não, *sire*.

— Porque não?

O Imperador não esperou por uma resposta da parte do guarda envergonhado, mas espicçou o cavalo e trotou em direção à linha de figuras negras que lhe barravam o caminho, observando com prudência o brilho débil das baionetas em riste. A sua escolta apressou-se atrás de Napoleão enquanto este abrandava a uma curta distância do piquete.

— E quem é você? — perguntou Napoleão.

— Diabos me levem — murmurou entre dentes. — É ele! — Instantes depois, um sargento encorpado avançou e fez continência.

— Desculpe, senhor. Mas ainda hoje tivemos de afugentar alguns dragões austríacos. Todo o cuidado é pouco.

— À vontade, sargento. Fizeram bem em intimar-nos. Faria com que fosse reduzido a soldado raso se isso não tivesse acontecido. Ora muito bem, que unidade é esta?

— 63º regimento de linha, senhor. Divisão de Dupont.

— Dupont? — Napoleão lembrou-se de que no dia anterior os quatro mil homens do general Dupont haviam atacado uma força inimiga quatro vezes superior em dimensão de modo a forçar uma travessia do Danúbio, e que desse episódio haviam resultado pesadas baixas. Agora que passava os olhos pelos homens do piquete, Napoleão constatava que alguns deles estavam com ligaduras. Retirando o pé direito do estribo, lançou a perna sobre a sela e desmontou. Voltou-se para encarar o sargento, um homem enorme com uma barba de vários dias a escurecer-lhe a queixada.

— Qual é o seu nome?

— Sargento Legros, senhor.

— Legros, eh? E porque não se dirige ao seu Imperador nos termos apropriados? É *sire*, não senhor.

— Como desejar, *sire*, mas foi meu general antes de se ter tornado meu imperador.

— Seu general?

— Servi consigo em Itália, em noventa e cinco, senhor... *sire*.

— Ah! — Napoleão sorriu e agarrou o sargento pelos braços. — Um dos meus primeiros camaradas. Restam muito poucos de nós, Legros. E pode chamar-me senhor, se quiser.

Legros esboçou um sorriso.

— Sim, senhor.

Napoleão lançou um olhar de soslaio em redor, dirigido aos outros homens.

— A avaliar pelos relatórios, a sua divisão travou um combate a sério.

Legros aquiesceu com um aceno de cabeça. — Ontem enterrámos alguns bons homens. Mas o inimigo enterrou mais.

Napoleão, satisfeito, fez que sim com a cabeça e acenou na direção da pequena fogueira que ardia na estrada, a uma distância curta. No seu brilho vislumbrava-se um homem curvado sobre um caldeirão, mexendo o conteúdo com uma longa concha de madeira.

— Partilharia uma porção de sopa com o seu general?

— Seria uma honra, senhor. — Legros inclinou a cabeça e rodou sobre si mesmo para conduzir Napoleão até à fogueira. Gritou ao seu cabo que ficasse ao comando enquanto ele entretinha o Imperador. Dirigindo um gesto rápido a um dos membros da sua escolta para que este tirasse as rédeas do seu cavalo, Napoleão avançou em passadas largas para o apanhar. À medida que se aproximavam do homem diante do caldeirão, uma série de outros soldados tomava assento. Assim que o primeiro deles reconheceu o homem que seguia ao lado do seu sargento, levantou-se um sussurro excitado e, num pulo, todos se puseram de pé e em sentido.

Napoleão ergueu uma mão na direção deles.

— Ponham-se à vontade! Sou apenas um velho camarada que se vem aquecer junto da vossa fogueira, e partilhar rações, isto se houver sopa para dispensar.

No instante em que adentrou o vulto laranja da chama crepitante, Legros retirou do seu estojo uma tigela maltratada e uma colher e ofereceu-as ao Imperador. Embora houvesse escassez de provisões de boca, era claro que o sargento se sentia honrado por partilhar a sua ceia com Napoleão.

— Obrigado. — Napoleão pegou na tigela e virou-se para o homem defronte do caldeirão. — Posso?

— Sim, *sire!* — O homem passou-lhe prontamente a concha. Curvando-se sobre o caldeirão vaporoso, Napoleão mergulhou a concha e deu uma mexedela antes de retirar uma porção e vertê-la para a tigela. Devolveu a concha e pegou na colher. Erguendo a tigela, cheirou-a cautelosamente, e constatou que o odor quente e saudável era do seu agrado, especialmente em virtude do facto de que não comia nada desde a aurora. Deu uma colherada e soprou cuidadosamente a superfície antes de bebericar. Estava quente, mas não ao ponto de lhe queimar a boca, e engoliu-a avidamente, após o que levantou os olhos da direção das caras expectantes em seu redor. Da escuridão emergiam sombras atrás de sombras à medida

que pelo acampamento se espalhava a notícia de que o Imperador ali se encontrava.

— Bela sopa! — anunciou Napoleão. — Um pouco mais salgada do que a que costumava comer quando era alferes, mas ainda assim boa.

Deu mais uma colherada enquanto os homens se maravilhavam ante a constatação de que o seu imperador em tempos vivera nas mesmas condições que eles. Tratava-se de mais uma oportunidade para Napoleão lhes conquistar os corações e sorriu de si para si ao mesmo tempo que observava a multidão reunir-se em torno dele. Depois de alguns goles, devolveu a tigela ao Sargento Legros e limpou os lábios com as costas da mão.

— Obrigado, estava a precisar disto. — Levantou a voz. — Soldados! Sei dos vossos feitos corajosos de ontem. Mas digam-me, quem é o homem mais corajoso deste regimento?

Houve uma pausa até que o nome de Legros fosse gritado, e de imediato se levantou um urro uníssono de aprovação. Napoleão exibiu um sorriso rasgado ao voltar-se para trás, na direção da enorme figura que parecia ligeiramente embaraçada pelos gritos dos seus camaradas.

— Parece que você é o herói do regimento, Legros.

— Apenas cumpro o meu dever, senhor.

— Claro. Pois muito bem — disse Napoleão, franzindo ligeiramente o sobrolho, como se a refletir sobre um problema, e depois desatou a rir de supetão e apertou a mão de Legros —, promovo-o a tenente. O seu regimento vai precisar de bons oficiais se continuar a combater tão ferozmente como o fez ontem. Os meus parabéns, Tenente Legros.

O homem fez um ar espantado e baloiçou ligeiramente a cabeça de um lado para o outro.

— Não sei o que dizer, senhor.

— Um «obrigado» é suficiente.

Os homens em volta soltaram uma risada, e depois alguém deu vivas ao recém-promovido Legros e os demais juntaram-se a ele. Napoleão deixou-os celebrar à vontade durante algum tempo, até se virar para um dos seus oficiais do estado-maior para garantir que a promoção fosse registada e tornada oficial assim que possível. Enquanto falava, escutaram-se golpes pesados de cascos provenientes da estrada e Napoleão olhou em volta, vislumbrando um oficial do estado-maior a galopar em direção à fogueira.

— Onde está o Imperador? — gritou o recém-chegado assim que viu a escolta de Napoleão. Pulou da sua montada resfolegante no momento em que viu Napoleão e abriu caminho por entre os soldados. Com alguma dificuldade, recompôs-se o suficiente para se pôr em sentido e fazer continência, após o que retirou uma folha de papel dobrada do interior do casaco. — *Sire!* Despacho do Marechal Ney.

— O que se passou? — perguntou Napoleão em voz baixa enquanto pegava na mensagem.

— Apanhámo-los, senhor. Aos austríacos. A vanguarda de Ney capturou um coronel austríaco. Ele disse-lhes que o exército de Mack está em Ulm. Apanhámo-los na margem do Danúbio onde não esperaríamos que estivessem, senhor. Com as costas viradas para as colinas e para a Floresta Negra, foram apanhados como ratos numa ratoeira.

— Tal como eu sempre soube que seriam — respondeu Napoleão seccamente enquanto lia todos os detalhes à luz da fogueira. Quando terminou, amarrotou a mensagem e atirou-a para a chama, depois voltou-se para a multidão de soldados que se havia reunido para o ver.

— Amanhã o Grande Exército cerrará o seu punho em volta do pescoço do General Mack! O Grande Exército será o primeiro a fazer derramar sangue! — Napoleão esmurrou o ar e os homens soltaram um urro de aprovação. Observou-lhes, por instantes, os rostos excitados e depois rodou sobre si mesmo para se voltar a juntar à escolta e aos oficiais do estado-maior que o esperavam. Atrás de si, os gritos de aplauso ecoaram nos céus.

## CAPÍTULO 9

*Ulm, 16 de outubro de 1805*

Cercados por todos os lados, os austríacos bateram em retirada rumo a Ulm e prepararam a desafortunada cidade para um ataque. Enquanto cerca de cem mil homens do Grande Exército rodeavam os defensores, os canhões da reserva de artilharia eram dispostos e baterias eram entrincheiradas nas colinas que circundavam a cidade. De madrugada, Napoleão encontrava-se sentado numa cadeira da campanha pouco acima da maior bateria. À sua volta, uma chusma de oficiais do estado-maior falava em surdina enquanto aguardava o início do bombardeamento. Napoleão ignorou-os. Estava tomado por um imenso sentimento de satisfação pelo facto de os seus planos se terem realizado tão rapidamente. Na noite anterior, escutara do Marechal Bernadotte que o exército russo do General Kutusov havia sido finalmente localizado, a trezentos quilómetros de Ulm. Napoleão acenou tenuemente com a cabeça ao considerar a situação. Kutusov estava suficientemente longe para dar ao Grande Exército tempo para derrotar os austríacos antes de virar a atenção para os russos. Apertou mais o casaco em redor dos ombros e encolheu-se, concentrando a atenção no panorama que diante dele se estendia.

Abaixo da sua posição encontravam-se as linhas do Grande Exército, e, a uma curta distância, os apressadamente erguidos baluartes e fortificações que circundavam Ulm. Uma ligeira neblina erguera-se do Danúbio, no lado mais distante da cidade, e a maior parte dos edifícios adquiria a cor cinzenta e mostrava-se indistinta. Apenas os pináculos das igrejas e os telhados das construções mais elevadas se encontravam num ponto suficientemente alto para serem vistos claramente. O ar era ocupado pelos gritos dos oficiais de artilharia, que apontavam os seus canhões para alvos distantes e ordenavam que as armas fossem carregadas com chumbo. Era uma manhã fria, e uma geada reluzente revestia o chão gelado. As condições ideais para o fogo de artilharia, uma vez que as balas de canhão que não atingissem imediatamente um objeto ressaltariam várias vezes antes de pararem, aumentando assim enormemente o seu alcance e potencial de destruição.

Do canto do olho, Napoleão viu um oficial do estado-maior aproximar-se a trote do General Marmont. Fez continência e falou brevemente, e depois o seu superior caminhou a passos largos através da ladeira em direção ao Imperador.

— *Sire*, permita-me que o informe que a artilharia está a postos para começar o bombardeamento, à sua ordem.

Napoleão fez que sim com a cabeça, inalou fundo o ar gelado e olhou uma última vez para a pacata cidade de Ulm, instalada junto do brilho sombrio do Danúbio. Depois expirou.

— Muito bem. Podem abrir fogo.

— Sim, *sire*. — Marmont fez continência e voltou-se para berrar a ordem à guarnição do canhão sinalizador. — Abrir fogo!

O artilheiro com o bota-fogo baixou a extremidade que ardia a fogo lento contra a pólvora no pequeno cartucho da espoleta enfiado no orifício. Fez-se um fogacho, após o que um jato de fogo e fumo foi expelido da boca, e instantes depois a detonação ribombante foi escutada no cimo da colina por Napoleão e pelo seu estado-maior. Passado um momento, o resto das peças de artilharia do Grande Exército abriram fogo com um intenso e retumbante rugido que encheu o céu matutino de trovoadas. Centenas de nuvens de fogo e fumo foram cuspidas das bocas dos canhões franceses, e depois explodiram telhas dos edifícios de Ulm, atestando a eficácia de alguns dos disparos. Os canhões destinados a apontar o seu fogo às fortificações austríacas começaram a provocar danos, pedaços de solo irrompendo no ar enquanto faxinas e fortificações de madeira eram arrasadas. Os defensores ripostaram num curto espaço de tempo e as posições francesas começaram a sofrer as suas perdas e danos como consequência. Mas o poder de fogo do Grande Exército era tal que as baterias exteriores do General Mack

foram gradualmente silenciadas à medida que a manhã avançava. O Sol ergueu-se no céu e a neblina vinda do Danúbio evoluiu-se das ruas de Ulm, para ser substituída por uma densa nuvem de pó que subia em redemoinho da alvenaria que era reduzida a pedaços por pesadas descargas. Densas acumulações de fumo pairavam sobre as posições da artilharia de ambos os lados, fazendo-os disparar às cegas e confiar que a cuidadosa colocação dos canhões, anterior ao bombardeamento, lhes permitisse continuar a atingir o alvo.

As guarnições dos canhões haviam recebido ordem para cessar fogo ao meio-dia, e escassos minutos antes da hora o último canhão calara-se. Pouco tempo depois, os austríacos procederam da mesma maneira e o silêncio e quietude que se seguiram foram, a princípio, enervantes para os homens que pela primeira vez estavam no cenário de guerra. Aqueles que se encontravam nas baterias de artilharia aproveitaram de imediato a interrupção na ação para fazerem reparações rápidas nas suas defesas e para arrastarem armas danificadas, assim como os mortos e os feridos.

No cimo da colina, Napoleão comia uma refeição leve de frango frio, pão e vinho aguado quando a sua atenção foi atraída para um rumor excitado no seio dos seus oficiais do estado-maior. Pousando o cesto de verga que continha o almoço improvisado, pôs-se de pé e voltou-se para seguir a direção do olhar deles. Uma pequena comitiva de cavaleiros emergira das linhas austríacas. Dois homens seguravam trombetas e tocavam repetidamente a mesma melodia estridente enquanto atravessavam o terreno aberto entre os dois exércitos. Um outro homem empunhava uma enorme bandeira branca, que agitava de um lado para o outro de modo a garantir que era claramente vista pelos matreiros franceses dados a escaramuças. A comitiva era liderada por um oficial com uma ampla faixa vermelha sobre o ombro, e várias condecorações reluziam vivamente no seu peito.

Foram recebidos nas linhas francesas por um oficial subalterno que os conduziu até ao comandante do regimento, que por sua vez os acompanhou até ao seu brigadeiro, e assim sucessivamente até finalmente subirem a encosta ao encontro do Imperador da França em pessoa. Napoleão interrompera a sua refeição e mostrou-se relutante em pô-la novamente de lado no momento em que o oficial austríaco desmontou do cavalo e caminhou de forma hirta na sua direção. Estava prestes a falar quando Napoleão o silenciou bruscamente com uma mão levantada.

— Um momento, se fizer o favor!

Mastigou lentamente a última porção de comida que lhe enchia a boca, fitando atentamente o austríaco enquanto o fazia, até o olhar do outro homem finalmente vacilar. Napoleão limpou descontraidamente as mãos num guardanapo e pôs-se de pé para se dirigir ao oficial austríaco.

— Pronto. Pode falar.

O austríaco, de tão surpreso perante aquele tratamento rude, ficou de queixo caído. Depois recuperou, pigarreou e transmitiu a sua mensagem.

— Sou o Coronel Conde Freudklein, do estado-maior do General Mack. Ele envia-lhe os mais calorosos cumprimentos e uma proposta para entrar em negociações consigo.

— Negociações? — interrompeu Napoleão. — Para se render?

— Render? Não, senhor! — O Coronel Freudklein franziu o sobrolho. — O General Mack deseja discutir um armistício. Apenas isso.

— Um armistício... — Napoleão ponderou sobre a matéria por instantes, e depois cruzou os braços e voltou a fixar o olhar no oficial. — Quanto tempo deseja o General Mack que dure?

— Dez dias, senhor.

— Dez dias é muito tempo. Talvez tenha tomado conhecimento de que Kutusov e o seu exército se estão a aproximar?

Freudklein manteve o rosto inexpressivo e, passado um momento, Napoleão exibiu um sorriso rasgado.

— Meu caro Coronel, mantêm-me completamente informado no que diz respeito ao paradeiro de Kutusov. E sei perfeitamente que a distância a que se encontra é suficiente para me permitir subjugar Ulm e forçar a vossa rendição muito tempo antes de ele chegar.

— Isso é o que veremos, senhor. Os russos poderão aqui chegar mais cedo do que imagina.

— Talvez, mas duvido que assim seja. Seja como for, sou um homem compassivo. O meu exército é capaz de aceitar de bom grado um breve descanso dos seus esforços, tal como o seu. Concedo o armistício ao seu general. — Napoleão calou-se para impressionar. — Com uma condição.

— Sim?

— A de que o General Mack concorde que as suas forças se rendam a mim acaso os russos não cheguem para o socorrer no espaço de nove dias após a assinatura do armistício. É esta a minha oferta, e não é negociável. Agora regresse para junto do seu general e faça-o saber das minhas condições.

O Coronel Freudklein fez continência, regressou ao seu cavalo e voltou a montá-lo. Pontapeando o cavalo com as esporas, este recuou ligeiramente e depois seguiu a galope ladeira abaixo, e os seus três companheiros prontamente espicaçaram as respetivas montadas para o seguir. Napoleão viu-os partir com um sorriso satisfeito. A sua oferta era generosa, e aceitável para o General Mack, que estava desesperado para ganhar tempo enquanto aguardava a chegada dos seus aliados russos. Os austríacos estavam absolu-

tamente convencidos de que Kutusov os alcançaria no intervalo de dez dias. Porém o mais recente relatório colocava-o a pelo menos duas semanas de marcha de Ulm. Portanto, meditou Napoleão, os austríacos que ficassem com o seu armistício, desde que concordassem com a sua data de rendição.

Na manhã seguinte, representantes de ambos os exércitos encontraram-se em campo aberto e assinaram a trégua. O General Mack declinou a presença em pessoa, pelo que Napoleão enviou Berthier para concluir o acordo no seu lugar. Se os russos não conseguissem socorrer os seus aliados até ao termo do armistício, os austríacos concordariam com a rendição ao Grande Exército. Assim que o documento foi assinado, os homens de ambos os exércitos deixaram o serviço e instalaram-se nos seus acampamentos enquanto os seus piquetes continuaram a observar-se mutuamente com toda a cautela. Ao mesmo tempo que a força inimiga trabalhava arduamente para reparar as suas defesas, os soldados franceses, exaustos em virtude do rápido avanço do mês anterior, descansavam e compunham os seus uniformes e apetrechos. Napoleão certificou-se de que lhes era fornecido vinho e os melhores alimentos que podiam ser saqueados das cidades e povoações circundantes. À medida que as noites outonais se aproximavam, as linhas francesas mantinham-se animadas com os sons de galhofa, canções e riso. Do outro lado, os austríacos permaneciam quietos e aguardavam em silêncio novidades acerca da aproximação dos seus salvadores russos.

Nos dias que se seguiram, na propriedade rural escolhida para servir de quartel-general do Grande Exército, Napoleão passou longas horas com Berthier a planear a etapa seguinte da campanha. Os relatórios diários de Bernadotte falavam do avanço lento do exército do General Kutusov, e enquanto Napoleão perscrutava os mapas espalhados pelo chão do seu quartel, soube que não havia qualquer dúvida de que o exército austríaco não seria auxiliado antes do termo do armistício. Ajoelhado sobre o mapa e medindo a distância com o seu compasso de pontas, Napoleão acenou com a cabeça de satisfação. Depois os seus olhos moveram-se rapidamente para a área que representava as terras da Prússia e fixaram-se nela por um momento, dirigindo-se depois a Berthier, que estava sentado num banco a um lado a tirar notas.

— Quais são as notícias mais recentes da Prússia?

Berthier contraiu os lábios enquanto relembrava apressadamente a verificação que fizera dos despachos da manhã. — De acordo com o nosso embaixador, o partido da guerra ainda está a tentar convencer Frederico Guilherme a juntar-se à coligação, mas ele mostra-se relutante em correr o risco.



— Risco? — Napoleão fungou com desdém. — Que risco poderia existir se ele se juntasse ao Czar e ao Imperador da Áustria? Ultrapassar-nos-iam três vezes em número. O homem é um cobarde e um imbecil.

— Tanto melhor para nós, *sire*.

— Sim — replicou Napoleão em tom suave. — Portanto... É imperativo que mantenhamos os nossos inimigos divididos. Isso significa que temos de pôr fim a esta guerra rapidamente, com o tipo de vitória aniquiladora que esmagará a simples ideia de uma oposição futura à França. — Arrastou-se para o lado e bateu com o compasso na capital austríaca. — Ocupar Viena não será suficiente. Não podemos impor condições antes de destruímos o seu exército.

Berthier fez que sim com a cabeça.

— Assim é. Mas ainda assim a perda de Viena seria um pesado golpe para eles, *sire*.

Napoleão abanou a cabeça.

— Não passa de uma cidade, Berthier. Tijolos e argamassa. Não nos pode fazer nenhum mal. De qualquer modo, nalguns sentidos é uma pena que alguns velhos requintes de guerra tenham perecido. Seria bastante mais conveniente se os nossos inimigos se rendessem no momento em que as suas capitais tivessem caído. Mas esta é uma nova idade para a guerra. Só os velozes e os implacáveis prevalecerão. É por isso que ganhamos, Berthier.

— Sim, *sire*.

O som de botas pesadas ecoou ao fundo do corredor do lado de fora da sala e ambos os homens se viraram para a porta quando, subitamente, se escutou uma pancada seca.

— Entre! — gritou Napoleão ao mesmo tempo que se levantava e se afastava cuidadosamente do mapa. A porta foi aberta de par em par e o Marechal Lannes entrou, o rosto vermelho de excitação.

— *Sire*, é melhor vir ver isto imediatamente!

— Ver o quê?

— São os austríacos, *sire*. Estão a quebrar o armistício. Há duas colunas a avançar das defesas de Ulm.

— Traição — resmoneou Napoleão. — É isto que acontece quando se confia na palavra de um aristocrata austríaco. Vamos, Berthier!

Agarrando no chapéu, Napoleão saiu apressado da sala. Com Lannes e Berthier atrás de si, apressou-se rumo ao exterior e, com um aceno, indicou a um dos moços de estrebaria que lhes trouxesse os cavalos. O pequeno grupo saiu do recinto do estábulo a galope e seguiu através do campo aberto em direção ao ponto de observação no cimo de uma pequena colina com vista para Ulm e suas defesas. À volta deles, por toda a parte, soavam tambores e guinchavam trombetas, convocando os homens do Grande

Exército para que pegassem nas armas e se formassem nos seus regimentos, prontos para enfrentar o inimigo. Na colina, um punhado de oficiais observava fixamente as posições inimigas e apenas se apercebeu da chegada do Imperador quando este desmontou do cavalo e sacou um telescópio da mão de um jovem tenente. Apontou-o na direção de Ulm e susteve a respiração para firmar a visão enquanto percorria as linhas das defesas. De facto, duas vastas colunas avançavam da cidade. A norte, uma densa massa de cavalaria, talvez com vários milhares de elementos, seguia a grande velocidade em direção às linhas francesas e já se viam baforadas de fumo a desabrochar das baterias francesas voltadas para as linhas austríacas. A sudeste da cidade, uma gigantesca coluna de infantaria atravessava os portões.

Lannes levou as mãos uma de encontro à outra.

— Os imbecis estão a marchar exatamente na direção dos nossos canhões. Vão ser desfeitos em pedaços.

— Talvez — replicou Napoleão suavemente, e depois fixou a atenção na dianteira da coluna austríaca. Não vislumbrou qualquer brilho de baionetas ali, e depois percebeu. A força inimiga segurava os mosquetes ao contrário. Examinou rapidamente as bandeiras à frente da coluna e constatou que a maior parte estava enrolada. Os restantes eram completamente brancos. Baixou o telescópio e sorriu.

— Estão a render-se. — Voltou-se para Lannes e passou-lhe o telescópio. — Veja você mesmo.

— O quê? — Lannes pareceu admirado e depois apontou apressadamente o telescópio na direção do inimigo. — Tem razão, *sire*. A render-se, por Deus. Cinco dias antes do fim do armistício. Mas porquê?

— Devem ter tido notícias da localização do exército russo — refletiu Napoleão. — O General Mack apercebeu-se de que não podia ser salvo a tempo. Tem de ser isso.

— E em relação à outra coluna, *sire*? — Lannes baixou o telescópio e gesticulou para a distante cavalaria que investia sobre as linhas francesas para norte.

— Uma força de evasão. Presumo que Mack tenha a esperança de pelo menos salvar os seus cavaleiros. Bom, isso é o que vamos ver. Berthier, dê um recado a Murat imediatamente. Relate-lhe o que se está a passar e dê-lhe ordens para perseguir a cavalaria do inimigo. Eles não podem escapar. Não nos podemos dar ao luxo de permitir que se juntem aos outros exércitos austríacos, ou a Kutusov.

— Sim, *sire*. — Berthier fez continência e lançou-se sobre o seu cavalo para regressar ao quartel-general a galope.

Sob a mira deles, a coluna austríaca começou a desdobrar-se em linha de caras voltadas para o Grande Exército que se formava apressadamente.

Depois, regimento atrás de regimento, o inimigo pousou as armas no chão e todos se puseram em sentido diante dos olhos pasmados dos soldados franceses. Um numeroso grupo de oficiais destacou-se das linhas austríacas e caminhou lentamente na direção dos piquetes franceses. Rapidamente passaram por eles e foram encaminhados para o quartel-general do Grande Exército.

— Vamos! — ordenou Napoleão. Seguindo à frente de Lannes, apressou-se de regresso ao seu cavalo, trepou para a sela e espicou a montada a galopar. Na altura em que alcançaram o quartel-general, Berthier havia ordenado a formação de uma guarda de honra e os granadeiros da Velha Guarda reuniam-se apressadamente em ambos os lados do caminho de gravilha que desembocava na casa de campo. Nos seus uniformes de cerimónia e barretes de pele altaneiros, os duros veteranos pareciam tão formidáveis quanto qualquer homem da Europa e Napoleão atentou neles com orgulho no momento em que se juntou aos oficiais que se aglomeravam diante da entrada para receber os austríacos.

No preciso instante em que o último homem se apressava rumo à sua posição, escutou-se um estrépito distante de cascos e depois Napoleão avistou o primeiro dos oficiais do inimigo a meter pelo caminho. Avançaram a trote entre as linhas quietas dos granadeiros. Depois foi gritada uma ordem e os soldados franceses apresentaram armas num movimento fluido que por instantes pôs os austríacos em sobressalto. Prosseguiram o seu caminho, refreando a uma curta distância de Napoleão e do seu estado-maior. O líder deles, trajando um uniforme luzente adornado com galões e medalhas, desmontou do cavalo e acercou-se. Era um homem magro com uma expressão lúgubre, piorada ainda pela exaustão. Estacou enquanto perscrutava os oficiais franceses, até que o seu olhar se deteve em Napoleão. Com um suspiro fatigado, desembainhou a espada com um ruído metálico e estendeu o cabo horizontalmente, ao mesmo tempo que deu os escassos passos finais com a cabeça inclinada.

— Imperador Napoleão, vim para lhe apresentar a rendição do meu exército.

— E você é? — inquiriu Napoleão num tom de indiferença, com um brilho de contentamento nos olhos.

O austríaco olhou para cima.

— *Sire*, eu sou o infeliz General Mack.

Napoleão aceitou a espada e entregou-a a Berthier.

— Aceito a sua rendição. Por favor, permita-me que o receba a si e aos seus oficiais aqui enquanto são tomadas as diligências para prender o seu exército. Quantos homens tem, General?

O General Mack engoliu amargamente em seco antes de responder:

— Mais de vinte e sete mil almas.

Levantou-se um murmurinho excitado entre os oficiais de Napoleão e este voltou-se e lançou-lhes um olhar fulminante que fez com que se calassem de imediato.

— Marechal Lannes, encarregue-se dos nossos convidados.

Lannes exibiu um sorriso rasgado.

— Será um prazer, *sire*.

Mack ordenou que os seus companheiros desmontassem e, à medida que os seus cavalos eram levados por moços de estrebaria franceses, os oficiais austríacos desfilavam miseravelmente através da entrada da casa de campo. Napoleão observou-os por um momento, depois virou-se para Berthier com uma expressão satisfeita.

— A primeira metade da campanha está terminada. Agora é chegada a altura de virarmos a nossa força contra os austríacos que restam, e os seus amigos russos.

## CAPÍTULO 10

Arthur

*Londres, novembro de 1805*

Nas semanas que se seguiram ao seu regresso à Grã-Bretanha, Arthur retomou gradualmente as suas antigas amizades e outros contactos na capital. Todavia, num recanto da sua mente persistia o pensamento em Kitty, que ainda vivia em Dublin, ao que sabia. Por muito que desejasse vê-la, adiava vezes sem conta o envio de uma carta, dizendo a si mesmo que de momento estava demasiado ocupado para tais questões. No meio da azáfama e do esplendor dos círculos sociais da capital, Arthur sentia-se lisonjeado pela atenção de mulheres da alta sociedade, embora também passasse muitas noites nos bares e antros que serviam álcool, onde desfrutava da companhia de cortesãs. Contudo, nenhuma delas lhe excitava o ardor tanto quanto a simples ideia de Kitty. Por conseguinte, tentava ocupar a mente com outras questões.

Era vital que compreendesse plenamente o terreno social e político no qual os Wellesley combateriam para salvaguardar o seu lugar no centro dos assuntos da Grã-Bretanha. O seu irmão mais velho, William, era membro da Câmara dos Comuns e mostrara ser um barómetro útil para as complexas relações entre as diversas facções. Nos onze anos que haviam

passado desde que se tinham visto pela última vez, William envelhecera mal. Engordara e o seu cabelo ficara cinzento. Ainda mais desanimador era o facto de William se ter aclimatado à política a um ponto tal que começara a encará-la como um meio para todos os fins, e encorajara vigorosamente o seu irmão mais novo a apoiar a facção crescente de Lorde Buckingham.

Certa manhã, os dois irmãos estavam sentados na sala de estar da casa da mãe, na altura em que os primeiros dias chuvosos e ventosos de inverno chegavam a Londres. Chuva glacial tamborilava na janela e escorria pelo vidro em veios demorados que turvavam os detalhes da rua lá fora. Um criado acendera a lareira, mas embora as brasas brilhassem vivamente na grelha, Arthur tremia e apertava mais o casaco liso em volta dos ombros.

— Houve uma altura em que ansiava por regressar à Grã-Bretanha — disse serenamente. — Pensava que qualquer coisa seria preferível a passar outro verão na Índia. Mas agora? Por Deus, daria posto, título e fortuna para regressar a Mysore. Aquilo é que era vida.

William sorriu tenuemente.

— Ah, sim. Disseram-me que tu e o Richard viviam como reis no seio dos nativos. Qual era o nome daquele palácio que estavam a usar? — Franziu o cenho enquanto tentava lembrar-se. — Dowley qualquer coisa?

— Dowlut Baugh — respondeu Arthur. — E era uma residência de verão do sultão Tipu, não o seu palácio. Não devias acreditar em tudo aquilo que ouves em Londres, meu irmão.

— Talvez não, mas circularam rumores dos, hum, excessos de opulência que o Richard concedeu a si próprio enquanto foi governador-geral. Os boatos dizem que também não te saíste nada mal.

— Rumores, William. Nada mais. Apenas rumores.

William contraiu os lábios.

— Espero que sim, para bem de todos nós. Desde que o Richard tenha uma explicação satisfatória para o parlamento quando regressar.

— Terá. E defendê-lo-ei com unhas e dentes, tal como tu e o resto da família.

— Oh, claro. — William endireitou-se na cadeira. — Isso nem é preciso dizer. E temos de nos certificar de que garantimos apoio político suficiente para ajudar o Richard quando, se, houver uma investigação.

Arthur observou o irmão demoradamente.

— Referes-te a Buckingham, presumo?

— Sim. O homem está determinado em deixar a sua marca na cena política. Seria proveitoso para a nossa família se nos aliássemos a ele.

— Os políticos vêm e vão, William. E se o teu amigo Buckingham não for capaz de deixar a sua marca? E se formos arrastados para baixo com ele? Nesse caso, como podia a nossa família ter esperança de exercer influência

suficiente para servir a Grã-Bretanha de modo eficiente? Seria melhor se não apoiássemos nenhuma facção. Na verdade, seria melhor se não houvesse quaisquer facções durante o período de guerra. — Arthur parou de falar e pensou por um momento antes de continuar. — Acho que seria arriscado ligarmo-nos a Buckingham.

— Mas e se ele for bem-sucedido? — Os olhos de William cintilaram. — Nesse caso talvez pudéssemos escolher os cargos do Estado<sup>1</sup> e servir a Grã-Bretanha no máximo das nossas capacidades. Pensa nisso, Arthur. A família Wellesley estaria no centro do governo, onde reside o verdadeiro poder. É aí que merecemos estar.

Arthur abanou a cabeça tristemente.

— Quer-me parecer que te preocupas demasiado com o poder. Como disse antes, os políticos vêm e vão, sejam eles *Tories* ou *Whigs*. São um detalhe efêmero, meu irmão. Não farei inimigos políticos numa altura em que o destino da Grã-Bretanha está suspenso por um fio. A minha ambição, a minha única ambição neste momento, é ver Bonaparte e a França derrotados. Não coloco nada acima disso. Nem partido, nem facção, nem sequer as ambições políticas da minha família. Compreendes o que eu digo? Nada importa para além da derrota da França.

William aquiesceu com um aceno lento de cabeça.

— Talvez tenhas razão. Mas poder-se-ia dizer que, à semelhança do que acontece com os políticos, também os nossos inimigos externos vêm e vão. E Bonaparte é, afinal de contas, apenas mais um político. Não estarás tu a exagerar o perigo que um homem representa para a Grã-Bretanha?

— Não — replicou Arthur com firmeza. — Tenho a certeza de que ele é a maior ameaça que esta ilha alguma vez conheceu. Para que não haja dúvidas, Bonaparte é um político, mas também é um soldado e um homem de Estado que reúne a estima de grande parte do seu povo. A França é uma extensão da sua vontade, e ele tenciona esmagar a Grã-Bretanha, de uma vez por todas. Certamente que isso é óbvio para ti, William? E sendo esse o caso, nenhum inglês se pode permitir distrações com questões políticas menores.

— Questões políticas menores? — William fez uma careta. — És assim tão ingênuo ao ponto de achares que existe alguma alternativa à política? Ora, é o impulso vital do governo. Tens de abraçar a política, Arthur, caso contrário permitirás que aqueles que o fazem te ponham de parte.

---

<sup>1</sup> Os quatro mais importantes e prestigiantes cargos no sistema de governo parlamentar britânico: Primeiro-Ministro, Chanceler do Tesouro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro do Interior. (*N. do T.*)

Arthur fitou-o de volta, de cenho carregado. Tempos houvera em que William fora um homem de princípios, inclusive pedante, mas agora Arthur constatava que o seu irmão sucumbira aos valores ignóbeis daqueles que haviam feito do parlamento sua casa. Sentia-se cansado e sem disposição para prosseguir a discussão. Se era desejo de William imiscuir-se na política, Arthur não iria demovê-lo dessa intenção. Porém, não se deixaria render à mesma tentação. Ainda assim, por mais desagradável que pudesse ser, Arthur percebeu que teria de ceder um pouco de modo a servir os interesses da Grã-Bretanha. Inclinou-se na direção do fogo e, com o auxílio da pá, lançou mais carvão à fogueira.

— Pois muito bem, William. Falarei com Lorde Buckingham.

William sorriu, invadido por uma satisfação animada.

— Eu sabia que seria sensato. Abordarei o assunto com ele quanto antes.

Arthur fez que sim com a cabeça, e depois fitou o irmão com um olhar firme.

— Mas que fique claro, eu não me entregarei a esta causa. Estamos entendidos?

— Estamos, sim. Acredita-me, basta que fale com o homem.

À medida que os gélidos dias de inverno passavam e Arthur fazia a ronda pelos eventos sociais da capital, sentia-se como se rodeado de inimigos, visíveis e invisíveis. Portanto, quando lhe foi dirigido um convite da parte de Lorde Buckingham para que se encontrassem no seu casarão em Stowe em inícios de novembro, Arthur de bom grado aceitou a oportunidade de fugir de Londres por alguns dias. Seria bom respirar ar fresco. Buckingham era conhecido pelo seu amor pela caça, e Arthur, que partilhava essa paixão, esperava com antecipado prazer a oportunidade de montar novamente. William deixou que Arthur usasse a sua carruagem para a viagem e, na manhã em que Arthur partiu, o irmão tomou-lhe delicadamente o braço enquanto ele se instalava no lugar.

— Não te esqueças, este homem pode ser vital para os nossos sucessos. Tem cuidado com o que lhe dizes.

Arthur sorriu.

— Confia em mim.

William não respondeu imediatamente, e passado um momento o cocheiro sacudiu as rédeas. A carruagem pôs-se subitamente em movimento e William retirou prontamente a mão. Arthur recostou-se e puxou a manta de viagem para cima do corpo na tentativa de se manter quente. Assim que as monótonas fachadas cinzentas da cidade deram lugar a uma paisagem rural aberta, sentiu o espírito animar-se. Apesar das boas recordações dos

meses mais generosos do clima indiano, Arthur sentia um profundo contentamento no coração ao contemplar a paisagem rural inglesa. Mesmo no inverno, havia uma beleza sã nas linhas delicadas da paisagem, quebradas por pequenas florestas de árvores antigas cujos ramos despídos se recortavam, robustos, contra um céu límpido. A rota levou a carruagem através de pequenas povoações com edifícios de madeira e tijolo de cujas chaminés finos rastos de fumo subiam em espiral de encontro ao céu azul. Depois de tantos anos longe da Grã-Bretanha, Arthur apreciava-a, na sua totalidade, com apaixonado interesse, e com um crescente furor em torno da ideia de que aquela terra jamais deveria sujeitar-se à tirania de Bonaparte.

As novidades mais recentes do continente eram duras. A Londres haviam chegado os primeiros rumores de que um exército austríaco fora forçado a render-se em Ulm. Apesar deste revés, Arthur refletiu que a força combinada dos austríacos que restavam e os exércitos das potências da coligação por certo esmagaria a França. Empurrou o pensamento para longe ao deter-se na desolada região rural. Existia aqui uma história especial, uma história que tornava as suas gentes únicas. Uma tradição que merecia a pena preservar e pela defesa da qual derramaria a sua última gota de sangue.

Quando se aproximava o crepúsculo, a carruagem chegou a Stowe e guinou para a entrada de uma ampla tapada que se estendia irregularmente. Uma longa avenida orlada de árvores alongava-se desde a enlameada estrada atravessada por uma barreira<sup>2</sup> em direção aos telhados íngremes e torres de uma residência imponente do outro lado de uma pequena elevação no terreno, o suficiente para manter a casa de campo de Lorde Buckingham longe da vista dos que viajassem ao longo da estrada que atravessava a sua propriedade. No momento em que a carruagem atingiu o cimo da elevação, Arthur conseguiu divisar a extensão total do casarão com as suas majestosas colunas clássicas e janelas altas. Na escuridão penetrava uma luz que iluminava as sebes zelosamente aparadas, delimitando os jardins formais situados no outão da casa principal. A carruagem parou diante da entrada principal e um criado desceu os degraus em passo acelerado para abrir a porta da carruagem. Ao descer, Arthur escutou os inconfundíveis sons de uma grande festa: um rebuliço ruidoso trespassado por vozes mais agudas de mulheres. Voltou-se para o criado.

— Lorde Buckingham está a oferecer uma festa, ao que parece.

— Sim, senhor.

---

<sup>2</sup> No século XIX, era comum deparar com barreiras nas estradas inglesas. Correspondiam às atuais portagens das auto-estradas e nelas eram cobradas taxas para manutenção das estradas. (*N. do T.*)



Arthur carregou o sobrolho. Trouxera consigo o mínimo de vestes formais além do seu traje de caça. No convite de Buckingham não havia qualquer alusão a uma festa.

— Sou *Sir* Arthur Wellesley. Creio que Lorde Buckingham me espera.

— Assim é, senhor. Os seus aposentos estão preparados. Permite-me que lhe leve as malas e indique o caminho, senhor?

Arthur respondeu afirmativamente com um aceno de cabeça, e instantes depois seguiu o criado degraus acima ao encontro do brilho quente de um vestíbulo bem iluminado. A riqueza de Lorde Buckingham era assaz evidente em todos os pormenores. Grandes quadros retratando membros da família adornavam as paredes, e folhas de ouro realçavam os detalhes de molduras ornadas no teto bem lá no alto. Defronte da entrada, uma escadaria em mármore ascendia a uma galeria que percorria o vestíbulo. Em ambos os lados, estátuas clássicas ocupavam nichos pintados de azul-claro para destacar os contornos dos objetos ali colocados. O criado indicou o caminho escada acima e ao longo de um corredor que dava para uma das alas. Aí, parou para abrir uma porta a Arthur, e depois seguiu-o com as malas. Tratava-se de uma divisão confortável com um pequeno quarto de vestir e Arthur apontou para a arca aos pés da cama.

— Coloque as malas ali, por favor. Precisarei de vestir algo apropriado antes de me juntar à festa. Quantos convidados recebeu sua senhoria esta noite?

O criado estacou para pensar, após o que respondeu:

— Ao todo, mais de uma centena, senhor.

— Algum notável?

— Na verdade sim, senhor. Está aqui o Primeiro-Ministro em pessoa.

— Pitt? — Arthur não foi capaz de conter um ar de surpresa. — Quem mais, para além do Primeiro-Ministro?

— Lorde Monterey, Lorde Paget, o Conde Portman, *Sir* Edward Wal-sey, para nomear apenas alguns, senhor. Um ajuntamento e tanto.

— É, sim — disse Arthur pensativamente. — Obrigado. Está dispensado.

O criado inclinou a cabeça.

— Anuncio a sua chegada a sua senhoria, então?

— Sim, claro.

No preciso instante em que a porta bateu atrás do homem, Arthur sentou-se na cama com um suspiro de frustração. Julgara que havia sido convidado para um encontro discreto com Lorde Buckingham, uma sondagem mútua de opiniões e posições, pelo que foi com desânimo que vestiu as melhores roupas: um casaco escuro liso, calças brancas, meias de seda e sapatos de fivela. Estava plenamente consciente de que o seu traje parecia

demasiado desinteressante no meio do turbilhão de esplêndidas rendas e cetins que adornariam o estupendo salão de baile do seu anfitrião. Saiu do quarto e fez o caminho inverso escada abaixo, parando para respirar fundo antes de se juntar à festa. Junto das portas abertas encontravam-se dois criados e atrás deles Arthur conseguia avistar os convidados, reunidos em grupos ao longo dos limites da sala, a conversar, a comer e a beber enquanto uma dúzia de membros de uma orquestra de cordas ocupava os seus lugares na extremidade do salão. Arthur conhecia Lorde Buckingham de vista, das visitas que fizera ao parlamento, e atravessou a sala ao encontro do seu anfitrião, que conversava animadamente com uma figura franzina de cabelo cinzento que estava de costas para Arthur.

— Milorde Buckingham. — Arthur curvou-se quando chegou perto dos dois homens.

Buckingham, alguns anos mais velho do que Arthur e substancialmente mais robusto, virou o rosto rechonchudo na direção do recém-chegado e ergueu uma sobrancelha.

— Peça que me perdoe, senhor, estou em desvantagem.

Arthur retraiu-se mentalmente de vergonha ao dar-se conta de que Buckingham não o havia reconhecido. Mas antes de ter de passar pela humilhação de anunciar o seu nome, o outro homem voltou-se e Arthur deparou com os traços familiares de William Pitt. Esta era a primeira vez que se encontrava tão perto do Primeiro-Ministro, e a exaustão e saúde débil gravadas na sua cara chocaram Arthur. Afortunadamente, Pitt sorriu e apertou a mão de Arthur.

— Ora, é *Sir* Arthur Wellesley, o conquistador dos maratas.

— Conhece-me, senhor?

Pitt riu-se.

— Foi-me indicado, *Sir* Arthur. Ademais, acompanhei com grande interesse a sua carreira, e a do seu ilustre irmão mais velho, ao longo dos anos. Agora, ao que sei, está em busca de um lugar.

— Sim, senhor — admitiu Arthur. — Embora até ao momento não tenha tido muita sorte a esse respeito.

— Estou certo de que não ficará à espera por muito tempo. A Grã-Bretanha precisa imenso de homens do seu calibre, dentro e fora do campo de batalha.

— Obrigado, senhor.

Pitt ainda segurava a mão de Arthur e mantinha os olhos fixos nele quando retomou a fala.

— Claro que teria muito gosto se pudesse apoiar o meu cargo quando já tivesse o seu lugar. Um homem como você ser-me-ia útil no governo.

Lorde Buckingham riu-se subitamente.

— Sempre o político a falar, William! Por favor, poupe o meu convidado das suas artimanhas esta noite. Venha, *Sir Arthur*, deixe-me arrancá-lo deste patife e apresentá-lo a algumas pessoas de inclinação mais honesta. Conhecerá muitas das que aqui estão, mas não todas.

Pitt largou-lhe a mão, mas levantou o braço para impedir que Buckingham levasse Arthur consigo.

— Daqui a nada. Antes disso, gostaria de ouvir a opinião do jovem general sobre a matéria que estávamos a discutir.

— Decerto haverá melhor altura para isso — protestou Buckingham. — Para além disso, o homem está aqui para se divertir, não para ser interrogado por imorais intriguistas como nós.

Pitt lançou um olhar manhoso ao seu anfitrião.

— Seja qual for a razão pela qual aqui está, estou certo de que não se resume totalmente ao prazer. Portanto, ele que diga o que pensa.

— Oh, duvido que *Sir Arthur* se interessasse pelo nosso debate, William. É um soldado, recém-chegado do campo de batalha. Seria injusto esperar que tivesse conhecimento dos pormenores da governação da Grã-Bretanha e das suas relações internacionais.

— Talvez, mas, por outro lado, a isenção de *Sir Arthur* em relação ao combate entre facções políticas poderá ser suficiente para nos dar uma nova perspetiva. Far-nos-ia o obséquo, *Sir Arthur*?

Arthur aquiesceu com um ligeiro aceno de cabeça.

— Terei todo o gosto em prestar assistência com o que estiver ao meu alcance, senhor.

— Muito bem — respondeu Pitt decididamente, antes que Buckingham tivesse possibilidade de ensaiar mais alguma tentativa de levar Arthur dali. — Pois então, *Sir Arthur*, o âmago do debate reside no trajeto que a Grã-Bretanha deveria traçar no futuro próximo. Poderá ainda não ser do seu conhecimento, mas acabámos de receber uma proposta de paz do governo francês.

— Não tinha ouvido nada a esse respeito, senhor.

— Ah, mas estou certo de que em breve ouvirá. Os segredos arranjam maneira de encontrar uma fuga por muito que os meus ministros e eu próprio tentemos guardá-los. Seja como for, não é claro se a proposta francesa de negociação da paz é proveniente do próprio Bonaparte, ou de Talleyrand e da sua capelinha. — Pitt arqueou uma sobrancelha inquiridora em direção a Arthur. — A questão é o que fazer em relação a isso.

Arthur pensou rapidamente. Encontrava-se diante de duas das mais poderosas figuras da Grã-Bretanha, homens que, por capricho, lhe podiam determinar o destino. Tendo decidido que não brincaria à política

partidária, estava agora perante um teste à sua capacidade de evitar tomar partido. Pigarreou.

— Bom, senhor, seja qual for a pessoa que possa estar por detrás desta proposta de paz, suspeito que não se trata de Bonaparte.

— Deveras? — A testa de Buckingham enrugou-se um tudo-nada. — Com base em quê?

— Não parece provável, milorde, se se considerar o que é prontamente dado a saber àqueles que leem os jornais em Londres. Ainda agora Bonaparte lançou o seu exército contra os austríacos. Essa não parece ser a ação de um homem que deseje a paz.

— É bem verdade — anuiu Pitt, acenando com a cabeça. — Parece que partilhamos a mesma visão da questão.

— Ainda assim é possível que o Imperador deseje, de facto, a paz — insistiu Buckingham. — Ele licenciou o exército que estava a postos na costa francesa durante o último ano. Seguramente que isso é um sinal das suas boas intenções no respeitante à Grã-Bretanha.

— O exército não foi licenciado — replicou Arthur. — Simplesmente foi reencaminhado para combater os austríacos.

— Ah, bom, então nesse caso talvez o perigo da Áustria seja vantajoso para nós. Não seria sensato da parte de Napoleão combater em duas frentes. — Buckingham deslocou o olhar na direção do Primeiro-Ministro. — A fazer fé nos mais recentes relatórios do continente, a Rússia já está em marcha para auxiliar a Áustria. Contra as forças adicionais da Suécia e aquelas que nós próprios tencionamos enviar para Hanôver, que hipótese tem o Imperador? Diante da ameaça de derrota, Napoleão fará qualquer acordo de paz que consiga obter.

Pitt abanou a cabeça com lassidão.

— Equivoca-se em relação ao nosso inimigo, milorde. Mesmo que Bonaparte fizesse as pazes connosco, acredita que ele viria a honrar os termos de qualquer contrato onde colocasse o seu nome?

Buckingham pareceu surpreendido.

— Ele é o imperador de França. O seu nome seria assinado em nome de todos os homens, mulheres e crianças daquele país. Quebrar os termos de tal tratado significara o abatimento da infâmia sobre a França.

— Infâmia? — resmungou Pitt. — Se a Grã-Bretanha ficar sob o domínio deste tirano corso, a acusação de infâmia não servirá de grande conforto para aqueles que aqui vivem.

Buckingham permaneceu em silêncio durante algum tempo, e depois, num tom de voz baixo, prosseguiu:

— Quer-me parecer que não perdeu a sua sede de guerra, Sr. Pitt. Desde há mais de dez anos que tem contribuído para manter a nossa nação

num estado de conflito. Por quanto mais tempo terá o nosso povo de ser forçado a suportar esta sua obsessão? Quantos milhões de libras foram dispendidos? Quantos homens bons morreram por causa disso?

Arthur fixou a atenção no Primeiro-Ministro para lhe sondar a reação às duras acusações de Buckingham. Não havia raiva na expressão de Pitt, nem sequer um indício de indignação moral, apenas a determinação abatida de um homem que desde há muito vinha dedicando a sua vida a um propósito.

— Senhor — interveio Arthur —, é a sorte de um soldado enfrentar o perigo em nome do seu país.

— Com certeza que é — respondeu Buckingham em tom suave. — Mas não existe qualquer virtude no ato de travar uma guerra desnecessária, particularmente quando uma proposta de paz está em cima da mesa.

— A paz com a França é impossível — disse Pitt. — Pelo menos enquanto for governada por Bonaparte e pelos homens responsáveis pela revolução. Essa é a lamentável verdade da situação, milorde. Portanto, não pode haver descanso para homens como *Sir Arthur* até que Bonaparte seja derrotado de uma vez por todas. Ora, poderá estar em desacordo comigo nesta matéria. É um direito que lhe assiste. Mas posso garantir-lhe, se a Grã-Bretanha cair, seremos governados por um homem que não tolera o desacordo. Permitiria que vivêssemos sob o domínio de semelhante tirano, milorde?

— Não devia acreditar em tudo aquilo que lê nos jornais londrinos — replicou Buckingham amargamente. — O Imperador está aberto ao debate.

— Quisera eu que estivesse certo. Deveras. — Pitt suspirou tristemente. — Mas no meu íntimo sei, com certeza, que está enganado. Uma vez que estamos em desacordo, não vejo qualquer propósito no prolongamento desta discussão. Agora, se me dão licença? — Pitt inclinou a cabeça, deu um passo às arrecuas, e virou costas para em seguida caminhar lentamente na direção de um grupo de mulheres reunidas em torno do bem-parecido Lorde Paget. Ao acercar-se, a multidão dividiu-se e pôs-se em redor dele ao mesmo tempo que as mulheres brilhavam de orgulho pela atenção que lhes estava a ser prestada pelo Primeiro-Ministro. Arthur observou-o por um momento, reparando que Pitt estava claramente exausto e pouco fazia para esconder a sua fragilidade enquanto os estreitos ombros lhe caíam.

— Venha, *Sir Arthur*! — Buckingham agarrou-lhe subitamente o braço e conduziu Arthur na direção oposta. — Uma amiga minha deseja falar consigo. Disse-lhe que estaria aqui esta noite, e você e ela, ao que parece, têm em comum uma amizade próxima.

Lorde Buckingham não aprofundou a questão, e, passado pouco tempo, Arthur deu por si a ser apresentado a um casal algo mais velho do que ele. O homem era alto e magro e tinha o ar circunspecto de alguém que se tinha em alta conta. Junto dele, a sua mulher era baixa e roliça, com um peito avantajado e olhos vivos e cintilantes que reluziam com um descontraído toque de malandrice.

Buckingham curvou-se numa vénia diante da senhora e fez as apresentações.

— *Sir* Arthur Wellesley, tenho o prazer de lhe apresentar o General Charles Sparrow e a sua encantadora esposa, Olivia. — Buckingham trocou um sorriso rápido com a mulher e depois prosseguiu: — Agora, se me derem licença, tenho de receber outros convidados. Estou certo de que terão muito que conversar, Olivia, minha querida.

Assim que o seu anfitrião se havia afastado, o General Sparrow perscrutou Arthur rapidamente.

— Wellesley? Algum parentesco com o recente governador-geral da Índia?

— É meu irmão.

A mulher do Sr. Sparrow deu-lhe uma pancada leve de forma brincalhona.

— Oh, Charles! Sabes disso perfeitamente. Não te faças de tonto com o rapaz.

— Oh, muito bem. — O rosto do General Sparrow enrugou-se num sorriso divertido. — Por acaso ouvi falar muito das suas recentes proezas.

— Ah, sim?

— Infelizmente, grande parte do que sei é em segunda mão, retirada das cartas que a minha mulher recebe.

— Cartas? — Arthur franziu a testa. — Lamento, mas receio que não esteja a perceber.

— *Sir* Arthur. — Olivia tomou-o pelo braço e exibiu um sorriso rasgado, revelando duas carreiras de dentes pequenos e afiados. — Sou grande amiga de alguém que conhece, ou conheceu, muitíssimo bem. *Miss* Kitty Pakenham, para ser precisa.

Arthur manteve os olhos fixos nela por um instante, um súbito assomo de paixão a percorrer-lhe o coração. Engoliu em seco e fez um grande esforço para conter os seus sentimentos enquanto inclinava a cabeça ligeiramente para o lado.

— *Miss* Pakenham... Kitty. E permite-me que lhe pergunte como vai ela de saúde?

— Espero bem que sim! — Olivia Sparrow desatou a gargalhar. —

Especialmente considerando que ela me escreveu um montão de vezes a propósito dos seus sentimentos por si, *Sir Arthur*.

— Escreveu? — Arthur não foi capaz de esconder a sua surpresa. Nos anos em que estivera na Índia, ele e Kitty haviam trocado uma mão-cheia de cartas, sobretudo acerca dos assuntos de amigos e da família e notícias de caráter mais geral. Arthur adotou uma expressão neutra. — Estará com certeza a exagerar, Sra. Sparrow.

— Eu? A exagerar? — Levou uma mão de encontro ao peito com um olhar sofrido e depois desatou novamente a rir. — Bem, talvez só um bocadinho. Mas conheço a mente da rapariga, *Sir Arthur*, e o seu coração. Ela sentiu imensamente a sua falta. Devia escrever-lhe.

— Já chega, minha querida — interrompeu o marido. — Como sempre, expões-te de mais em relação às confidências das outras pessoas.

Olivia fitou submissamente o marido, e depois inclinou-se para Arthur e apertou-lhe a mão.

— Escreva-lhe.

— Hum, sim, com certeza — respondeu Arthur acanhadamente.

O General Sparrow aclarou a garganta.

— *Sir Arthur*, enquanto soldado, diga-me, que hipóteses tem Bonaparte de derrotar os austríacos no presente conflito?

Tratava-se de uma tentativa desajeitada de desviar a conversa do mexerico da sua mulher, porém Arthur dava graças por não ter de falar sobre Kitty à frente deles. A sua mente estava ocupada por uma confusão de imagens e emoções, e precisava de tempo para considerar as suas intenções para com ela. Naquele momento, forçou-se a concentrar a atenção na pergunta do General Sparrow.

— Os austríacos têm um exército suficientemente numeroso para fazer frente a Bonaparte — começou. — Se os russos unirem forças com eles a tempo, vão exceder os franceses em número de forma esmagadora. Não sou nenhum especialista nos méritos relativos dos soldados, mas ouvi dizer que os austríacos são bem disciplinados e corajosos, e que a sua cavalaria não tem paralelo. No entanto, o francês provou repetidas vezes que é um indivíduo assaz valente e intrépido. É capaz de marchar mais depressa do que qualquer inimigo, e lutar como um demónio no final do dia. É também apoiado por jovens comandantes capazes de inspirar os seus homens a realizar assinaláveis atos de coragem. E depois, claro está, temos o próprio Bonaparte. Aquele homem é talvez o mais brilhante general da nossa época. A sua simples presença no campo de batalha vale por dez mil homens.

— Fala como se o admirasse, *Sir Arthur*.

— Admirá-lo? — Arthur pôs-se a pensar por instantes e depois fez que não com a cabeça. — Talvez o tenha admirado em tempos, quando era

um soldado justo. Mas agora? Não. Ele é um tirano, e todas as suas façanhas são meros sintomas daquela maldade.

A atenção dele foi abruptamente atraída para um homem que acabara de entrar no salão e se encontrava estacado na soleira da porta, a percorrer os convidados com os olhos. As botas, as calças e a capa curta que usava estavam salpicadas de lama e o peito latejava-lhe do esforço da viagem a cavalo e da corrida final até ao interior da casa. Depois, procurando o Primeiro-Ministro, o homem precipitou-se na sua direção e falou apressadamente em voz baixa. As conversas na sala rapidamente cessaram à medida que os convidados se aperceberam da presença do homem, e o ambiente animado deu lugar a uma excitação tensa.

Pitt e o mensageiro conversaram durante mais algum tempo, e depois Pitt bateu ao de leve no ombro do homem e rodou sobre si mesmo para deparar com a multidão silenciosa. Era claro para Arthur que o Primeiro-Ministro estava tomado por emoções contraditórias. Pitt nada disse durante um certo tempo e ficou-se de rosto pálido, uma mão trémula afagando-lhe o queixo. Em seguida, respirou fundo e dirigiu-se à assistência.

— Acabo de receber a notícia de uma grande vitória. De acordo com os primeiros relatórios, parece que o Almirante Nelson encarou e atacou as frotas combinadas da França e da Espanha ao largo do Cabo Trafalgar. O inimigo foi aniquilado.

— Meu Deus — murmurou Arthur entre dentes ao sofrer o impacto da notícia. O perigo imediato de invasão acabara. Bonaparte fora humilhado.

Alguns dos homens mais jovens começaram a falar excitadamente e, de entre eles, uma voz bradou:

— Viva Nelson! Três vivas para o Almirante Nelson! — A orquestra rapidamente se preparou para tocar um tema patriótico, remexendo as folhas de música.

— Ah! — O General Sparrow deu uma palmada nas costas de Arthur. — Vão promovê-lo a duque por causa disto!

Mas Arthur ainda observava Pitt. Não havia uma centelha de alegria no semblante do Primeiro-Ministro, apenas aflição e desespero enquanto erguia as mãos para atrair a atenção da assistência uma vez mais.

— Por favor! Silêncio, por favor, rogo-vos. Há mais.

Gradualmente, a multidão aquietou-se e fixou-o com atenção, expectante, não ousando acreditar que notícias ainda melhores se seguiriam.

— É com o maior dos pesares que me vejo obrigado a anunciar que o Almirante Nelson sucumbiu na batalha, no desempenho do seu mais notável serviço à nação.



— Morto? — sussurrou Olivia Sparrow, levando a mão à boca. — Nelson está morto?

O silêncio no salão era absoluto com os convidados da festa espedados, aturdidos num estado de quietude. Pitt tentou dizer algo mais, porém as palavras morreram-lhe nos lábios. Abanou a cabeça e voltou-se para abandonar a sala, com as primeiras lágrimas a brilharem-lhe nos olhos.

## CAPÍTULO 11

Na manhã seguinte, os convidados de Lorde Buckingham regressaram a Londres. Estavam desesperados para descobrir todos os detalhes da vitória em Trafalgar. Os políticos também tinham consciência da utilidade de serem vistos no parlamento a prestar homenagem ao perecido herói. Era certo que algumas palavras de retórica pesarosa, cuidadosamente escolhidas, seriam citadas algures num dos jornais do país.

No momento em que Arthur terminou o pequeno-almoço e se levantou de uma das mesas que haviam sido colocadas no salão, sentiu uma mão sobre o ombro e virou-se para dar de caras com o Primeiro-Ministro.

— *Sir* Arthur, presumo que regressará a Londres hoje.

— Sim, senhor.

— Parte em breve?

— Assim que as minhas malas estiverem feitas e a minha carruagem estiver pronta.

— Ah, isso é bom. Será que podia conceder-me a honra de partilhar a minha carruagem na viagem para Londres?

Arthur ficou surpreendido. Seria, de facto, uma honra, mas mais para Arthur do que propriamente para William Pitt. Instintivamente, perguntou-se se a proposta estaria a ser feita com o intuito de o Primeiro-Ministro dissesse retirar algum tipo de benefício político. Talvez estivesse a tentar criar uma cisão entre Arthur e o seu anfitrião, Lorde Buckingham. Arthur olhou para o outro lado da divisão e viu Buckingham absorto numa conversa com um homem gordo e pálido, que Arthur reconheceu como um dos membros dos *Whigs* no parlamento que construía a sua reputação com base na defesa constante da paz com a França. Pitt apercebeu-se da direção do seu olhar e sorriu tenuemente.

— Não tenha qualquer receio, *Sir* Arthur; certificar-me-ei de que a sua presença na minha carruagem não seja detetada. Sugiro que siga na sua própria carruagem até à povoação mais próxima e a faça seguir viagem a partir dali enquanto espera por mim.

Parecia-lhe um plano estranhamente dissimulado, e Arthur sentiu-se tentado a declinar educadamente a oferta, por medo de ser visto como uma espécie de conspirador acaso o estratagemma fosse descoberto.

Pitt baixou o tom de voz e inclinou-se para mais perto dele.

— *Sir Arthur*, não faço esta sugestão de ânimo leve. Fiquei impressionado com a sua franqueza na passada noite. No governo, uma pessoa vê-se rodeada de mangas de alpaca e de pessoas que dariam mangas de alpaca. Eles moldam as suas opiniões para agradar a assistência, e eu teria todo o gosto em ouvir uma opinião mais honesta acerca de duas questões prementes. Dito isto, seguirá viagem comigo?

Arthur fitou o Primeiro-Ministro durante algum tempo e chegou a uma conclusão. Fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Muito bem, nesse caso vejo-o mais logo. — Pitt inclinou-se para trás e ergueu a voz. — Foi um prazer conhecê-lo em pessoa, *Sir Arthur*. Desejo-lhe uma boa viagem de regresso a Londres.

Trocaram um breve aperto de mão, após o que Pitt se afastou, dirigindo-se ao anfitrião para dele se despedir. Arthur esperou uns instantes até fazer o mesmo. Buckingham apertou a mão a Arthur e os traços do seu rosto desenharam-se numa expressão de pesar.

— É uma pena que não tenhamos tido tempo para conversar como deve ser, mas fomos surpreendidos pelos acontecimentos. Voltaremos a falar em breve, dou-lhe a minha palavra.

— Obrigado, milorde. Aguardarei ansiosamente a ocasião.

— Também eu. — Buckingham lançou um olhar eloquente ao seu convidado. — Nos tempos difíceis que se afiguram, um homem deve ter o cuidado de escolher o lado vencedor. Não?

Arthur sorriu.

— É sempre minha intenção vencer a luta contra os franceses, senhor. Buckingham franziu o sobrolho.

— Referia-me a conflitos um pouco mais perto de casa.

— Claro, milorde. Compreendi-o mal — respondeu Arthur num tom suave, e depois inclinou a cabeça. — Agradeço-lhe o convite para ter vindo a sua casa.

Lorde Buckingham sorriu graciosamente e também inclinou a cabeça em sinal de agradecimento, voltando-se depois para o convidado seguinte na fila dos que estavam de partida. Arthur saiu do salão e encaminhou-se para o vestíbulo. Uma pequena multidão de convidados munidos da sua bagagem encontrava-se dispersa em grupos, aguardando as respetivas carruagens. Criados apressavam-se porta dentro porta fora, carregados de malas, caixas com produtos de higiene pessoal e chapeleiras. De um dos lados, Arthur divisou os Sparrow, mas antes de conseguir evitar o olhar deles e

afastar-se, Olivia avistou-o e ergueu a luva rendada para acenar excitadamente.

— *Sir Arthur!* Um bom dia para si! — Puxando o marido pelo braço, atravessou o vestíbulo em passo lesto na direção de Arthur, que estava dividido entre um desejo de partir para o seu encontro com Pitt e a obrigação de mostrar boas maneiras. Reprimindo um incômodo sentimento de resignação, elaborou um sorriso de saudação.

— Um bom dia para si, cara senhora. Bom dia, senhor.

— A juntar-se à debandada de regresso a Londres, Wellesley? — perguntou o General Sparrow. — Esta manhã vai haver muita agitação na barreira, não?

— É bem verdade. — Arthur, ainda a meditar em torno da menção que haviam feito a Kitty na noite anterior, sentiu-se tentado a perguntar-lhes mais novidades acerca dela. Antes que pudesse falar, Olivia pegou-lhe na mão e deu-lhe uma apertadela.

— *Sir Arthur*, por favor não deixe de nos visitar em Londres. E mais uma coisa: assim que regressar a Londres, não se esqueça de escrever à nossa amiga mútua. Uma carta sua reconfortar-lhe-ia o coração.

— Eu, hum, pensarei sobre o assunto, cara senhora.

— Não se esqueça de o fazer. Todo o tempo é muito para uma mulher que espera.

— Faça o favor de entrar. — Pitt sorria enquanto mantinha a porta aberta, e Arthur baixou a cabeça para entrar. Embora o interior fosse amplo para os padrões da maior parte das carruagens, estava forrado com um couro liso assaz puído. Pitt reparou no olhar escrutador de Arthur e não pôde deixar de rir.

— Um tanto ou quanto espartano, não é? Não corresponderá propriamente ao meio de transporte onde esperaria ver o primeiro-ministro viajar. Bom, não estamos em França e eu não sou o imperador, pelo que não há qualquer necessidade de um brinquedo ornado para impressionar a carneirada. — Pitt repousou a mão no couro fendido e afagou-o com uma expressão amável no rosto. — Utilizo esta carruagem há mais de dez anos, de quando em quando, e tem-me servido perfeitamente. Embora ache que não terei possibilidade de utilizá-la por muito mais tempo.

Arthur olhou para o lado oposto, para a face de Pitt, e notou a palidez cinza da sua carne e uma expressão fatigada que tentara camuflar enquanto estava na casa de campo de Lorde Buckingham. Arthur pigarreou.

— Então vai aposentar-se em breve, senhor?

Pitt sorriu discretamente.

— Não. É meu dever permanecer no meu posto enquanto estiver apto

a trabalhar com vista à derrota do nosso inimigo. Mas receio que não vivei para assistir à vitória.

— Como pode saber isso, senhor?

Pitt ergueu uma mão para silenciar Arthur.

— Antes que diga mais uma palavra, e estrague a minha crescente consideração por si, poupe-me das banalidades educadas que os homens esbanjam naqueles que sabem que vão morrer. Sou um homem doente, *Sir Arthur*. A opinião do meu médico, se lhe serve de alguma coisa, é que aguentarei uns meses, um ano no máximo, antes que a minha vida chegue ao fim. Por conseguinte, não devo desperdiçar um único momento do tempo que me resta. Se a Grã-Bretanha quer ganhar esta guerra das guerras, tenho de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que deixo o meu país nas mãos dos melhores homens, e que lhes forneço os meios para derrotarem Bonaparte. Essa é a razão pela qual desejo falar consigo agora. Há dois assuntos que quero discutir. Em primeiro lugar, há a questão sobre o que acontecerá ao seu irmão, Richard, quando regressar à Grã-Bretanha. — O Primeiro-Ministro fixou-se em Arthur por um momento, e depois prosseguiu: — Eu sei que os Wellesley são uma família muito unida. Eu sei que você serviu o seu irmão com lealdade, e com enorme crédito, enquanto estive na Índia. Todavia, por norma sou bom a avaliar o caráter das pessoas, *Sir Arthur*, e estou em crer que será direto comigo.

— Darei o meu melhor para ser o mais honesto possível, senhor — replicou Arthur cuidadosamente.

— Mais não esperaria — concedeu Pitt. — Ora, muito bem, li os relatórios que me foram enviados pelo conselho de administração da Companhia das Índias Orientais, bem como as suas próprias declarações e as do seu irmão William. A principal alegação da Companhia é que o seu irmão se apropriou indevidamente de uma vasta quantidade de fundos e equipamento da Companhia. Isso corresponde à verdade?

— O estabelecimento da paz e da ordem na Índia não surgiu sem custos, senhor. É verdade que Richard autorizou o uso de vários milhões de libras de fundos e equipamento pertencentes à Companhia. Mas não houve qualquer desonestidade. Ele não se apropriou de nada indevidamente. Dou-lhe a minha palavra.

— A sua palavra? — Pitt permaneceu em silêncio por um momento, fixando um olhar perspicaz em Arthur. Depois, assentiu lentamente com a cabeça. — Muito bem. Acho que estou convencido de que o, hum, sistema de governo dos Wellesley na Índia foi idóneo. Darei o meu melhor para garantir que o seu irmão, e você, sejam protegidos da perseguição política. Mas não dou quaisquer garantias, estamos entendidos?

— Não lhe pediria nenhuma, senhor. Apenas uma audiência imparcial e um desfecho justo.

Pitt exibiu um sorriso irónico.

— Se julga que encontrará isso no parlamento, então é um homem louco, *Sir Arthur*.

— Nesse caso talvez fosse melhor manter-me o mais longe possível do parlamento.

— Sim, isso seria sensato. Quer-me parecer que ainda não tem o temperamento venal que uma carreira na política requer. Tão flagrante carência dita que sirva o seu país numa qualquer outra esfera.

— Um sacrifício que estou disposto a fazer, pela Grã-Bretanha — replicou Arthur, e ambos desataram a rir, Pitt num grau tal que, de forma repentina, começou a tossir violentamente, levando uma mão à boca ao mesmo tempo que os seus traços raiados formavam uma careta. Arthur, temendo pela saúde do homem, inclinou-se para mais próximo dele e estendeu a mão hesitantemente.

— Senhor? Está tudo bem consigo?

Pitt acenou com a mão de modo a afastá-lo e fechou os olhos enquanto tentava contrariar o ataque de tosse. Quando por fim terminou, respirou fundo e encheu as bochechas de ar.

— Meu Deus, estava a precisar disto. Já lá vai um tempo desde a última vez em que me ri com tanta vontade, *Sir Arthur*.

— Talvez não seja de admirar, dado o efeito sobre a sua constituição, senhor.

— Eu estou bem, de verdade. Rir é o melhor remédio, como se costuma dizer, embora tenha havido muito pouca coisa de que rir nos últimos anos. E agora esta questão em Trafalgar... — A expressão de Pitt ficou séria. — É um duro golpe para a Grã-Bretanha o facto de Nelson nos ter sido levado. O povo precisa de heróis. Precisa de homens capazes de conquistar vitórias e provar que Bonaparte pode ser derrotado.

Arthur fez que sim com a cabeça.

— A dificuldade para nós — proseguiu Pitt pensativamente — é que o nosso poder militar assenta na marinha de guerra. O exército nunca será suficientemente forte para enfrentar as hostes que Bonaparte é capaz de concentrar. É certo que podemos despejar dinheiro nos cofres dos nossos aliados no continente, mas não é segredo nenhum que tais subsídios os rebaixam tanto quanto nos empobrecem. Portanto, o que podemos nós fazer, *Sir Arthur*? Essa é a questão. Como podemos nós derrotar a França?

Arthur considerou a questão por um momento, concentrando-se nas ideias e nos planos sobre os quais vinha ponderando desde o seu regresso da Índia. Aclarou a garganta e Pitt olhou-o expectante.

— Tem razão, senhor. Não podemos derrotar Bonaparte se continuarmos com as nossas estratégias atuais. As colónias da França são para ele um mero detalhe, e mesmo que as capturemos ou lhes arruinemos o comércio, ele continuará a ser senhor do continente. Para o derrubar, temos de lhe impor a derrota em terra, e, mais importante, em solo francês. Esta é uma guerra que teremos de levar até ao coração de Paris. Num dado momento, a Grã-Bretanha terá de reunir um exército suficientemente poderoso para defrontar o próprio Bonaparte. Isso não será possível durante alguns anos. Os homens que derrotarem a França terão de ser devidamente treinados, para além de completamente equipados e aprovisionados. Terão de adquirir uma imensa experiência de campanha e também serem convencidos de que estão mais do que à altura de qualquer homem do exército francês. — Arthur suspendeu a fala por um momento. — E precisarão de ser liderados pelos melhores oficiais disponíveis. Precisarão de um comandante que permaneça ao lado deles seja qual for o perigo com que deparem, um comandante que seja flexível nos seus métodos e resolutamente firme no seu objetivo.

— E esse homem seria você? — perguntou Pitt com uma expressão alegre.

— Seria. Mas há outros igualmente capazes.

— E muitos que não o são.

Arthur não respondeu ao comentário e retomou a sua linha de raciocínio.

— Depois há a questão do sítio onde esse exército poderá adquirir a experiência requerida para derrotar Bonaparte. Com demasiada frequência, a Grã-Bretanha tem enviado as suas forças aos poucos para o continente com o propósito de auxiliar os nossos aliados, com escasso benefício tangível para os nossos objetivos de guerra. Senhor, precisamos de concentrar as nossas forças numa área da periferia da Europa, onde os homens se possam transformar numa poderosa arma.

— Qual o sítio que tem em mente, *Sir* Arthur?

— A Península Ibérica.

— Espanha?

— Portugal, numa fase inicial. Funcionaria como uma bela base de operações para levar a guerra para Espanha, e, finalmente, França.

— Uma rota um tanto ou quanto indireta até Paris, diria.

— É aí que está a beleza da coisa, senhor. Esticaria os recursos de Bonaparte ao limite. Em virtude da posição da França no continente, ele possui linhas de comunicação internas para todas as suas incursões no Norte de Itália, na Áustria e nos Estados germânicos. Porém, Espanha e Portugal estão num limbo. Quaisquer tropas que envie para apoiar a Espanha serão extraí-

das dos exércitos que se opõem à Rússia, à Áustria e à Prússia. Nem mesmo Bonaparte é capaz de resistir se se empenhar completamente no combate em duas frentes. Ver-se-á forçado a dividir a sua atenção, e os seus homens, entre as duas. E existe uma terceira frente a considerar, senhor. A frente interna, por assim dizer. Enquanto Bonaparte se deslocar a grande velocidade de um extremo do seu Império para o outro, haverá uma ampla margem para a instigação do descontentamento no seio do seu próprio povo.

Arthur calou-se de a modo conceder ao Primeiro-Ministro tempo para assimilar os pormenores, e depois prosseguiu num tom mais deliberrado:

— É evidente que haverá riscos. Se o nosso exército for derrotado na Península, estou certo de que não existirá apoio público à guerra. Isso significa que quem quer que esteja a comandar o exército deverá ter como prioridade máxima o acautelamento da sua segurança. Para além disso, o governo precisará de aceitar que isto não se trata de uma mera incursão para causar desconforto aos nossos inimigos. Necessitarão de enviar homens e recursos para o exército peninsular numa escala nunca antes vista. Também precisarão de estar preparados para o manter no terreno durante alguns anos. Não vejo isto como uma questão de desferir um golpe mortal ao inimigo, mas antes como uma destruição metódica e progressiva da sua vontade para continuar a lutar. A princípio, o nosso exército ver-se-á forçado a combater na defensiva, mas, à medida que for adquirindo experiência e confiança, poderá atacar no momento em que as circunstâncias forem propícias. Vi os nossos homens lutar na Índia e não tenho dúvidas praticamente nenhuma de que a nossa infantaria, em linha, é capaz de ceifar as colunas francesas à medida que estas avançarem para atacar.

— Então porquê a necessidade de tempo para fortalecer o nosso exército, se os homens estão prontos?

Arthur esboçou um sorriso ligeiro.

— Eu falei na infantaria, senhor. A nossa cavalaria, infelizmente, é lastimável quanto baste em termos de qualidade e disciplina. Precisam de ser enrijecidos. Deveriam existir em maior número e têm de compreender o seu papel, tanto em campanha como no campo de batalha. Possuímos a matéria-prima não trabalhada de um belo exército, senhor. Apenas precisamos de tempo para associar os diferentes elementos.

— Estou a ver. — Pitt meditou durante algum tempo, reclinando-se depois no assento com o corpo um pouco aos sacões enquanto a carruagem rodava ao longo da estrada. Depois acenou afirmativamente com a cabeça. — Os seus argumentos fazem todo o sentido, *Sir Arthur*. Tratarei de analisar o assunto com toda a minúcia. A Espanha será, então, o sítio onde o Império de Bonaparte se começará a desintegrar. . .

## CAPÍTULO 12

Os estados de ânimo na capital dividiam-se. A notícia da grande vitória conquistada em Trafalgar fomentara grande excitação e contentamento entre as pessoas de todas as classes. Mas a sensação de triunfo era abafada pelo pesar público em torno da morte de Nelson, e enquanto Arthur calcorreava as ruas e via os retratos do Almirante guarnecidos de fitas pretas nas janelas das lojas, das repartições e das casas, não pôde deixar de sentir espanto perante a circunstância. Aqui estava um homem que, aos olhos da vasta maioria da Grã-Bretanha, era conhecido apenas pela sua reputação, e todavia as pessoas choravam a sua morte como se se tratasse de um elemento da sua própria família. Apesar da irracionalidade de tal reação aparentemente universal, Arthur sentiu-se comovido com o facto de um homem poder exercer semelhante impacto sobre as emoções de todos os britânicos. Perguntou-se se, quando a sua altura chegasse, haveria uma efusão de dor idêntica, e depois abanou a cabeça com um sorriso amargo. As proezas dos irmãos Wellesley na Índia eram de importância menor para o povo britânico. Se um soldado almejasse qualquer tipo de reputação neste mundo, teria de ser conseguida nos campos de batalha do continente.

Arthur não esquecera a menção de Lorde Buckingham a uma força expedicionária a enviar para auxílio aos exércitos da coligação que marchavam contra Bonaparte, e estava determinado a fazer parte dela. Imediatamente após o regresso a Londres, requerera uma nomeação e esperava ansiosamente uma resposta.

Entrementes, os seus pensamentos voltaram-se para Kitty, e para a insistência de Olivia Sparrow no facto de os seus sentimentos por ele não terem serenado. Tal não parecia sequer crível após tanto tempo de afastamento. E todavia sentia uma dor quente no coração ao imaginá-la tal como era, e como seria agora. Murmurou inutilmente o nome dela de si para si ao entrar no café. A atmosfera no interior estava carregada com os aromas do fumo do tabaco e do café, e uma fogueira brilhava no centro do estabelecimento. Não havia mesas livres e Arthur perguntou se poderia partilhar uma junto da janela saliente sobranceira à rua. O outro cliente à mesa, um homem com peruca que aparentava ser mais jovem do que Arthur, mal retirou os olhos do jornal para consentir com um aceno de cabeça, e depois continuou a sua leitura.

Arthur pediu chá, sentou-se e pôs-se a olhar através do vidro acabado de limpar. Lá fora, os transeuntes, agasalhados e encolhidos dentro das golas, passavam em passo veloz, alheios à sua contemplação. A vida pros-



seguia de forma igual, portanto. Apesar da guerra no continente, do triunfo em Trafalgar e da morte de Nelson. Que pensaria Kitty de tudo isto?, perguntou-se. O constante desfile de oficiais em uniformes garridos pelas ruas de Dublin impressioná-la-ia, ou dar-se-ia o caso de a redução dos seus antigos conhecimentos lhe ter deprimido o ânimo? E seria agora suficientemente crescida para ter posto de parte as imprudentes buscas da juventude? Teria ela mudado assim tanto?

O seu chá estava servido, e Arthur ergueu a chávena e inalou suavemente o vapor que subia em espiral do líquido castanho-claro que evocava memórias vagas da Índia. Manteve os olhos fitos na chávena durante algum tempo, franzindo ligeiramente o sobrolho. Depois pousou-a com uma pancada aguda e recostou-se. Remexendo desajeitadamente os bolsos à procura de moedas para pagar a bebida, levantou-se e abandonou o estabelecimento. No exterior, virou-se deliberadamente na direção da morada que Olivia Sparrow lhe havia enviado aquando do seu regresso a Londres.

— *Sir Arthur!* Que surpresa maravilhosa! — A Sra. Sparrow exibiu um sorriso amplo no momento em que entrou na sala de estar e estendeu a mão. Arthur pegou-a e beijou-a ao de leve, esperando que ela se sentasse para, em seguida, proceder do mesmo modo.

— Bom, na verdade não é uma surpresa assim tão grande — continuou a Sra. Sparrow, com uma cintilação maliciosa nos olhos. — Presumo que isto não se limite a uma visita de passagem.

— É verdade. Existe uma coisa que me será porventura muito cara e sobre a qual gostaria de saber mais.

— Uma coisa? Certamente que quer dizer uma pessoa?

— Sim. Kitty. — Agora que o tinha dito, não cederia a acanhamentos. — Disse-me que ela lhe tinha escrito sobre mim. Ficar-lhe-ia muito grato se me contasse o que ela disse.

A Sra. Sparrow sorriu.

— Com certeza. Mas antes, Arthur, há umas quantas coisas que lhe deveria contar acerca do que aconteceu desde que partiu para a Índia.

— Oh? — Arthur experimentou uma sensação de enjoo na boca do estômago. — Continue, por favor.

— Tem consciência de que ela o amava antes de ter partido?

— Ela declarou-mo — respondeu Arthur cuidadosamente. — E o sentimento era recíproco. No entanto, isso não era suficiente para o seu irmão mais velho. Teve a amabilidade de realçar que nenhum homem com alguma integridade permitiria que a sua irmã desposasse um oficial do exército de condição humilde com poucas perspetivas.

— E agora tem riqueza e título. — A Sra. Sparrow acenou afirmativamente com a cabeça. — E todas as perspectivas de mais fama e fortuna. Portanto, não pode haver mais objeções a esse respeito. Terá de admitir que o irmão dela agiu corretamente na defesa dos seus melhores interesses.

— Talvez.

— Não foi o primeiro, nem o último, a ser rejeitado por esses motivos.

— Nem o último? — Arthur sentiu o coração disparar de ansiedade.

— O que quer dizer com isso?

A Sra. Sparrow entrelaçou as mãos sobre o colo.

— Arthur, terá de compreender que dez anos é muito tempo.

— Julgo-me consciente disso — respondeu Arthur com ressentimento.

— Claro. Mas enquanto você estava energicamente ocupado com os seus deveres na Índia, a Kitty estava sentada em casa. Perdê-lo deixou-a muito desgostosa, creio. Ela não foi às *soirées* no Castelo de Dublin. Na verdade, raramente saiu para qualquer evento social durante alguns anos. Com o passar do tempo, no entanto, achou que você pudesse não regressar da Índia, e que, mesmo que regressasse, certamente teria transferido os seus sentimentos para outra pessoa. Portanto, voltou a integrar-se no mundo.

— A Sra. Sparrow notou-lhe a expressão de dor e inclinou-se para a frente para lhe afagar a mão tranquilizadamente. — Por favor, Arthur, não fique a pensar que ela o tinha esquecido. Afinal de contas, vocês trocaram uma ou outra carta de tempos a tempos. Kitty apenas sentiu que tinha de continuar com a sua vida. Foi quando conheceu o jovem Galbraith Lowry Cole.

Calou-se para permitir que a implicação das suas palavras fosse absorvida. Arthur engoliu em seco e anuiu com a cabeça.

— Por favor, continue.

— Galbraith era um rapaz bem-apegoado. E muito sério, deveras parecido consigo em muitos aspetos. Apaixonou-se pela Kitty e cortejou-a como só um jovem desesperadamente enamorado é capaz, bombardeando-a com bilhetes, cartas e presentes até vencer a resistência de Kitty e ela ter começado a criar uma ligação com ele. Eu percebia que ele não era adequado para ela, mas ela limitou-se a dizer que você nunca mais regressaria para os braços dela e que tinha de se remediar. A pouco e pouco, penso que começou de facto a sentir afeto por ele, assim que se convenceu de que não o podia ter a si.

Arthur fechou os olhos por um momento e inspirou demoradamente. Embora soubesse que existiam todas as possibilidades de Kitty vir a conhecer outro amante, algures nas profundezas do seu coração esperara, ardentemente, que ela acreditasse que o amor deles era o mais real e duradouro que duas pessoas poderiam jamais conhecer. Agora amaldiçoava-se por ter sido um imbecil. Devia ter-lhe escrito com mais frequência.

Devia ter-lhe dito da profundidade dos seus sentimentos por ela, dos seus sonhos de um futuro conjunto. O sentimento de perda trespassou-o até à alma e torrentes de autocensura atravessaram-lhe o coração. Com enorme dificuldade, reprimiu o seu desespero. Abrindo os olhos, fitou a Sra. Sparrow tristemente.

— O que aconteceu?

— Galbraith propôs-lhe casamento.

— Propôs-lhe casamento? — repetiu Arthur brandamente por entre os dentes cerrados. — Quando é que isso aconteceu?

— Há aproximadamente três anos. Não foi nenhuma surpresa para aqueles que os observavam. Da mesma maneira que a consequência não foi também nenhuma surpresa.

— Porquê? O que quer dizer com isso?

— O irmão dela recusou-se a dar a sua permissão. Se há coisa que se pode dizer acerca de Tom Pakenham é que é consistente. Galbraith, à sua semelhança, era um oficial subalterno sem qualquer fortuna própria. Uma vez mais, o seu coração ficou despedaçado. Honestamente, Arthur, devia ter visto a pobrezinha. Tem vindo a definhar desde então. Magra como um espeto. — A Sra. Sparrow abanou a cabeça tristemente antes de prosseguir. — Mas nem tudo está perdido, no que a vocês os dois diz respeito.

— Oh?

— Disse que Tom Pakenham era consistente, não disse? — A Sra. Sparrow sorriu tenuemente. — Tenho uma ideia de a Kitty a certa altura me ter falado de uma carta que você lhe escreveu. Pouco antes de ter partido para a Índia. Nela dizia que se regressasse, tendo ganho as esporas de cavaleiro e reunido alguma riqueza, a sua proposta de casamento ainda se manteria de pé. Isso é verdade?

— É, sim.

— Bom, agora parece que é o Major-general *Sir* Arthur Wellesley, regressado da Índia com uma bela fortuna. Posto isto, que razão poderia Tom Pakenham ter para o rejeitar uma segunda vez? Isto se a sua proposta ainda estiver de pé.

Arthur fixou-a, sentindo pela primeira vez o pulso acelerar de esperança, e excitação.

— Acredita mesmo que eu seria aceite?

— Tenho a certeza. Conheço bastante bem a mente de Kitty. Sei que basta escrever-lhe e contar-lhe dos seus sentimentos duradouros para que ela seja sua.

Arthur permaneceu em silêncio durante um momento, e depois pôs-se de pé.

— Tenho de ir. Vou encontrar-me com o meu irmão William na Câmara<sup>3</sup>.

— Com certeza — disse a Sra. Sparrow, aquiescendo tristemente com um aceno de cabeça. — Deve ser um homem muito ocupado. Mas não permita que isso o faça adiar o seu contacto com a Kitty. Ela já esperou demasiado tempo.

— Arranjarei tempo para lhe escrever em breve. — Arthur pausou. — Se ela me quiser, então serei dela. Sempre fui.

Na semana que se seguiu à festa em Stowe, Arthur recebeu um convite para estar presente no banquete do Salão da Corporação da cidade de Londres, dado pelo Presidente da Câmara Municipal. Ainda estava à espera de saber se havia sido nomeado para o exército destinado a servir em Hanôver, e acalentava a esperança de aprofundar as suas ambições naquele jantar.

A população conduziu a carruagem de William Pitt ao longo das ruas até ao Salão da Corporação, onde o aclamou enquanto ele descia. Respondeu-lhes à aclamação com uma vénia e um sorriso. Depois entrou no edifício, entre fileiras de mercadores, políticos e homens da nobreza que aplaudiam, plenamente conscientes do papel que havia desempenhado na tarefa de tornar a vitória em Trafalgar possível.

O banquete tinha lugar num grandioso salão, repleto de longas mesas abundantemente cobertas com esplêndidas pratas, utensílios de cristal e serviços de jantar ornamentados. Os distintos gentis-homens da capital e os seus convidados eram embelezados pelos seus adereços e Arthur, no seu uniforme de cerimónia, deu por si sentado defronte de Lorde Castlereagh. O Primeiro-Ministro, seguindo a tradição, encontrava-se sentado à mesa presidencial ao lado do Presidente da Câmara Municipal, e Arthur ficou chocado ao constatar que Pitt aparentava estar com a saúde ainda mais deteriorada do que uns dias antes. Fantasmagoricamente pálido, de olhos encovados, mal tocava na comida e poucas eram as palavras que trocava com aqueles que estavam a seu lado.

— Parece preocupado, Wellesley.

Arthur desviou os olhos do Primeiro-Ministro e reparou que Castlereagh o mirava enquanto limpava uma mancha de molho do canto da boca. Arthur contraiu os lábios.

— Estava apenas a considerar as mais recentes notícias da guerra, mi-lorde.

— Ah, sim. Notícias deveras más.

---

<sup>3</sup> Câmara dos Comuns. (*N. do T.*)

Os pormenores da vitória de Bonaparte em Ulm haviam chegado a Londres no dia anterior. Constava que quase metade do exército da Áustria fora destruída ou aprisionada. As forças francesas estavam a atacar a capital do Império Austríaco e era escassa a probabilidade de Viena poder vir a ser salva antes que a Rússia e as restantes potências da coligação pudessem intervir.

Castlereagh aclarou a garganta e retomou a fala.

— Dir-se-ia que a melhor hipótese de derrotar Bonaparte parece agora assentar na conjugação das forças da coligação para uma batalha decisiva.

— Concordo, milorde. Por isso é vital que o exército britânico desembarque no continente o mais cedo possível.

— Claro — assentiu Castlereagh. — O governo sabe disso perfeitamente, e a tarefa está em discussão. Apesar do revés em Ulm, o Primeiro-Ministro está confiante na nossa vitória sobre a França. Não tardará muito até que os nossos soldados andem à caça do tirano corso até ao seu esconderijo em Paris.

— Assim espero, milorde.

Castlereagh bebeu um gole de vinho e lançou a Arthur um olhar astuto.

— Imagino que se estará a perguntar se será destacado para a força expedicionária.

Arthur retribuiu-lhe o olhar mantendo o rosto inexpressivo e compôs a sua resposta.

— Naturalmente. É desejo de qualquer oficial servir o seu país sempre que haja uma oportunidade.

— Oportunidade? — Castlereagh riu fleumaticamente entre dentes. — Por vezes fico pasmado convosco, indivíduos de uniforme, e o vosso desejo de ir para a guerra. É quase como se retirassem alguma espécie de estranho prazer da proximidade com a morte.

— Não, milorde. Já vi o suficiente da guerra para saber que é um mal. Um mal necessário em certas ocasiões, mas ainda assim um mal. Ficarei contente quando Bonaparte for finalmente derrotado. Não descansarei enquanto isso não acontecer, nem desperdiçarei qualquer possibilidade de provocar a sua queda. — Pausou. — Acredito que servi o meu país suficientemente bem para merecer uma posição no exército que será enviado para o continente.

Castlereagh permaneceu em silêncio por um momento e depois sorriu.

— Vocês, os Wellesley, parecem ter-se em muito alta conta. Felizmente, parece que Pitt partilha essa opinião. Ele recomendou-o para uma unidade de comando no exército.

— Recomendou, por Deus?

— É verdade, insisti nisso. Conseguiu arranjar ali um poderoso protetor, *Sir Arthur*. O conselho que tenho para si é que tire o máximo proveito da grande consideração que Pitt tem por si. — *Castlereagh* acenou com a cabeça na direção do Primeiro-Ministro. — Temo que a Grã-Bretanha não goze da sua liderança por muito mais tempo. — Baixou o volume da voz. — É um homem muito doente. E a notícia sobre *Ulm* pesa-lhe muito sobre o coração. Duvido que seja capaz de aguentar o fardo do alto cargo durante muito mais tempo. E assim que ele morrer, a sua família perderá um poderoso aliado. Talvez seja chegada a altura de considerar a sua posição política, *Wellesley*. Arranje um novo protetor, enquanto ainda há tempo. A mim dava-me muito jeito ter um subordinado capaz.

— É muito generoso da sua parte, milorde — replicou *Arthur* num tom neutro. — Todavia, acredito que poderia servir melhor o meu país de uniforme.

— Como queira. — *Castlereagh* encolheu os ombros. — Suponho que pelo menos a guerra possui a virtude de permitir a um homem identificar os seus inimigos. A esse respeito, uma vida de uniforme tem muito que se lhe diga. Vê os nobres rostos que desenham todas estas mesas? Nenhum está vestido como um francês, no entanto muitos deles representam um perigo idêntico para o nosso país. Os malditos apaziguadores ainda vão acabar por ser a ruína de todos nós!

Uma súbita série de pancadas secas ressoou no salão e *Arthur* virou-se e viu o mestre-de-cerimónias bater com o seu bastão no chão para exigir silêncio. Rapidamente o ruído das conversas se dissipou, os talheres foram pousados e os convidados recostaram-se nos lugares, com a atenção voltada para a mesa presidencial onde o Presidente da Câmara Municipal se pusera de pé para principiar o seu discurso.

Começou de um modo suave, elogiando o sacrifício do Almirante *Lorde Nelson* e enfatizando a enorme tristeza da nação, depois continuou em louvor dos heroicos esforços dos soldados e marinheiros do Rei para derrotar a França.

*Arthur* rapidamente perdeu o interesse. Aqueles sentimentos, já os escutara vezes sem conta nos dias recentes e limitou-se a imitar os restantes convidados, acenando com a cabeça e aplaudindo no momento apropriado. A sua mente estava consumida com as implicações da sua conversa com *Castlereagh*.

Era indubitável que Pitt estava doente. Mas doente ao ponto de ter de renunciar ao cargo? Isso seria um doloroso golpe para a nação. Tão grande, porventura, quanto a morte de *Nelson*. Poucos homens de bom senso duvidavam que a sobrevivência tão longa da Grã-Bretanha na luta contra a

França se devia à determinação de William Pitt em garantir que o seu país mantivesse a luta, independentemente do custo. Homens menores teriam transigido à custa do exército e da marinha de guerra britânicos; o triunfo de Nelson em Trafalgar construía-se com base na sólida governação de Pitt e dos seus seguidores.

Depois de William, o que se seguiria? Arthur ponderou. Havia estadistas de considerável talento em Westminster, homens como Castlereagh, Canning, Grenville e Jenkinson. Mas cada qual estava atolado nas suas próprias ambições e havia um grande risco de os seus seguidores cederem ao obstructionismo que empestava o parlamento. Isso só poderia ser benéfico para Bonaparte, que por certo rejubilaria acaso o seu mais inveterado inimigo abandonasse o cargo de Primeiro-Ministro. A perda de Pitt seria um sério golpe para os Wellesley, que já tinham escassez suficiente de amigos no parlamento. Arthur fitou Castlereagh novamente e perguntou-se se o Secretário de Estado da Guerra e das Colónias partilhava inteiramente a visão do homem que servira fielmente ao longo dos anos. Era certo que Castlereagh queria dar seguimento à guerra com o mesmo zelo, porém havia na sua natureza um orgulho melindroso que facilmente o poderia fazer voltar-se contra as pessoas. Um homem a cultivar, concluiu Arthur, mas com o máximo cuidado e tato.

O Presidente da Câmara Municipal terminara o seu discurso solene e os convidados bateram palmas e aclamaram-no até ao momento em que ele ergueu o copo e levantou a mão para silenciar a assistência.

— Milordes, meus senhores! À saúde do Primeiro-Ministro, William Pitt, o salvador da Europa!

O salão ecoou com os convidados a levantarem-se, a erguer os copos e a repetir ruidosamente o brinde. Depois o Presidente da Câmara tomou o seu lugar e os convidados seguiram-no no gesto, caindo no silêncio enquanto o Primeiro-Ministro se levantava lentamente para proferir o seu discurso de agradecimento ao seu anfitrião. Permaneceu quieto por instantes, percorrendo silenciosamente a sala com os olhos, e quando falou, o tom mostrou-se distinto e ponderado.

— Retribuo-lhe com sinceros agradecimentos a honra que me presta; mas a Europa não será salva por nenhum homem só. A Grã-Bretanha salvou-se à custa dos próprios esforços e, estou em crer, salvará a Europa através do seu exemplo.

Manteve-se de pé durante mais algum tempo, como se houvesse mais coisas a dizer, mas depois inclinou a cabeça para a assistência e voltou a sentar-se.

Fez-se silêncio, até que Arthur escutou uma voz perto dele sussurrar:

— Só isto? — Uma outra voz resmungou em resposta: — Bem, de facto...

Arthur abanou a cabeça.

— Um dos melhores e mais escorreitos discursos que ouvi em toda a minha vida — disse firmemente. Do outro lado da mesa, Castlereagh anuiu solenemente com um aceno de cabeça. Arthur levantou-se e lançou a palma da mão de encontro à mesa. — Bravo! Bravo!

Com um sorriso, Castlereagh acompanhou-o no gesto, depois mais homens se levantaram e, em pouco tempo, a sala era ocupada por um brumido ensurdecedor. Não tardou até que Pitt fosse a única pessoa sentada, rejubilando perante a merecida aclamação dos seus concidadãos.

Quando o banquete acabou, Pitt foi o primeiro a abandonar o edifício. A multidão que o aclamara à entrada do Salão da Corporação da Cidade de Londres ainda se encontrava no exterior à espera, no brilho bruxuleante dos postes de iluminação pública e das tochas que alguns haviam trazido consigo. Um novo urro preencheu a noite no momento em que estacou nos degraus para lhes dirigir um aceno final, subindo depois em passo titubeante para a carruagem e seguindo viagem.

Arthur e Castlereagh observaram-no enquanto partia, e depois o segundo falou:

— Esteve muito bem, *Sir* Arthur. No final do seu pequeno discurso lá atrás.

— O meu reconhecimento foi bastante sincero. Pitt disse o que precisava de dizer sem desperdiçar uma única palavra além do necessário. Que melhor forma de despertar os corações dos homens?

Castlereagh fez que sim com a cabeça.

— Em todo o caso, Wellesley, desejo-lhe uma boa noite. Confio que servirá bem o seu país na Alemanha. Acompanharei a sua carreira com interesse.

Volvidos alguns dias, chegou a carta do gabinete de Lorde Castlereagh nomeando Arthur para o comando de uma brigada de infantaria aquartelada em Deal. De imediato se lançou à tarefa de se preparar para o posto. Uniformes e um guarda-roupa adequado a uma campanha de inverno tinham de ser comprados e emalados, livrarias esquadrinhadas para obras e mapas de referência sobre as regiões através das quais era expectável que o exército britânico marchasse. A sua mãe observava os procedimentos com um olhar crítico e ocasionalmente fazia comentários sarcásticos sobre filhos que a deixavam quase no momento exato em que se tinham dado ao trabalho de regressar a casa.

Entre outros preparativos, Arthur escreveu apressadamente cartas



para amigos e conhecidos, informando-os da campanha que se avizinhava. Escreveu um breve bilhete a Kitty contando-lhe do seu regresso e da sua partida iminente. Com todo o cuidado, expressou o seu desejo de voltar a vê-la assim que estivesse novamente de volta a casa. A Richard escreveu sobre a situação política e as perspectivas encorajadoras que escutara de Pitt e mesmo de Castlereagh no respeitante à abordagem a Richard assim que regressasse à Grã-Bretanha. Antes de abandonar Londres, fez uma última visita à casa dos Sparrow, na esperança de ouvir mais novidades de Kitty.

A Sra. Sparrow recebeu a nova com uma expressão triste.

— Bom, suponho que um soldado tenha de cumprir o seu dever.

— Sim — assentiu Arthur. — Há sempre dever, e continuará a haver até que a guerra termine de vez.

— E depois?

— Depois posso desfrutar dos frutos da paz em pleno, suspender as minhas funções e retomar a minha vida. — Arthur pigarreou. — Por acaso não sabe de nenhuma novidade da Kitty?

A Sra. Sparrow acenou afirmativamente com a cabeça.

— Ela disse-me que tinha recebido uma carta sua. Disse que era um pouco fria e pomposa, mas que mesmo assim lhe levantou o ânimo, embora tenha servido de pretexto para lhe causar desassossego.

— Desassossego? — replicou Arthur com o cenho franzido. — Porquê?

— Porque não tem a certeza de como responder. Bastará dizer que lhe reavivou o antigo afeto que sentia por si. A dificuldade reside no facto de ela estar receosa que a Kitty a quem expressa sentimentos não passe de uma memória, uma pessoa que esteve ausente da sua vida durante estes dez anos.

— Dez anos — meditou Arthur em voz alta — em que nunca deixou de estar no meu coração.

— Nem você no dela.

— Nem sempre, ao que parece — replicou Arthur rispidamente, ainda tomado de uma cruel fúria de ciúme por Galbraith Lowry Cole, em virtude de todo o tempo que este partilhara com Kitty enquanto Arthur estava na Índia. Depois, com um suspiro profundo, combateu o indigno impulso.

— O que esperava, Arthur? Além disso, a situação podia ser pior. E se ela tivesse encontrado alguém a quem Tom Pakenham tivesse dado a permissão para a desposar? Como seria nesse caso?

— Nesse caso... acho que preferia ter morrido — respondeu Arthur com uma sinceridade calma. — Mas, pelo menos, de momento está descomprometida.

A Sra. Sparrow abanou a cabeça.

— Ela está comprometida quanto baste, mas apenas consigo, Arthur. A pobre rapariga está numa agonia de indecisão. Quer vê-lo, mas ao mesmo tempo tem demasiado medo de o fazer.

— Então tenho de pôr um fim à sua indecisão — decidiu Arthur. — De uma vez por todas.

— Como?

— Vou escrever-lhe novamente. Desta vez, far-lhe-ei uma proposta. Honrarei a carta com a qual a deixei há dez anos. Se o que diz dos sentimentos dela corresponde à verdade exata, seguramente que aceitará? — Arthur olhou para a Sra. Sparrow quase suplicantemente e ela sorriu.

— Seguramente!

Durante o resto do mês de novembro, Arthur e os seus homens esperaram pelo embarque nos navios, porém as tempestades de inverno jogavam contra eles e o exército britânico não podia mais nada senão esperar impotente enquanto os seus aliados marchavam ao encontro de Napoleão no continente. Rumores e fragmentos de notícias atravessavam o Canal, alguns anunciando mais uma vitória francesa, outros indicando que os russos se haviam juntado aos aliados austríacos e apertavam o cerco a Bonaparte.

Em finais de novembro, os ventos por fim mudaram e os soldados britânicos embarcaram nos navios-transporte para a dura travessia do Mar do Norte. Os comboios de navios-transporte e os seus navios-escolta da Marinha Real seguiram caminho sobre a água cinza-chumbo em direção à linha costeira da Europa do Norte, onde adentraram o rio Weser. Ancoraram aí e prepararam-se para desembarcar, aprestando-se para avançar rumo ao Danúbio.

Enquanto a luz se desvanecia na tarde da sua chegada, Arthur encontrava-se no convés de uma fragata, embrulhado no seu casaco a perscrutar a árida paisagem de inverno em ambas as margens. Uma ligeira queda de neve ocorrera algum tempo atrás e revestira de um brilho pálido os telhados do lugarejo mais próximo. O céu estava escuro e cinzento, e ameaçava ainda mais neve.

Atrás de Arthur, o tenente do quarto da noite caminhava de um lado para o outro enquanto os seus marinheiros acabavam de ferrar as velas e desciam abaixo dos conveses para a refeição da noite. Arthur lançou uma última olhadela ao céu e estava prestes a regressar ao seu camarote quando escutou um grito vindo de cima.

— Convés à vista! Barco a aproximar-se!

Arthur estacou, e depois voltou-se para escutar o rio atrás de si na escuridão crescente.

Era certo que uma guiga de um navio dobrara a curva mais próxima

e se dirigia em linha reta para a fragata, que estava ancorada na dianteira da carreira de navios-transporte. Um oficial do exército estava sentado na popa, e no instante em que o barco parou ao lado da fragata, pôs-se de pé num pulo e quase dava um trambolhão numa desajeitada avidez de trepar para o convés. Passado um momento, com a ajuda dos marinheiros a bordo da guiga, o oficial, um jovem major do estado-maior, trepou para o convés e dirigiu-se ao aspirante de marinha mais próximo.

— Tu! Onde posso encontrar o Major-general Wellesley?

Arthur caminhou a passos largos em direção a ele.

— Estou aqui!

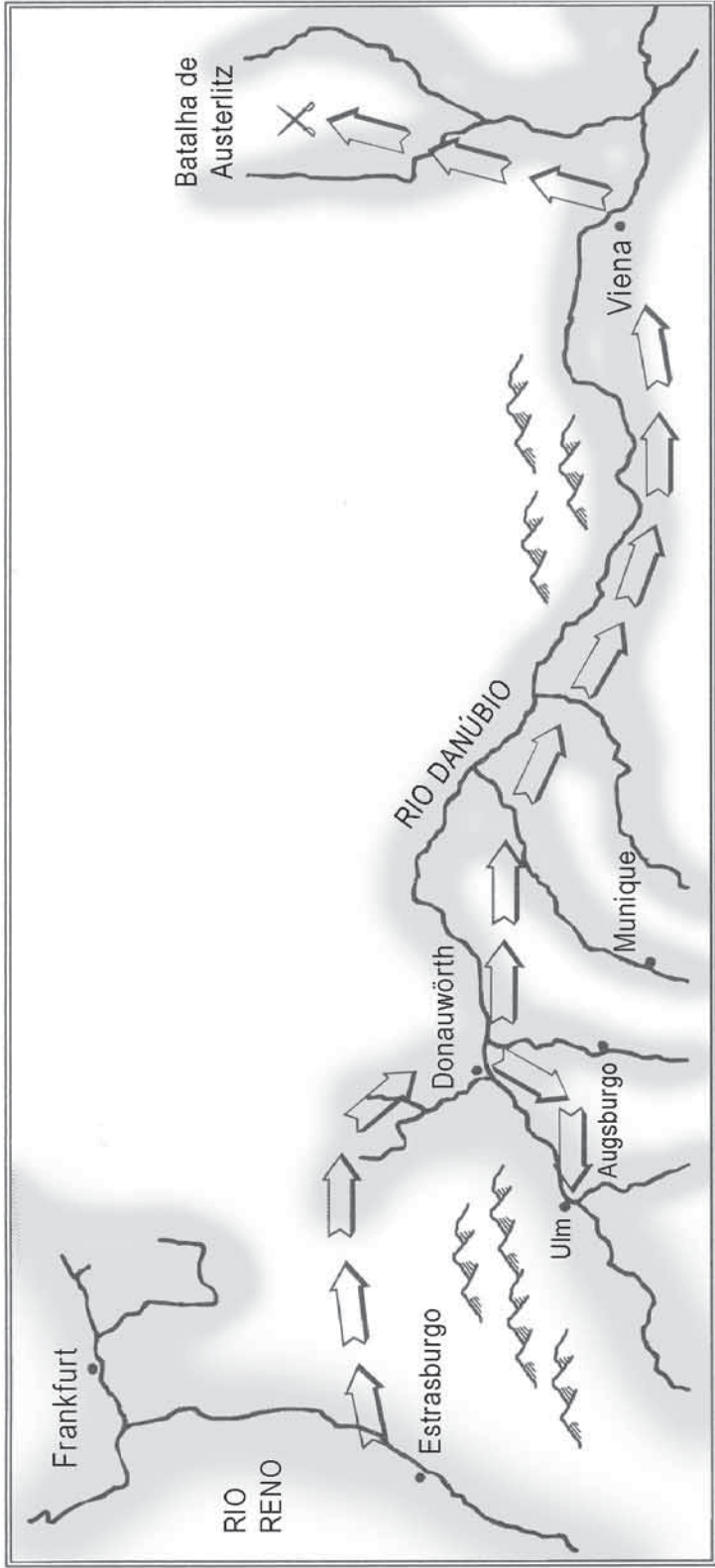
O oficial, ofegante, apressou-se ao encontro de Arthur e remexeu desajeitadamente o interior do peito do casaco para pegar num despacho.

— Do navio almirante, senhor. Recebemos a notícia há pouco mais de uma hora.

— Que notícia?

— Aconteceu uma grande batalha, senhor. — Os olhos do homem escancaravam-se de exaltação. — Perto de Viena. Num lugar chamado Austerlitz.

# CAMPANHA DE NAPOLEÃO CONTRA A ÁUSTRIA E RÚSSIA EM 1805



## CAPÍTULO 13

### *Napoleão*

Uma vez concluídos os preparativos para a libertação condicional de alguns dos prisioneiros capturados em Ulm e o envio dos restantes para campos de detenção na Baviera e na França, o Grande Exército deu meia volta e marchou ao encontro do exército russo liderado por Kutusov. Durante o resto do mês de outubro, e nos primeiros dias de novembro, os soldados marcharam penosamente em direção a Viena, levando o inimigo à frente deles. O tempo continuou a piorar à medida que se começava a transitar do outono para o inverno.

Nalguns dias, havia períodos de claridade quando brilhantes e entufadas nuvens brancas atravessam serenamente em vagas um céu limpo. Depois havia alturas em que densas manchas de chuva e nevoeiro escondiam o Sol da vista e borrascas gélidas caíam violentamente, ensopando os homens até à pele e transformando os caminhos por onde marchavam em glutinosos e escorregadios lodaçais. De noite, as temperaturas desciam abruptamente e os homens apinhavam-se à volta das fogueiras, tentando secar as roupas e fazer chegar algum calor aos seus corpos trementes enquanto comiam fosse qual fosse a comida que tinham conseguido forragear durante a tarde. Os sortudos, na sua maioria veteranos que há muito haviam aprendido a arte de encontrar um bom abrigo, dormiam debaixo de coberturas, ao passo que os restantes procuravam pôr-se o mais confortáveis possível a céu aberto. Eram frequentes as geadas pela manhã, e os homens acordavam para deparar com os seus pertences cobertos por uma reluzente camada de minúsculos cristais de gelo com uma refulgência azul-clara no período que antecedia a alvorada. Após uma refeição rápida, os homens formavam-se, batendo violentamente com os pés no chão para se manterem quentes, e depois, quando a ordem era dada, avançavam novamente em direção ao inimigo.

Enquanto a carruagem seguia aos solavancos juntamente com o longo comboio de vagões e oficiais montados, Napoleão olhou através do vidro listrado da janela e resmungou a Berthier:

— Esta lama ainda vai acabar por nos prejudicar.

Berthier vinha a dormir, mas começou a piscar os olhos e olhou em redor.

— Desculpe, *sire*, como disse?

— Esta lama está a abrandar demasiado o nosso avanço.

— Estorva o progresso do inimigo tanto quanto estorva o nosso, *sire*.

— Verdade — concedeu Napoleão. — Mas o tempo joga mais contra nós do que contra o inimigo. Temos de terminar a guerra, de forma rápida e decisiva. Eles apenas têm de resistir o tempo suficiente para demonstrarem ao resto da Europa que a França, ou melhor, que eu posso ser impedido de me aproximar.

Berthier assentiu com a cabeça.

— É esse o perigo, *sire*. Mas agiu o mais rápido que pôde. — Deteve a fala por um momento para considerar a disposição das forças militares do seu senhor. — Desde que Murat continue a fazer os russos recuar, não terão a menor possibilidade de concentrar as suas forças com os austríacos.

Napoleão sorriu tenuemente.

— Não posso dizer que me sinto propriamente reconfortado perante a ideia de depender de um tipo temperamental como o Murat.

Berthier manteve-se em silêncio. Murat não só era seu superior hierárquico, como também era casado com a irmã de Napoleão, e qualquer crítica dirigida ao impetuoso comandante de cavalaria comportava uma grande probabilidade de ser tomada como uma crítica à família do Imperador. Berthier sabia que era útil a Napoleão, mas a sua posição não era firme ao ponto de ousar criticar o Marechal Murat. Pelo que permaneceu calado e esperou que Napoleão prosseguisse.

— Temos de continuar a forçar o recuo do inimigo até Viena — disse Napoleão firmemente. — Se lhes conseguirmos ameaçar a capital, sentir-se-ão compelidos a dar meia volta e lutar contra nós.

— E se não o fizerem, *sire*?

Napoleão considerou a possibilidade por momentos. Se os austríacos seguissem a tradição, veriam a queda da sua capital como algo que marcaria o fim da guerra. Portanto, lutariam, teriam de lutar, para defender Viena. E para isso teriam de pôr um fim à retirada e voltar-se para enfrentar o Grande Exército. A única dúvida na mente de Napoleão dizia respeito às ações dos russos. Kutusov poder-se-ia decidir por permanecer ao lado dos austríacos ou continuar a recuar e aguardar a chegada de reforços antes de defrontar Napoleão. Desde que Murat continuasse a afastar Kutusov de Viena e do Danúbio, Napoleão teria liberdade para destruir os aliados divididos um de cada vez. Voltou novamente a atenção para Berthier.

— Os austríacos irão lutar. São demasiado orgulhosos para render a sua capital e demasiado néscios para fazer outra coisa qualquer.

As sobranceiras de Berthier ergueram-se por um instante.

— Espero que tenha razão, *sire*.

Escutou-se uma pancada na porta da carruagem do Imperador e Berthier fez descer a janela. Montado ao lado da carruagem seguia um hus-

sardo, de casaco encharcado cintilando à chuva. Inclinou-se na direção da janela e entregou um despacho selado a Berthier.

— Aviso de Paris, senhor. Assinalado como urgente.

Berthier pegou no despacho acenando com a cabeça e correu a janela para cima ao mesmo tempo que o hussardo fez o cavalo dar meia volta sobre a lama com certa dificuldade e seguiu caminho. Berthier quebrou o lacre e estendeu o papel a Napoleão, que abanou preguiçosamente a cabeça.

— Leia você.

— Sim, *sire*. — Berthier desdobrou a mensagem e examinou-a apressadamente, depois leu-a novamente mais devagar, interiorizando os pormenores com um crescente sentimento de choque e ansiedade perante a possível reação do Imperador à notícia.

— Então? — perguntou Napoleão num tom suave ao mesmo tempo que inclinava a cabeça para trás no assento almofadado e cerrava os olhos. — O que é que aqueles imbecis lá de Paris querem desta vez?

Berthier aclarou a garganta nervosamente.

— Ocorreu uma batalha naval, *sire*. O Almirante Villeneuve e a sua frota enfrentaram a marinha de guerra britânica ao largo da costa de Espanha.

Os olhos de Napoleão abriram-se como puxados por molas e de imediato endireitou as costas.

— Ah! Finalmente pôs aquele cu a mexer! O que aconteceu?

— *Sire*, parece que foi derrotado.

— Derrotado? — Napoleão soltou um riso de escárnio. — Estou mesmo a ver. Ordenou aos seus homens que dessem de fuga assim que o primeiro navio perdeu um mastro. O homem é tão cobarde quanto incompetente.

— Não, *sire*. Não nesta ocasião, ao que parece. Manteve-se firme e combateu os britânicos.

— E?

— Foi derrotado, *sire*.

— Derrotado? Com que gravidade?

Berthier deu uma olhadela à mensagem de Paris e depois respondeu:

— Parece que perdemos para cima de vinte navios da linha, afundados ou tomados. Os restantes dispersaram quando a batalha acabou.

Napoleão respirou fundo e olhou furiosamente para as suas botas pousadas no assento em frente. Quando falou, fê-lo com uma violência amarga nunca antes escutada por Berthier.

— Maldito seja aquele cobarde do Villeneuve, que seja condenado às mais abrasadas profundezas do inferno. Agora nunca mais iremos derrotar os britânicos no mar. — Calou-se, e depois continuou numa voz grave: —

Os meus planos de invasão foram-se. Temos de arranjar outra maneira de derrotar a Grã-Bretanha. Se não somos capazes de derrotá-los no campo de batalha, temos de lhes estrangular a economia. — Os seus olhos cintilaram cruelmente. — Temos de arruiná-los, e quando o dinheiro deles se tiver esgotado e o povo estiver a morrer à fome, vão implorar-nos a paz em vez de lidarem com uma revolução interna.

Fez-se um breve silêncio enquanto a carruagem emitia um ruído contínuo e deslizava ao longo da estrada lamacenta, e depois Berthier perguntou:

— O que fazemos agora, *sire*?

— Agora? — Napoleão acenou com a cabeça na direção para a qual seguia a carruagem. — Agora concentramos todos os esforços na tarefa de esmagar os nossos amigos austríacos e russos da forma mais implacável e categórica possível.

Nessa noite, à medida que a notícia da derrota de Villeneuve se alastrava pelo exército, uma atmosfera taciturna abatia-se sobre o acampamento. Napoleão não teve como evitar a percepção disso durante o período em que caminhava através dos renques de tendas e tentava levantar a moral dos homens, parando para falar com eles enquanto se reuniam em torno das fogueiras. A temperatura havia descido ainda mais e de quando em vez uma ligeira descarga de flocos de neve surgia em redemoinho do céu negro. As saudações habituais eram mais contidas e Napoleão estava consciente da interrupção das conversas no momento em que os homens se apercebiam da sua aproximação. O seu humor sombrio ocasionado pela derrota piorou com o mais recente relatório de Murat.

O seu comandante de cavalaria mal conseguira conter a excitação quando escrevera a Napoleão para lhe contar que o caminho para Viena estava desimpedido. Murat dera ordens ao seu corpo militar para avançar rumo à capital austríaca. Como resultado disso, Kutusov já não estava a ser perseguido, e, de acordo com relatórios que se seguiram, os russos haviam atravessado o Danúbio e estavam a ser bem-sucedidos na sua fuga ao longo da margem norte. Agora dispunham de tempo para recobrar energias e manobrar mais perto dos seus aliados austríacos para combinarem forças e enfrentarem Napoleão em pé de igualdade.

Não restava nada a não ser recuperar qualquer eventual vantagem política que a tomada da capital inimiga pudesse comportar. Isso pelo menos humilharia a Áustria aos olhos das restantes nações da Europa, e obrigá-las-ia a pensar aturadamente sobre como desafiar Napoleão. O Imperador carregou o cenho ao refletir sobre a confrontação iminente com Murat, que havia sido chamado ao quartel-general para lhe apresentar um rela-



tório em pessoa. À semelhança de todo o bom comandante de cavalaria, Murat era destemido ao ataque e resoluto à defesa, mas os da sua espécie tendiam a sofrer de orgulho, arrogância e impetuosidade em demasia. Em Murat, estes atributos, tanto os bons como os maus, haviam sido refinados a um grau incomum. Era chegada a altura de pôr um freio a Murat, meditou Napoleão sem centelha de humor.

Quando regressou à ampla casa de campo requisitada para fins militares pelo estado-maior, Napoleão escutou uma ruidosa gargalhada vinda do interior. Acenou com a cabeça à sentinela, que fez continência, e em seguida abriu a porta da casa. Deteve o passo na soleira ao ouvir a voz de Murat provocar regozijo aos seus oficiais do estado-maior e membros do quartel-general imperial. Napoleão retirou o chapéu e entrou silenciosamente, colocando-se num dos lados do vestíbulo, na escuridão, enquanto observava Murat a assumir o papel de centro das atenções. O brilho da fogueira e as velas a bruxulear em redor do compartimento realçavam o elaborado galão de ouro e as condecorações cobertas de joias que revestiam a túnica do comandante de cavalaria.

— Vocês haviam de ter visto! — continuou Murat. — Os filhos da mãe estavam no lado oposto da ponte, com peças de artilharia a protegê-la e uma brigada de infantaria formada em linha ao longo da margem mais distante. Os austríacos também a tinham minado, por via das dúvidas. Qualquer tentativa de atravessá-la teria acabado num banho de sangue. Portanto, ali estamos nós, o Marechal Lannes e eu próprio, a olhar para o outro lado do Danúbio e Lannes chama os granadeiros às fileiras e diz-lhes para se manterem escondidos no nosso lado do rio e esperarem pelo sinal dele. Depois Lannes e eu começamos a caminhar através da ponte para o lado austríaco. Só ele eu. Sozinhos. — Murat pausou, alimentando a expectativa e saboreando cada momento, e passado algum tempo prosseguiu: — Bom, assim que nos veem, os austríacos levantam os mosquetes, e os artilheiros erguem os bota-fogos, e põem-se à espera da ordem para abrirem fogo. Depois Lannes e eu levantamos os braços e acenamos-lhes e começamos a gritar «Armistício! Armistício!» com toda nossa energia. — Murat acompanhava as palavras de grandes movimentos circulares com o braço para dramatizar a descrição. — Deviam ter visto as caras deles! O coronel que comandava as defesas limitou-se a ficar ali parado enquanto nós caminhávamos. — Murat adotou um falsete aristocrático. «Armistício?», diz ele. «Que armistício? Ninguém me falou de nada.»

Este relato provocou uma nova gargalhada na assistência, e ele levantou as mãos para a silenciar.

— Portanto eu avanço e começo a dar uma desanda no filho da mãe emproado por não ter ali os superiores dele para negociar. Entretanto, Lan-

nes caminhou até à zona das espoletas na mina, arrancou-as e atirou-as ao rio. E enquanto eu estou a berrar ao coronel, Lannes inclina o chapéu na direção dos granadeiros e eles avançam imediatamente. Assim que os artilheiros os veem, preparam-se para abrir fogo. «Quietinhos aí!», grito-lhes. «Que raio pensam vocês que estão a fazer? Isto é um armistício!» E empurro-os para longe das peças de artilharia. Na altura em que caíram em si, já os granadeiros estavam do lado de cá a desarmá-los. — Murat pôs-se de peito inchado e concluiu: — E foi assim, meus amigos, que apenas dois homens do Grande Exército tomaram uma ponte sobre o Danúbio de uma brigada inteira de austríacos.

De imediato os oficiais começaram a aplaudir entusiasticamente e Murat retribuiu o gesto com umas quantas vénias. Napoleão saiu da escuridão para a sala e abriu caminho à força por entre os oficiais mais atrás. Assim que a multidão se apercebeu de que o Imperador estava presente, um caminho abriu-se para ele como por magia e ele encaminhou-se a passos largos para o luminoso Marechal Murat.

— *Sire!* Trago-lhe excelentes notícias. Viena é nossa! — Murat foi surpreendido pela expressão impassível no rosto do Imperador e retomou a fala num tom fanfarrão. — Viena, estou-lhe a dizer. A capital do inimigo é nossa. Os austríacos declararam-na uma cidade aberta e saíram precipitadamente para se juntarem aos seus aliados russos. Deixaram o sítio desprotegido. Como estava a contar aqui aos nossos amigos, até capturámos uma ponte que atravessa o Danúbio.

— Já ouvi dizer — replicou Napoleão em tom monocórdico. — Gostaria de falar consigo, Marechal Murat. No meu gabinete.

— Com certeza, *sire*. Mas antes disso junte-se a nós e brinde à captura de Viena.

Vários oficiais aplaudiram a sugestão, porém outros haviam tomado consciência do humor de Napoleão e permaneceram em silêncio, observando circunspectamente. Napoleão fez que não com a cabeça.

— Agora, Murat, se fizer o favor.

Murat fitou-o, meio a sorrir, e depois passeou os olhos pela sala à procura de apoio moral, mas todos os outros oficiais se haviam silenciado e baixado os copos. Napoleão rodou sobre si mesmo e avançou a passos largos por entre a multidão até às traseiras da casa de campo onde a cozinha servia agora de seu gabinete; sobre a longa mesa distribuíam-se mapas e blocos de notas. Ao entrar no compartimento, Napoleão deparou com um funcionário atarefado na atualização de um dos blocos de notas preenchido com os regressos dos efetivos das unidades do Grande Exército.

— Rua.

— Sim, *sire*.

O funcionário pousou de imediato a pena e apressou-se a sair do compartimento, comprimindo-se contra um dos lados do caixilho da porta enquanto Murat entrava atrás do Imperador.

— Feche a porta.

Logo após Murat obedecer à ordem, Napoleão gesticulou na direção de um banco de construção simples situado num dos lados da mesa, e depois sentou-se na única cadeira existente naquele espaço, à cabeceira da mesa.

— Veio apresentar o seu relatório, segundo julgo saber.

— Sim, *sire*.

— Então, faça o favor de me contar aquilo que realizou.

Murat exibiu um ar de surpresa e, em seguida, encheu as bochechas de ar.

— Tomámos a capital inimiga. Até agora, os meus homens descobriram mais de quinhentos canhões e porventura um total de cem mil mosquetes nos arsenais austríacos, para além de colossais armazenamentos de provisões e equipamento. *Sire*, com aquilo que apanhámos, podíamos reabastecer todo o Grande Exército por alguns meses. O suficiente para nos sustentar durante o resto da campanha.

— Sem dúvida — respondeu Napoleão. — Mas se tivesse cumprido as ordens que lhe foram destinadas, não haveria qualquer razão para a campanha continuar durante meses.

— *Sire*?

Napoleão deu uma palmada na mesa.

— Permitiu que os russos fugissem! Agora vão ficar a lambar as feridas, à espera que as forças austríacas se juntem a eles a partir de Itália. Todo o trabalho bem feito nesta campanha poderá ser arruinado por causa da sua imprudente iniciativa em relação a Viena. O propósito último da minha estratégia era dividir os nossos inimigos. Agora você deu-lhes a possibilidade de concentrarem a sua força e teremos de travar uma batalha muitíssimo mais difícil do que eu esperava. Graças a si.

— *Sire*, eu... eu não tinha no pensamento qualquer intenção de comprometé-lo quando dei a ordem.

— Não tinha absolutamente nada no pensamento, pelo que me é dado a ver.

Napoleão fixou-se no seu subordinado. Murat encolheu-se e pôs-se a olhar para o chão, abatido.

— Tinha a esperança de agradá-lo, *sire*.

— Tinha a esperança de atrair a glória para si, quer você dizer — disparou Napoleão. Depois, respirou fundo e fechou os olhos para controlar a fúria crescente. Murat cometera um erro. Um erro que custaria a Napoleão

as vidas de muitos dos seus soldados e que poderia, com efeito, prolongar a campanha durante meses, a menos que a situação fosse resolvida de forma célere. Pois muito bem. Que Murat emendasse os seus erros retrocedendo às ordens iniciais. Os seus olhos abriram-se num movimento rápido.

— Quero que regresse imediatamente às suas funções.

— *Sire*, eu e o meu estado-maior acabámos de chegar ao quartel-general. Viajámos a cavalo durante dois dias de forma quase ininterrupta.

— Imediatamente. — Napoleão ignorou-lhe o protesto. — Cumpre-lhe perseguir os russos sem demora. Quando estabelecer contacto, mantenha-se em cima deles. Não dê a Kutusov a menor hipótese de parar e descansar. Faça-os recuar, para leste e norte, para o mais longe possível de qualquer força militar austríaca. Depois reze para que tenha agido a tempo. Estamos entendidos?

— Sim, *sire*.

— Então vá. — Napoleão inclinou a cabeça para a frente de encontro aos nós dos dedos. — Agora.

Murat aquiesceu com um aceno de cabeça, ergueu-se do banco, e deteve-se por um momento, tentando pensar nalgumas palavras de auto-justificação para dizer. Depois desistiu e fez o caminho inverso ao encontro da porta, abriu-a com um puxão e berrou ao seu estado-maior para que se dirigisse ao exterior e montasse de imediato. Escutou-se um coro de cadeiras sendo arrastadas e pancadas de botas pesadas contra o chão enquanto os oficiais de cavalaria pegavam apressadamente nos seus chapéus e capas curtas e abandonavam o edifício, gritando aos moços de estrebaria que lhes fossem buscar os cavalos aos estábulos.

## CAPÍTULO 14

Após um breve descanso para se empanurrarem de comida retirada das provisões que haviam estado armazenadas em Viena, os homens do Grande Exército atravessaram o Danúbio para entrarem na Morávia, numa altura em que o inverno se começava a instalar severamente através da paisagem. Mesmo durante o dia, a temperatura raramente subia mais do que uns escassos graus acima do ponto de congelamento e a chuva frequente regelava os homens até aos ossos. Já haviam passado quase dois meses desde que a campanha começara e a fadiga das tropas era facilmente percebida pelos seus comandantes à medida que palmilhavam penosamente através da região rural ondulada em perseguição dos russos. A todo o momento chegavam relatórios a Napoleão indicando que a Prússia se estava a preparar para a guerra e a mobilizar o seu exército, pronto para atacar. Do

Sul chegavam notícias ainda mais inquietantes: Marmont contava com a chegada de noventa mil soldados austríacos que a qualquer momento marchariam desde Itália.

A caminho de finais de novembro, Napoleão deteve o exército próximo de Brunn para descansar e considerar a cada vez mais perigosa situação. Os batedores de Murat haviam relatado que o exército de Kutusov fora alargado com reforços de modo a que pudesse reunir aproximadamente cem mil russos e austríacos para defrontar o Grande Exército.

— Qual o nosso contingente? — perguntou Napoleão a Berthier nessa noite.

— Temos cinquenta mil aqui conosco, *sire*. Se Bernadotte e Davout receberem a ordem para se juntarem a nós, perfará setenta mil homens.

— Que ainda assim nos deixará inferiorizados em número — ponderou Napoleão. Os números não eram tudo, fez questão de se lembrar. No confronto direto, os soldados e oficiais do Grande Exército eram os melhores da Europa. E também se tratava de uma questão de liderança. Kutusov era um comandante suficientemente capaz, porém velho e habituado a planos de guerra que Napoleão considerava ultrapassados. Para além disso, o general russo liderava uma força poliglota, e teria de se debater com a interferência dos generais austríacos. Para piorar ainda mais a situação de Kutusov, o Czar proclamara alto e bom som que ele próprio, em pessoa, levaria os seus homens à vitória sobre a França e partiria de Moscovo para assumir o comando. Portanto, a disparidade em termos numéricos era suportável, refletiu Napoleão — contanto que se travasse uma batalha em breve. Mas o tempo jogava a favor de Kutusov. Com a mobilização dos prussianos, e a emergência iminente de um numeroso exército austríaco dos Alpes, Napoleão seria apanhado entre os inimigos e dominado. Também o inquietava a escassez de provisões para os seus homens. Estavam em marcha há mais de dois meses e a chegar ao fim de uma muito longa e vulnerável cadeia de abastecimento. O ato de forragear era difícil posto que os russos haviam despido o solo que se estendia à frente do Grande Exército e deixado pouca coisa no seu rasto.

Acenou com a cabeça de si para si e depois levantou-a na direção de Berthier.

— Estamos numa posição perigosa. Quer-me parecer que a solução mais acertada é batermos em retirada rumo a Ulm e esperar por reforços antes de prosseguirmos com a campanha.

— Se entende que isso é sensato, *sire* — disse Berthier cuidadosamente. Napoleão esboçou um sorriso.

— Bom, você obviamente pensa de modo diferente.

Berthier entrelaçou os dedos e ruminou o lábio por um momento antes de continuar.

— Aos olhos do mundo parecerá que fomos forçados a bater em retirada, *sire*. Que fomos derrotados. Assim que os nossos inimigos anunciarem aos quatro ventos essa visão dos acontecimentos, poderão facilmente arranjar aliados para se juntarem a eles numa guerra contra a França.

— Exatamente o que eu penso. Portanto não podemos bater em retirada, nem podemos avançar, nem podemos ficar aqui à espera.

Berthier encolheu os ombros.

— Sem dúvida uma posição perigosa, *sire*. O que vai fazer?

— A única coisa que posso fazer. — Napoleão esticou os braços e bocejou antes de prosseguir. — Temos de convencer Kutusov e os seus aliados austríacos a atacar-nos.

— Convencê-los? — As sobrancelhas de Berthier ergueram-se de espanto. — Como?

— Damos a Kutusov uma oportunidade à qual não será capaz de resistir. — Napoleão lançou a mão sobre a sua secretária de campanha e puxou um mapa para si. Examinou-o por um momento e depois colocou um dedo sobre uma representação que indicava terreno elevado. Inclinando-se para a frente, leu a inscrição.

— Armaremos a cilada aqui, no Planalto de Pratzen, perto desta cidade. — O dedo dele moveu-se por frações ao longo do mapa. Berthier inclinou a cabeça para a frente para ler o nome.

— Austerlitz. Muito bem, *sire*.

— Austerlitz — repetiu Napoleão suavemente enquanto considerava os detalhes do plano que se começava a desenhar na sua cabeça. Implicaria um certo grau de risco e um excepcional sentido de oportunidade, bem como uma boa dose de subterfúgio. — Temos de esmagá-los em Austerlitz, ou então sermos esmagados.

No dia a seguir, Napoleão ordenou que os corpos militares de Sault, Murat e Lannes avançassem em direção a e ocupassem o Planalto de Pratzen, onde os seus cinquenta mil homens estariam completamente à vista dos batedores austríacos. Logo no dia seguinte, chegou ao acampamento francês um oficial austríaco com uma proposta para entrar em negociações para um armistício. Foi conduzido até à primeira linha do Grande Exército para esperar o Imperador. Os olhos perspicazes do oficial austríaco captaram todos os pormenores dos exauridos soldados e dos seus uniformes puídos. Alguns olharam para trás com lúgubres expressões de vaga curiosidade, mas a maior parte simplesmente se mantinha sentada em redor das fogueiras num silêncio abatido.

Napoleão e Berthier surgiram a cavalo pouco tempo depois. O casaco do Imperador estava manchado de lama e a jaqueta desabotoada. Não se

havia barbeado e trazia uma expressão fatigada. Desceu da sela com um grunhido e voltou-se para dar de caras com o enviado inimigo.

— Seja bem-vindo, senhor. Posso saber o seu nome?

— Conde Diebnitz, ao seu serviço. — O austríaco estava imaculadamente bem vestido e teve de conter um sorriso escarminho perante o aspeto desleixado do Imperador francês. Inclinou brevemente a cabeça, após o que começou a relatar a mensagem que o trazia sem qualquer preâmbulo. — Os Imperadores da Áustria e da Rússia propõem-lhe cordialmente um armistício, com a duração de dez dias.

— Um armistício? — Napoleão ergueu uma sobrancelha e contraiu os lábios como que absorto nos seus pensamentos. Portanto, os aliados estavam a tentar ganhar tempo para que o arquiduque Carlos se juntasse a eles com o exército da Itália, pensou. Forçou-se a manter oculto qualquer sentimento de divertimento causado pela transparência da proposta de armistício. Em vez disso, fez que sim com a cabeça e sorriu. — Sim, sim, um armistício seria bom para ambas as partes. Seria a coisa humana a fazer. — Napoleão gesticulou na direção dos seus homens. — Imagino que o vosso exército esteja tão cansado de fugir quanto nós estamos de vos perseguir.

Os lábios do conde Diebnitz comprimiram-se e depois replicou por entre os dentes cerrados:

— O exército austríaco não foge, senhor. Não posso falar pelos russos, mas o exército austríaco não foge.

— Não, com certeza que não — disse Napoleão num tom apaziguador. — Não era minha intenção ofendê-lo.

— Você *não* me ofendeu — retorquiu Diebnitz ferozmente. — Muito bem, senhor, aceita os termos ou não? Preciso da sua resposta imediatamente.

— Imediatamente? — Napoleão pareceu ter ficado ansioso. — Como posso responder imediatamente? Preciso de saber os termos precisos da proposta. Não pode esperar que aceite logo após ter tomado conhecimento.

— Foi essa a exigência do meu Imperador.

Napoleão lançou um rápido olhar desamparado a Berthier e em seguida voltou a encarar o oficial.

— Envie os meus cumprimentos ao Imperador. Diga-lhe que estou mais do que disposto a negociar, mas que tenho de ter em minha posse os termos por escrito antes de poder concordar com o que quer que seja.

— Duvido que ele permita tal delonga.

— Ainda assim, regresse até junto do Imperador e pergunte-lhe.

O Conde Diebnitz franziu o sobrolho por um momento, e depois respondeu:

— Como queira, senhor. Duvido que o Imperador se mostre disposto a falar. Mas, de qualquer modo, farei chegar-lhe as suas palavras.

— Obrigado — respondeu Napoleão com uma expressão de alívio. Manteve a expressão enquanto o austríaco remontava, fazia o cavalo mudar de direção e arripiava caminho através das linhas rumo aos postos avançados inimigos em redor da pequena cidade de Austerlitz. Assim que Dibnitz se encontrava a uma distância segura, Napoleão relaxou e murmurou a Berthier: — Então, o que lhe parece?

— Parece-me que o teatro perdeu um grande ator quando decidiu tornar-se militar, *sire*. — Berthier não conseguiu conter um riso abafado. — Só espero que todos os austríacos que ali estão sejam tão fáceis de enganar.

— Ficaremos a saber dentro em breve. — Napoleão endireitou a jaqueta e voltou a apertar os botões. De entre os homens do regimento que Diebnitz atravessara a cavalo, acenou com a cabeça no sentido dos que se encontravam mais perto. — Providenciem vinho e bebidas espirituosas para aqueles homens. Merecem-no depois de um desempenho tão brilhante.

Assim que os soldados ouviram estas palavras, um deles pôs-se de pé e ergueu o chapéu para saudar o Imperador, porém congelou no momento em que Napoleão lhe cravou os olhos.

— Senta-te, meu imbecil! Se o inimigo vir toda a gente aos pulos e a berrar desenfreadamente, vai perceber o estratagema num ápice!

O soldado lançou-se ao chão e de imediato os homens à sua volta lhe deram pequenos toques com os cotovelos ao mesmo tempo que implicavam com ele por causa da reação exagerada. Napoleão virou costas, remontou agilmente o cavalo e regressou a trote ao quartel-general, correspondendo alegremente às saudações dos soldados enquanto por eles passava. Regressados à sua tenda, Napoleão e Berthier examinaram o mapa das cercanias.

— Partindo do pressuposto de que mordem a isca — disse Napoleão numa voz branda —, ficarão a pensar que estamos muito mais fragilizados do que eles. Duvido que sejam capazes de resistir à oportunidade de derrotar o Grande Exército, e humilhar o Imperador Napoleão. — Exibiu um sorriso sinistro ao mesmo tempo que batia com a mão no mapa ao de leve. — Mal eles avancem, nós batemos em retirada, para o lado oposto do curso de água do Goldbach, e mandamos chamar Davout e Bernadotte. Mante-mos o grosso do exército escondido ali atrás da colina de Zurlan, e depois deixamos Soult ocupar o centro. Se ele dispersar pouco os seus homens e os mantiver expostos, Kutusov não será capaz de resistir à oportunidade de fazer avançar as suas colunas contra nós, fracos como pareceremos.

— É um belo plano, *sire*. Uma armadilha inteligente — disse Berthier de modo aprovador. — Só espero que o inimigo caia nela.



Napoleão tamborilou com os dedos sobre o mapa enquanto examinava o terreno que escolhera para a sua batalha.

— Ficaremos a saber dentro em breve.

O general Kutusov esperou dois dias até dar a ordem para avançar. No instante em que as colunas austríacas avançaram sobre o Planalto de Pratzen, Napoleão deu a ordem de retirada. Os homens haviam sido instruídos no sentido de passar a impressão de estarem em pânico e fugiram apressadamente do inimigo num aglomerado desordenado. Várias peças de artilharia danificadas e comboios de reabastecimento foram deixados para trás de forma a realçar a impressão de uma retirada precipitada e os elementos dianteiros do exército russo e austríaco dirigiram insultos aos franceses enquanto assumiam as posições abandonadas no Planalto.

À medida que o primeiro dia de dezembro avançava, soalheiro e luminoso, os franceses formavam uma linha no lado mais distante do curso do Goldbach, voltados para as encostas agora dominadas pelas tropas inimigas. Napoleão estava satisfeito por ter jogado o seu trunfo da melhor maneira que podia. Desde o ponto privilegiado do Planalto de Pratzen, a posição francesa pareceria débil e pobremente defendida. A massa indistinta da colina de Zurlan à esquerda dos franceses facilmente esconderia os corpos militares de Lannes e Bernadotte, juntamente com a Guarda Imperial. A partir da posição do inimigo, pareceria que o debilitado Grande Exército estava pronto a ser destruído.

Ao longo de todo o dia, Napoleão manteve-se de olhos postos no Planalto, até que por fim, quando o Sol de fim de tarde se começava a afundar no horizonte, começou a formar as densas colunas de infantaria que se deslocavam para diante do centro e da direita da linha francesa.

— Ali! — Apontou para o inimigo a Berthier. — Eu disse-lhe que iria funcionar. Comunique a Davout e Bernadotte que venham ao nosso encontro imediatamente. E emita uma ordem do dia ao exército. Informe-os de que amanhã travaremos uma batalha. Diga-lhes que conquistaremos uma grande vitória.

— Sim, *sire*.

Quando caiu a noite sobre a paisagem invernosa, Napoleão ofereceu aos seus oficiais superiores um jantar simples na hospedaria em Bellowitz, um pequeno lugarejo no sopé da colina de Zurlan. O prato principal, uma tigela de batatas e cebolas fritas emitindo vapor, foi consumido com entusiasmo e acompanhado com algum do vinho pilhado em Viena. Enquanto comiam, continuavam a chegar relatórios do vislumbre de fogueiras no Planalto, exatamente em frente ao centro francês, pelo que não poderiam

restar dúvidas quanto às intenções do inimigo para o dia seguinte. Depois, à meia-noite, Napoleão e os seus oficiais escutaram o soar de tambores e vivas frenéticos vindos de perto.

— O que é aquilo? — perguntou Napoleão. — Berthier, inteire-se do que se está a passar.

Berthier sorriu.

— *Sire*, está esquecido?

— Esquecido?

— Da data. — Berthier sacou do relógio de bolso. — Passa da meia-noite, *sire*.

— E?

— É dia dois de dezembro. O primeiro aniversário da sua coroação. Os homens estão a celebrar.

— Claro — respondeu Napoleão rapidamente, zangado consigo mesmo por se ter esquecido de uma data tão importante. — Nesse caso, tenho de permitir que os homens vejam o seu Imperador.

Abandonou a mesa e saiu para o exterior, seguido pelos outros. Era uma noite fria e o seu bafo formava uma pequena nuvem à luz lançada pelas estrelas cintilantes dispersas pelo céu. A toda a volta do lugarejo, e lá em cima na Zurlan, fogueiras luminosas tremeluziam na noite, e os vivas dos soldados dirigiam-se claramente ao Imperador. No momento em que emergiu da hospedaria, escutaram-se uma salva de palmas e gritos de saudação dos homens da Guarda Imperial que se encontravam na rua. Alguns empunhavam tochas feitas de palha entrançada e Napoleão conseguiu ver os calorosos sorrisos, rasgados e contidos, dos seus veteranos, homens que haviam estado com ele em campanhas anteriores. Um dos granadeiros tirou o barrete de pele e colocou-o sobre a boca do mosquete, e em seguida levantou-o bem alto enquanto aclamava o Imperador. Outros repetiram-lhe o gesto e à medida que Napoleão descia o pequeno lanço de escadas rumo à estrada, uma avenida de soldados em aplauso abriu-se diante dele. Caminhou lentamente ao longo da estrada, retribuindo o sorriso aos seus homens com genuína afeição.

«Vida longa ao Imperador! Vida longa ao Imperador!» Os gritos ecoaram estrada abaixo e foram rapidamente continuados pelas tropas fora do lugarejo até que a noite atroasse o canto. Napoleão sentiu o coração inchar de afeto e gratidão para com aqueles homens que o haviam seguido ao longo dos anos e que agora lhe confiavam a vida. Virou-se para Berthier e murmurou:

— Foi você que os pôs a fazer isto?

— Não, *sire*. Fazem-no porque o amam.

— Me amam? — A face de Napoleão abriu-se num sorriso, e por um

momento sentiu-se tentado a pensar que Berthier o deveria estar a lisonjear. Mas não havia qualquer artifício nos rostos em seu redor e ele, conseqüentemente, apercebeu-se de que Berthier falara a verdade. Bateu ao de leve no braço de Berthier. — Acho que esta foi a melhor noite da minha vida. E com a madrugada virá o meu melhor dia.

## CAPÍTULO 15

*Austerlitz, 2 de dezembro de 1805*

Às quatro da manhã, os oficiais e sargentos do Grande Exército começaram a acordar os seus homens. A maior parte das fogueiras morrera mas ainda havia luz suficiente das cinzas incandescentes para que os soldados enfiassem as botas à pressa, ajustassem os uniformes e preparassem as armas para a batalha que se avizinhava. Fora uma noite impiedosamente fria da corrente do Goldbach e levantara-se uma densa neblina que agora cobria o solo de ambos os lados, pelo que as tropas francesas eram completamente visíveis aos olhos do inimigo lá em cima no Planalto de Pratzen. O espírito de celebração ocasionado pelo primeiro aniversário do Imperador dera lugar a uma silenciosa contemplação do que estava para vir. Os veteranos, na sua maioria, iniciaram os preparativos com uma calma fatalista. Os soldados mais jovens e inexperientes ou estavam ansiosos e tomados pelo pavor de serem feridos ou se encontravam dominados por um espírito de fanfaronice e falavam com um espalhafato alegre que não enganava ninguém a não ser eles próprios.

A sul da colina de Zurlan espriava-se o vasto aglomerado de linhas de cavalaria de Murat, onde os soldados de cavalaria selavam cuidadosamente as suas montadas, verificando cada correia e fivela para garantir que estariam bem sentados acaso necessitassem de investir. Os couraceiros ajudavam-se mutuamente na colocação das couraças polidas antes de enfiarem os capacetes com as suas cristas soltas de crina de cavalo. Noutros regimentos, os dragões<sup>4</sup>, hussardos e lanceiros prepararam-se e depois colocaram os cavalos em linha aguardando o início da batalha.

No enorme parapeito da colina de Zurlan, as guarnições da artilharia transportaram as primeiras cargas dos vagões de munições vertente acima até à concentração de baterias, onde alguns canhões estavam apontados para o Planalto em frente enquanto outros estavam virados para sul de modo a bombardear com fogo de enfiada os ataques do inimigo através

---

<sup>4</sup> Antigos soldados de cavalaria, que também combatiam a pé. (*N. do T.*)

do curso do Goldbach. Embora ainda estivesse escuro, não havia qualquer dúvida quanto à localização da mais poderosa concentração das forças inimigas. Uma ligeira névoa que atravessava a linha do horizonte na direção da povoação de Pratzen revelava as suas posições, e os franceses sentiam-se assombrados diante do poderio das forças alinhadas contra eles.

Napoleão conduziu o seu estado-maior colina acima até ao posto de comando que havia sido preparado para si na tarde anterior. Dormira num celeiro no sopé da colina, numa cama de palha, e conseguira aproveitar para dormir três horas de sono profundo. À semelhança da maior parte dos seus veteranos, Napoleão há muito que desenvolvera o talento para cair num sono fundo quando a oportunidade surgia. Sentiu a familiar dor ligeira da excitação misturada com uma sensação de ansiedade na boca do estômago. A sua mente ainda passava em revista os detalhes do plano que elaborara e a disposição das suas tropas, e ainda havia dúvidas a ocupá-lo.

Se, por alguma razão, a unidade de Davout não conseguisse chegar ao flanco certo a tempo de fortalecer a sua defesa, o inimigo poderia avançar pelo flanco e envolver a linha francesa. Davout visitara o quartel-general na tarde anterior para se apresentar ao serviço e asseverar que os seus homens alcançariam o campo de batalha a tempo de desempenhar o seu papel. O Marechal parecera esgotado, e não era de admirar, refletiu Napoleão. Ele e os seus homens haviam marchado mais de cento e trinta quilómetros em dois dias depois de receberem a convocatória de Berthier. A unidade estaria exausta, mas todavia o peso do destino do Grande Exército poderia muito bem recair sobre os seus ombros.

Depois havia a questão do *timing* do ataque principal ao Planalto de Pratzen. Fosse ele levado a cabo demasiado cedo e o inimigo detetaria o perigo e teria possibilidade de reagir a tempo de bloquear a ofensiva. Fosse ele levado a cabo demasiado tarde e o flanco direito francês poderia estar quebrado e ambos os exércitos limitar-se-iam a andar em círculos, entalados um no outro como dois veados a lutar. Napoleão sabia que, para alcançar o seu objetivo, o ataque teria de ser feito na altura certa, e que a decisão sobre quando dar a ordem dependeria do tempo que a direita e o centro enfraquecidos da linha francesa ao longo do Goldbach seriam capazes de permanecer firmes. Olhou para a direita e amaldiçoou a densa neblina. Poderia ser útil esconder as posições francesas do inimigo, mas também escondia os homens da vista do seu comandante e era essencial que Napoleão soubesse exatamente o que se estava a passar em toda a extensão da sua linha de batalha no decurso do dia que se avizinhava.

Voltou-se para Berthier.

— Quero relatórios regulares dos comandantes, até ao nível da briga-

da. A cada meia hora, entendido? Diligencie mensageiros adequados para o efeito.

— Sim, *sire*. — Berthier acrescentou uma nota no seu bloco e depois virou-se para um dos seus oficiais subalternos para lhe transmitir a ordem do Imperador. Enquanto falavam atrás de si, Napoleão fechou os olhos por um momento e projetou mentalmente um mapa da área circundante. O Marechal Lannes estava no flanco esquerdo, com ordens para suste quaisquer ataques austríacos. A cavalaria de Murat faria linha em apoio a Lannes, e seria lançada em perseguição do inimigo acaso as coisas corresse bem. Acaso não corresse, caberia a Murat proteger a retirada do que quer que restasse do Grande Exército. Depois havia a unidade de Bernadotte, a quem havia sido confiada a defesa da colina de Zurlan, porém pronta a explorar qualquer fraqueza na linha inimiga se porventura surgisse a oportunidade. Atrás da colina de Zurlan encontrava-se a Guarda Imperial a funcionar como reserva, bem como as duas divisões da unidade de Soult, escolhidas para liderar aquele que deveria ser o ataque decisivo — se a batalha corresse conforme planeado, lembrou Napoleão a si próprio. Permitiu-se um sorriso sardónico ao recordar algo que ouvira anos antes: uma vez iniciada uma batalha, a primeira baixa do dia era sempre o plano. A apenas uma divisão, comandada pelo General Legrand, fora confiada a tarefa de suste o peso principal do ataque inimigo ao longo da margem do Goldbach. Legrand teria de se manter firme até que a unidade de Davout, que vinha a caminho numa difícil marcha, chegasse ao flanco direito e o pudesse apoiar.

— Alvorada, *sire*. — Berthier chamou a atenção do seu Imperador para leste, onde a orbe rosa-mate do Sol se erguia na crista do Planalto de Pratzten, destacando as tropas russas e austríacas que se reuniam para atacar.

— Muito bem. Dê a ordem para que as colunas de assalto de Soult atravessem o rio e se formem. Diga a Soult para fazer bom uso desta neblina e manter os seus homens escondidos tanto tempo quanto possível.

— Sim, *sire*.

Um estrondo surdo ecoou através do vale vindo do Planalto de Pratzten e os oficiais reunidos viraram-se na direção do canhão sinalizador. Passado um momento, aconteceu uma súbita detonação de tiros de canhão para a direita, seguida de um quase ténue rufo e estampido de mosquetes.

Napoleão olhou para baixo ao mesmo tempo que sacava o relógio do bolso pequeno.

— Pouco passa das sete.

Berthier pôs os ouvidos e os olhos alerta ao fixar-se no flanco direito da linha francesa. Porém a névoa e o fumo das fogueiras ainda turvava a visão e apenas a crista do Planalto e a própria colina de Zurlan sobressaíam

do miasma. Várias colunas de soldados inimigos marchavam velozmente vertente abaixo adentrando a névoa, e era possível avistar mais tropas a avançar do centro da linha russa e austríaca para reforçar o ataque. Berthier concentrou-se novamente no flanco.

— Parece que estão a atacar a aldeia de Tellnitz.

Napoleão pôs-se a escutar por um momento e depois fez que sim com a cabeça.

— Tellnitz. Envie alguém para descobrir o que se passa.

Enquanto Napoleão se manteve à espera, o fogo intensificou-se ao longo de toda a linha, e quando chegaram os primeiros relatórios, tornou-se claro que o inimigo estava, de facto, a preparar um poderoso ataque à direita da linha francesa. Dali a uma hora, chegava a notícia de que Tellnitz ruíra e que a aldeia de Zokolnitz se lhe seguiria não tardava nada.

Napoleão acenou veementemente com a cabeça enquanto Berthier lhe relatava as notícias.

— Temos de retomar aquelas aldeias. O Goldbach tem de ser defendido por mais algum tempo. O tempo suficiente para atrair mais homens do centro inimigo. — Fez uma pausa. — Quão perto está Davout agora?

— A sua cavalaria ligeira já está a apoiar os homens que defendem Tellnitz.

— E a sua infantaria?

Berthier folheou as mensagens que recebera até ter encontrado a mais recente de Davout.

— A sua brigada, sob o comando do General Heudelet, deverá estar perto de Tellnitz por esta altura.

— Então mande Heudelet avançar para retomar a aldeia, e segurá-la a todos os custos.

— Sim, *sire*.

Quase no momento em que Tellnitz foi retomada, um novo ataque foi lançado contra os franceses, e, embora Heudelet tivesse relatado que os seus homens haviam lutado heroicamente, foram completamente ultrapassados em número e forçados a retroceder, pelo que pela terceira vez a aldeia mudou de mãos. Mas a atenção de Napoleão estava fixada no Planalto. A neblina e o nevoeiro começavam lentamente a subir, revelando mais da ladeira, mas afortunadamente ainda escondiam as duas divisões de Soult, cujo general subira ao ponto de comando em pessoa para receber as suas ordens. Acima deles, o inimigo continuava a reforçar os seus ataques à direita da linha francesa. Napoleão observou o cenário cuidadosamente, estimando rapidamente a velocidade a que as colunas inimigas estavam a atravessar o campo de batalha para se juntarem ao ataque. Em seguida, voltou-se para Soult e acenou-lhe para que este se aproximasse, indicando o Planalto em frente.

— Quero que a sua força de ataque invista na direção de Pratzen, entendido?

— Sim, *sire*.

— De quanto tempo acha que eles vão precisar para alcançar a crista?

Soult olhou sobre o terreno ascendente defronte das suas duas divisões e pensou rapidamente.

— Vinte minutos, *sire*, talvez menos.

Napoleão atentou na ladeira e estimou o *timing*. Era cedo de mais. Era necessário conceder ao inimigo o máximo de hipóteses de se empenhar na direita da linha francesa. Erguendo o telescópio, Napoleão apontou-o no sentido de duas grandes colunas de soldados austríacos que marchavam para sul ao longo do Planalto. Observou-os durante mais um quarto de hora e depois fechou o telescópio com um estalido e virou-se para Soult.

— Vá agora. Avance o mais depressa que conseguir e ataque o inimigo com toda a força.

— Sim, *sire*. — Soult fez continência. — Pode contar comigo.

— Eu sei. — Napoleão bateu suavemente com o punho no ombro do Marechal. — Vá.

Soult apressou-se para o seu cavalo, montou-o e seguiu por entre a neblina. Em frente de Napoleão tudo estava quieto. Para a direita, o fogo intensificara-se uma vez mais com um novo ataque certo do inimigo. Napoleão acenou com a cabeça num gesto de satisfação sinistra. Era certo que haveria pesadas baixas na divisão de Legrand, mas isso era necessário para que o inimigo caísse na cilada que lhes armara. Uma trombeta soou de entre a neblina no sopé do monte e, passado um momento, o intenso rufo e estrondo de tambores anunciava o avanço das divisões de Vandamme e St-Hilaire. Havia algo de bastante transcendental nas ordens gritadas, nas batidas nos tambores e nos gritos guturais de «Vida longa ao Imperador!» numa altura em que ainda não se via nada. Depois, as primeiras formas espectrais começaram a emergir da neblina, a cortina dispersa de escaramuçadores avançando à frente das principais colunas. Talvez uns cem passos atrás deles seguiam as bandeiras das unidades principais, seguidas pela densa massa de infantaria caminhando a passos largos inclinação acima. A luz do Sol era refletida das águias douradas no cimo das suas bandeiras e do eriçado aglomerado de baionetas, e os homens voltavam a gritar «Vida longa ao Imperador! Vida longa ao Imperador!»

— Estão bastante animados — disse Napoleão, enlevado.

— Não é de admirar que estejam, *sire* — replicou Berthier. — Soult deu-lhes a beber três emborcadelas de bebidas espirituosas antes de se formarem.

— Três emborcadelas? — Napoleão abanou ligeiramente a cabeça. —

Meu Deus, terei pena dos russos e dos austríacos quando estes homens se mandarem a eles.

As duas divisões atravessaram a neblina e subiram a inclinação até ao Planalto em passo rápido. Demasiado rápido, pensou Napoleão. Não servia de nada alcançar a crista sem fôlego e sem capacidade para combater. Quando as duas divisões se começaram a aproximar do Planalto, os escaramuçadores trocaram fogo com a primeira linha de soldados inimigos. Minúsculas baforadas desenharam-se ao longo da crista do Planalto e, em seguida, os austríacos desapareceram atrás de uma cortina de fumo depois de dispararem fogo de rajada. Passado um momento, o som, um estertor agudo, chegou ao posto de comando de Napoleão. Chamando um dos seus ordenanças ao pé de si, Napoleão pousou a extremidade do seu telescópio sobre o ombro do homem e observou os escaramuçadores baterem em retirada pelos flancos das divisões que avançavam. A divisão da direita, comandada pelo General St-Hilaire, dirigiu-se para a aldeia de Pratzen. Enquanto os soldados da frente entravam na aldeia, Napoleão vislumbrou por entre o fumo uma pequena força militar de austríacos a recuar apressadamente a trote ao longo do Planalto, rumo à aldeia, e esboçou um sorriso. Embora Kutusov estivesse ciente da ameaça ao seu centro, não disporia de muito tempo para fazer grande coisa em relação a isso.

Napoleão olhou para o lado, na direção de Berthier.

— Agora é a altura certa para o nosso flanco esquerdo avançar. Dê a ordem.

— Sim, *sire*.

Assim que a ordem foi recebida, as unidades de Lannes, Bernadotte e Murat marcharam em frente desde a colina de Zurlan. Deparando com esta nova ameaça, o comandante inimigo não ousou enfraquecer a sua direita para reforçar o centro ameaçado. Napoleão acenou com a cabeça de satisfação e depois voltou a fixar a sua atenção no Planalto.

A divisão de St-Hilaire limpou a aldeia e avançava agora sobre as restantes forças inimigas no Planalto, enquanto o ataque do General Vandamme se concentrara em redor de umas fortificações quaisquer que protegiam um punhado de casas de camponeses. O fumo denso e as chamas das peças de artilharia que cruzavam o ar atestavam a feroz resistência imposta pelos defensores. Napoleão praguejou brandamente ao constatar que Vandamme estava a demorar-se o tempo suficiente para que se abrisse um espaço entre as duas divisões. A coluna da direita avançara uma distância razoável no Planalto quando se viu forçada a parar por força do fogo que lhe era lançado da frente e também das unidades inimigas em cada um dos lados. O ataque já corria o risco de se ver obrigado a recuar, apercebeu-se Napoleão. Se fracassasse, não po-



deria haver lugar a uma vitória clara, apenas a uma sangrenta batalha de desgaste em toda a linha.

— Raios — resmungou. — Precisamos de apoiar St-Hilaire.

— Sim, *sire* — respondeu Berthier, mas em seguida esticou o braço e apontou para a inclinação em frente. — Aquele é Soult, não é? Que diabo está ele a fazer?

Napoleão baixou o telescópio e apontou-o na direção que Berthier estava a indicar. Seis peças de artilharia estavam a ser apressadamente puxadas planalto acima pelas suas guarnições e pelos soldados destacados para as ajudar. À cabeça das parelhas de cavalos que puxavam os canhões estava uma figura numa vigorosa montada, que levantara o seu chapéu com plumas brancas e incitava as equipas de artilharia a seguirem os seus camaradas.

— É Soult — confirmou Napoleão bruscamente. — E está a fazer o que é necessário.

Soult conduziu as suas peças de artilharia através de Pratzen e em frente, em direção ao comando da divisão de St-Hilaire, onde desengata-ram e abriram fogo, fazendo de imediato enormes buracos na linha austríaca enquanto disparavam rajadas de metralha a curta distância. Pesadas balas de ferro estrondaram dos canhões num compacto cone que desfez a estólida infantaria austríaca em pedaços. A sua disciplina vacilou e começaram a bater em retirada, seguindo na direção da cidade de Austerlitz no lado oposto do Planalto de Pratzen. Assim que tomou as fortificações dos seus zelosos defensores, foi em auxílio da outra divisão, e hora e meia após o ataque ter começado, as bandeiras francesas dominavam o Planalto.

Napoleão fechou o telescópio com um estalido e ordenou que lhe trouxessem o seu cavalo, voltando-se em seguida para Berthier.

— Vamos fazer o quartel-general avançar para Pratzen.

— Pratzen? Mas *sire*, e se perder contacto com o nosso flanco direito?

— Os homens no flanco estão a manter a sua posição. Assim que Davout chegar com o resto dos seus homens, poderão retomar Tellnitz e Zokolnitz. Preciso de estar próximo do coração da batalha. Venha, Berthier, temos de seguir para lá imediatamente!

Na altura em que o sino da igreja batia as doze horas, Napoleão e o seu estado-maior acercavam-se de Pratzen. A encosta antes da aldeia encontrava-se manchada pelos uniformes azuis dos escaramuçadores franceses que haviam sido ceifados enquanto se aproximavam das casas defendidas pelos inimigos. Mal entraram na aldeia, Napoleão e os restantes oficiais tiveram de abrandar os cavalos a passo enquanto escolhiam cuidadosamente um caminho por entre os corpos franceses e austríacos espalhados ao longo da estreita estrada. Quando alcançaram a igreja, Napoleão abrandou e virou-se para Berthier.

— Monte o equipamento na igreja. Depois dê ordem para que sejam enviados reforços a Davout. Quero a unidade de Bernadotte cá em cima o mais depressa possível, e ordene que a Guarda suba ao Planalto.

Deixando o seu estado-maior para trás, Napoleão seguiu a cavalo acompanhado de dez homens do corpo de infantaria ligeira da Guarda Imperial até uma pequena elevação para lá da aldeia, de onde conseguia ter uma melhor visão do progresso da batalha. À esquerda, Lannes fazia recuar os russos num ritmo constante, para longe do Planalto de Pratzen, permitindo a Murat e à sua cavalaria investir contra a linha inimiga, ameaçando quebrá-la em duas partes. À direita, Napoleão constatou que o inimigo ainda estava completamente envolvido no ataque à unidade de Davout. Embora estivesse em desvantagem numérica numa razão de pelo menos três para um, Davout mantinha-se firme. Para lá do flanco direito estendia-se uma série de pequenos lagos congelados, rodeados por pântanos onde ficavam presos os homens que combatiam nessa extremidade do campo de batalha. Napoleão de imediato viu ali a sua oportunidade. Assim que o centro inimigo estivesse quebrado, os franceses poderiam dar meia volta e encurralar aproximadamente metade do exército inimigo contra os lagos.

Virando a atenção para leste, Napoleão viu que a Kutusov apenas restava um núcleo de homens para desafiar a superioridade francesa no Planalto. A subir desde a cidade de Austerlitz vinham os soldados de elite da Guarda Russa. Três mil ao todo, estimou Napoleão. As suas belas bandeiras ondevavam no ar frio e a luz do Sol refletia-se nas suas baionetas à medida que avançavam em metódicas linhas. Napoleão não pôde deixar de apreciar a sua admirável aparência enquanto mantinham a formação e marchavam de forma constante inclinação acima rumo às linhas da infantaria de Vandamme que os esperavam silenciosamente. Espicaçando o cavalo com as esporas, conduziu a sua escolta em direção ao General Vandamme, que soltava gritos de encorajamento aos seus homens enquanto observava a aproximação do inimigo. O General virou-se ao escutar o ruído de cascos acercando-se.

— *Sire*. — Inclinou a cabeça brevemente. — Juntou-se a nós num momento interessante.

— Estou a ver que sim. Tenho a certeza de que os seus homens se irão manter firmes.

— Irão — replicou Vandamme com determinação.

Naquele momento, embora os russos que se encontravam mais perto ainda estivessem a mais de trezentos passos dos franceses, soltaram subitamente um enorme rugido e afluíram inclinação acima.

Vandamme ergueu as sobrancelhas.

— Devem estar loucos. Serão despedaçados na altura em que nos alcançarem.

— Poderá acontecer isso. — Napoleão assentiu com um aceno de cabeça. — Mas o que lhes falta em massa cinzenta parece sobrar-lhes em coragem.

Olharam fixamente para os russos à medida que estes se aproximavam, precipitando-se ladeira acima, de bocas abertas enquanto soltavam os seus gritos de guerra. As bandeiras batiam umas contra as outras acima do denso e trémulo mar de baionetas, quebrado aqui e ali por uma espada que se erguia quando os oficiais incitavam os seus homens a avançar. Qualquer pretensão de formação cedo se perdeu e pareceu a Napoleão que os franceses estavam prestes a ser como que engolidos por uma turbamulta enraivecida.

— Preparar mosquetes! — berrou Vandamme, e a ordem foi repetida ao longo da linha da frente ao mesmo tempo que os homens levantavam as suas armas e as colocavam ao nível do inimigo que se aproximava. Quando a dianteira russa estava a pouco mais de cinquenta passos das pontas das baionetas francesas, Vandamme gritou: — Fogo!

Uma saraivada irregular de balas caiu em estrépito ao longo da linha da frente e o inimigo ficou instantaneamente tapado por um véu encapelado de fumo de pólvora. Sobre o Planalto soprava um vento suave e o fumo rapidamente se dispersou o suficiente para revelar que uma grande quantidade de russos havia sido abatida, porém os seus companheiros já saltavam sobre eles, de baionetas apontadas enquanto corriam na direção dos franceses. Os homens de Vandamme baixaram apressadamente os mosquetes e retiraram novos cartuchos das cartucheiras, arrancando as pontas com os dentes e deitando pólvora nos canos, cuspidando em seguida as balas lá para dentro e apertando a pólvora com as varetas. Restou-lhes apenas o tempo suficiente para dispararem uma segunda rajada desesperada antes que a investida os alcançasse. Uma vez mais, o ar foi preenchido por fumo, mas antes que se pudesse dispersar, os russos investiram e correram a toda a velocidade por entre os franceses. No espaço de segundos, a linha da frente transformara-se num caótico emaranhado de uniformes azuis e verdes, com os russos a lutar como ferozes bestas. Não houve qualquer tentativa de disparos com as baionetas, apenas violentos golpes com a lâmina e ruídos surdos de ossos a partir enquanto as coronhas das suas armas eram usadas como tacos.

A primeira linha da divisão de Vandamme titubeou com o impacto e manteve a posição por um momento, após o que os primeiros russos irromperam e a linha rapidamente se dissolveu numa confusão geral.

— Os seus homens vão quebrar — disse Napoleão em tom baixo.

Vandamme permaneceu em silêncio por um momento e, em seguida, concedeu:

— Receio que sim, *sire*.

— Nesse caso tem de segurá-los com a segunda linha. Entendido?

— Sim, *sire*.

Napoleão virou-se para um dos membros da sua escolta.

— Regresse ao quartel-general. Diga a Berthier que envie a cavalaria da Guarda em auxílio a Vandamme imediatamente.

O soldado de cavalaria fez continência e deu meia volta com o cavalo, acicatando-o na direção de Pratzen. Napoleão voltou-se e viu os primeiros homens da linha da frente a virar costas e a fugir. O medo era contagioso e de imediato muitos outros homens lhes repetiram o gesto, alguns deles atirando as armas para o chão enquanto corriam desesperadamente. Os corações mais corajosos continuavam a lutar, e morriam ceifados pelos russos, que os golpeavam até à morte quando estavam no chão. Enquanto os soldados em fuga corriam na direção da segunda linha, os seus companheiros que ali estavam assobiaram, dirigiram insultos, socaram e pontapearam brutalmente aqueles que tentavam fugir por entre a sua formação. Um punhado de homens conseguiu atravessá-la e continuou a correr, apesar de já estarem em segurança, e Vandamme seguiu a cavalo na direção deles com um semblante feroz.

— Regressem à linha, meus cobardes! — Apontou para Napoleão. — São capazes de cair em desgraça diante do próprio Imperador, meus canhalhas?

Um dos soldados passou por ele em corrida desenfreada, levando as mãos sobre a cabeça para se proteger. Ao ver Napoleão, gritou «Vida longa ao Imperador!» e passou por ele, correndo a toda a velocidade no sentido de Pratzen. Um dos membros da escolta de Napoleão sacou iradamente uma pistola do coldre da sela e rodou com os pés encaixados nos estribos para fazer pontaria.

— Deixe-o! — ordenou Napoleão. — Guarde a sua bala para os russos!

No encalço dos sobreviventes da linha da frente vinha a Guarda Russa, com os peitos palpitantes em virtude da investida ascendente e do frenético combate com a primeira linha francesa. Alguns, ainda inflamados pelo sucesso anterior, avançavam impetuosamente, de rostos fixos, rosnando e gritando incoerentemente. A rajada da segunda linha caiu em estrépito a menos de quarenta passos e, enquanto o fumo se dissipava, Napoleão viu corpos russos acumulados no chão diante dos franceses. Atrás dos mortos e dos feridos, os outros estacaram. Alguns lançavam um olhar feroz aos inimigos, outros observavam, horrorizados, os companheiros tombados. Os mais duros, baixaram os mosquetes e dispararam contra as fileiras azuis à sua frente. Vários dos homens de Vandamme fizeram uma pirueta e colap-

saram com o impacto das balas russas, enquanto os seus camaradas recarregaram rapidamente os mosquetes e os levantaram para uma nova rajada. Uma nova nuvem de fumo, perfurada por clarões laranja-vivo, ergueu-se no ar e uma saraivada de chumbo atingiu a dianteira da turbamulta russa. Quando o fumo se dissipou, desta vez Napoleão exibiu um sorriso sinistro ao ver o inimigo recuar com os rostos temerosos e tomados pelo pânico.

Diante deles, os seus camaradas jaziam em pilhas ensanguentadas. Uma terceira rajada fê-los fugir da linha francesa, de regresso a um local onde uma linha de oficiais permanecia de espadas desembainhadas, e atrás deles uma linha de granadeiros impassíveis com as baionetas preparadas. A uma curta distância dos granadeiros encontrava-se um corpo da cavalaria russa, ainda incólume e a postos para investir. No momento em que o primeiro dos soldados russos deteve o passo, os oficiais levantaram as espadas e gritaram ordens para que os seus soldados se reagrupassem em volta das bandeiras e se voltassem a formar, forçando a colocação dos homens mais lentos através de golpes com os lados das lâminas das espadas. Num curto espaço de tempo, a força e a disciplina reafirmaram controlo e, sob a mira de Napoleão, a Guarda Russa formou-se numa densa coluna, pronta a renovar o ataque.

Depois, sentiu o solo estremecer debaixo do seu cavalo, e, rodando a cabeça, avistou Bessières e o primeiro dos esquadrões de cavalaria da Guarda Imperial, com uma bateria de peças de acompanhamento, a galopar na crista do Planalto em direção ao flanco direito da linha remanescente de Vandamme. Bessières cavalgou até junto de Napoleão e refreou o cavalo.

— *Sire?* As suas ordens?

Napoleão esticou o braço para a coluna russa. — Invista contra eles imediatamente. Têm de ser aniquilados a qualquer custo. Qualquer custo. Fui claro?

— Sim, *sire*.

— Então vá!

Bessières fez continência, e acicatou o seu cavalo, contornando a retaguarda da divisão de Vandamme ao encontro dos seus homens. Cavalgando até à dianteira da coluna de cavalaria, cujas montadas respiravam através de narinas dilatadas, batiam com os cascos e faziam piafés no solo congelado, Bessières ergueu-se sobre os estribos e levantou a espada na direção do céu. Deteve-se por um momento, e depois fez descer a ponta da lâmina até a apontar diretamente para a Guarda Russa. Um toque de corneta ressoou, e os esquadrões avançaram a trote numa configuração ondulante, os cascos ribombando no chão duro. A distância em relação ao inimigo era curta e a inclinação emprestou à cavalaria um ímpeto extra, com a cadência a acelerar para o galope, e depois, a cinquenta metros dos russos, investiram. Es-

padas desembainhadas brilhavam acima das cristas de crina de cavalo dos seus reluzentes capacetes e, enquanto Napoleão e os homens da divisão de Vandamme observavam num estado de espanto que lhes detinha a respiração, a cavalaria de Bessières precipitou-se para a densa massa do primeiro batalhão da infantaria russa. Espadas projetadas para baixo eram erguidas subitamente, borrifando reluzentes gotículas carmesim, e o ar era ocupado pelos gritos dos homens, pelos agudos relinchos dos cavalos feridos e pela crepitação dos disparos de mosquetes e pistolas.

Atrás do primeiro batalhão, os homens formavam-se apressadamente em quadrado enquanto a cavalaria russa formava uma linha para contra-atacar. À medida que os desesperados homens do primeiro batalhão dispersavam e fugiam para salvar o couro, Bessières e os seus cavaleiros irromperam por entre a multidão de fugitivos e acercaram-se rapidamente do quadrado mais próximo. Entretanto, as baterias a cavalo chocalharam através da encosta diante dos homens de Vandamme e começaram a desdobrar-se em linha, com as suas equipas a carregá-las com metralha e à espera de um alvo claro. A infantaria russa, cerrada em fileiras, apresentava uma densa frente de baionetas cintilantes e nenhum tipo de insistência conseguiria persuadir qualquer das montadas francesas a lançar-se contra o quadrado inimigo. Rajadas lampejavam de cada um dos lados, cuspidos os cavaleiros da sela e abatendo vários cavalos, que tombavam de frente e rolavam com os cascos ferrados a chicotear o ar. Bessières rapidamente se apercebeu de que os seus homens estavam a ser ceifados infrutiferamente ao afluírem em torno dos quadrados, e ordenou o toque de reunir. Notas estridentes sobrepuseram-se ao ruído e a cavalaria francesa bateu em retirada, recuando a trote inclinação acima para se formar nos seus estandartes.

Aconteceu uma breve acalmia na altura em que o último dos homens de Bessières se afastou dos quadrados inimigos, e os artilheiros franceses e os russos fitaram-se mutuamente sobre um terreno repleto de homens e cavalos mortos e feridos. Depois, o capitão responsável pela bateria gritou a ordem para abrir fogo e os seis canhões deram um coice ao cuspirem letais cones de chumbo na direção da força inimiga compactamente reunida. A metralha abriu sangrentos buracos nas linhas russas, que foram prontamente preenchidos à ordem dos sargentos para alinhar fileiras. Mas nenhum homem, por muito corajoso que fosse, seria capaz de suportar semelhante carnificina por muito tempo, e após várias salvas de cada um dos canhões, quando centenas de russos se empilhavam nos quadrados, aqueles que restavam começaram a vacilar, afastando-se instintivamente dos franceses. Desta vez não havia nada que os oficiais pudessem fazer para reagrupar os seus homens, pelo que as formações

quebraram com a fuga dos russos encosta abaixo, na direção exata da sua própria cavalaria.

Assim que vislumbrou a oportunidade de apanhar a cavalaria inimiga desordenada, Bessières ordenou que os seus homens voltassem à carga. Desceram a inclinação uma vez mais, evitando à tangente a última explosão da metralha lançada aos russos. Depois, alcançaram a maré de homens da infantaria que fugiam, desferindo golpes violentos enquanto atropelavam a força inimiga despedaçada. Mais adiante, a cavalaria russa estava em desordem, com os seus camaradas em marcha que forçavam a sua entrada por entre as linhas de cavalos, golpeando com baionetas ou coronhas de mosquetes qualquer cavalo que ameaçasse bloquear a sua fuga da cavalaria francesa. Depois, Bessières e os seus homens investiram por entre eles, estilhaçando qualquer derradeiro vestígio de ordem nas fileiras da cavalaria russa. O ímpeto da carga e o caos causado pela infantaria em fuga estavam bem para lá do que os cavaleiros russos conseguiam suportar, e rapidamente viraram os seus cavalos e fugiram encosta abaixo, derrubando os seus próprios camaradas enquanto fugiam pela sua segurança.

Napoleão contemplava a cena com sinistra satisfação. As suas forças militares controlavam o Planalto e o centro inimigo desintegrara-se. A batalha fora tão boa quanto vencida. Apenas a escala da sua vitória estava ainda por determinar. Voltou-se para Vandamme.

— Os seus homens lutaram bem, General, mas existe um último esforço que tenho de lhe pedir.

— Sim, *sire*?

Napoleão apontou para a margem sul do Planalto, onde Davout e a direita francesa ainda estavam envolvidos num combate desesperadamente desigual contra os austríacos.

— Mude a direção da sua divisão e avance contra o flanco inimigo. Se chegar a tempo, a armadilha fechar-se-á e a mais gloriosa vitória será, para todos os efeitos, sua.

Vandamme sorriu.

— Sim, *sire*. Será feito.

Napoleão acenou com a cabeça e virou costas, galopando de volta à crista do Planalto. No momento em que a alcançou e fez o cavalo abrandar, viu a unidade de Bernadotte avançar para cobrir o centro francês. Para lá deles surgiam os homens da Guarda Imperial, encaminhando-se para sul através do Planalto com o intuito de cercar os austríacos antes que estes se apercebessem do perigo agora que os seus aliados haviam sido isolados deles. As outras divisões de Soult seguiram Vandamme para sul em passada rápida, incitadas pelos seus oficiais. Napoleão seguiu em frente até à margem sul do Planalto de Pratzen e olhou para baixo, concentrando-se nas

densamente compostas formações do exército austríaco enquanto aguardavam a sua vez para serem lançadas contra o flanco direito do Grande Exército. Os sobreviventes da divisão de Legrand e do corpo de Davout não se contentavam em conter os austríacos, mas já os tinham feito recuar através do Goldbach e estavam a tentar retomar as aldeias de Zokolnitz e Tellnitz enfrentando o fogo fulminante das baterias do inimigo.

Assim que os militares de Soult alcançaram a margem do Planalto, desdobraram-se em linha e começaram a avançar sobre os austríacos com as primeiras equipas de artilharia preparadas para agir a lançarem fogo sobre as formações inimigas em baixo. Era difícil falharem os alvos e, num curto espaço de tempo, as baterias francesas varriam colunas de soldados austríacos e destruíam os canhões trazidos apressadamente para atacar as forças de Soult. A infantaria francesa desceu do Planalto, fazendo recuar o inimigo de baionetas apontadas. No momento em que os primeiros batalhões austríacos recuaram aos cambaleios do ataque ao seu flanco, dispersaram e fugiram dos franceses, que não estavam a fazer prisioneiros. Os fugitivos correram diretamente para outras unidades que ainda se mantinham firmes, e à medida que o medo foi passando de homem para homem como uma doença contagiosa, o exército austríaco desintegrou-se, batalhão atrás de batalhão, e escapuliu-se das forças francesas que o cercava. Existia apenas uma linha de fuga, através dos lagos e pauis congelados para sul, e, pouco tempo depois, a paisagem fervilhava de homens e cavalos desesperadamente à procura de um caminho sobre o gelo.

O marechal Soult cavalgou encosta acima ao encontro de Napoleão e do seu rosto ressaiu uma expressão de pleno contentamento enquanto apontava para o espetáculo.

— Derrotámo-los, *sire!* Conquistou uma notável vitória.

— Ainda não — replicou Napoleão num tom carrancudo, de olhos postos no exército em fuga. — Temos de tornar a derrota deles ainda mais esmagadora se quisermos convencê-los a aceitar os factos e pôr fim à guerra. — Permaneceu em silêncio por momentos, voltando-se em seguida para Soult. — Ordene aos seus homens que abram fogo sobre aqueles homens.

Soult fitou o Imperador por instantes e depois respondeu em voz baixa:

— *Sire*, eles foram derrotados. Não nos podem fazer qualquer mal.

— Não hoje. Não amanhã, talvez. Mas não tardará muito até que se voltem a formar, prontos a enfrentar-nos novamente. Temos de nos ver livres dessa ameaça, Soult. Agora dê as suas ordens, imediatamente.

Os lábios de Soult contraíram-se numa fina linha ao mesmo tempo que fazia continência e acicatava o seu cavalo para longe do Imperador rumo à mais próxima das suas baterias, que haviam cessado fogo na altu-



ra em que a infantaria francesa atacou as unidades austríacas que ainda ofereciam resistência. Mal a ordem foi dada, Napoleão acompanhou com os olhos a aproximação de Soult à bateria mais próxima. Uma descarga de tiros rugiu sobre as cabeças dos austríacos que se afastavam em torrente do campo de batalha. Milhares deles deslizaram com movimentos descoordenados ao longo dos lagos congelados enquanto as pesadas balas de ferro caíam à sua volta, quebrando o gelo e lançando homens, cavalos, vagões com armamento e canhões para a água gélida por baixo. Muitos foram puxados para baixo pelo peso dos seus uniformes e equipamento, mas os mais fortes procuravam segurar-se nos instáveis pedaços de gelo, debatendo-se por algum tempo até que o frio lhes exaurisse a energia e deslizassem para o interior da superfície escura da água, fazendo companhia aos seus camaradas. Napoleão observava em silêncio enquanto os seus inimigos se afogavam às centenas. Era uma visão nauseante, e sentiu-se tentado a ordenar que os canhões cessassem fogo, porém lembrou a si próprio a brutal necessidade de aniquilar a vontade do inimigo para prosseguir com a luta. Quanto maior o número de austríacos que perecessem nesta batalha, maior a probabilidade de paz.

Quando o Sol de fim de tarde se começou a estender obliquamente ao longo do campo de batalha, os canhões e os disparos dos mosquetes silenciaram-se por fim, e o emudecimento e a quietude revelavam-se estranhamente inquietantes depois do estrompido de longas horas de combate. Na fria neblina azul de um crepúsculo de inverno, Napoleão examinava uma paisagem de cadáveres, canhões e vagões destruídos. Dos edifícios que haviam sido incendiados durante o combate travado ao longo da corrente do Golbach, ainda redemoinhava fumo rumo ao céu. A maior parte dos soldados do Grande Exército encontrava-se sentada no chão, ou debruçada sobre os mosquetes enquanto contemplavam a devastação em seu redor. Os mais oportunistas já caminhavam por entre as pilhas de cadáveres inimigos, roubando o que estivesse nos corpos dos mortos e dando a estocada final nos feridos que tentavam resistir às suas rapinações. Num outro lugar, milhares de prisioneiros austríacos eram reunidos sob o olhar atento de uma cobertura de guardas.

Napoleão inclinou a cabeça numa breve saudação na altura em que Soult chegou ao pé de si a cavalo.

— Parabéns, *sire*. Uma notável vitória.

— Será — concordou Napoleão. — Assim que Fouché fizer alguma pressão junto dos jornais lá em França.

Soult riu entre dentes diante daquilo que acreditava ser autodepreciação da parte do seu Imperador.

— Uma vitória a todos os títulos notável, *sire*.

— Saberemos de todos os títulos dentro em breve. — Napoleão apontou para o chão ensanguentado do campo de batalha. — Ponha os seus homens a fazer a contagem dos corpos, depois envie o seu relatório para o quartel-general. Vou para lá agora.

— Sim, *sire*.

Napoleão dava-se conta de que o seu tom sóbrio quebrantara o momento de triunfo de Soult, pelo que se deteve por um momento antes de seguir caminho.

— Hoje, você e os seus homens foram os mais corajosos de entre todos no campo de batalha. Diga-lhes isso. E da próxima vez que tiver de recorrer a eles, por certo lhes concederei mais três emborcadelas de bebidas espirituosas.

Soult gargalhou.

— Obrigado, *sire*. Dir-lhes-ei isso.

Napoleão espicacou o cavalo a galope e atravessou o Planalto de volta à aldeia de Pratzen numa altura em que a escuridão começava a adensar-se sobre o campo de batalha, ocultando os seus horrores até à manhã seguinte. As trevas eram alfinetadas pelas fogueiras que os homens do Grande Exército ateavam antes de se instalarem para dormir, exaustos pelo dia de luta e pelo medo e tensão que lhes haviam provocado um nó no estômago. Havia um punhado de veteranos da Velha Guarda de serviço em redor do quartel-general do exército que deram vivas ao Imperador enquanto este desmontava do cavalo e entrava na igreja. No interior, Napoleão deu com Berthier sentado a uma mesa assente sobre um suporte a fazer anotações a partir dos relatórios que tinham começado a chegar de todas as frentes do campo de batalha. O chefe do estado-maior levantou-se prontamente e fez uma vénia.

— Parabéns, *sire*.

Napoleão interrompeu-lhe a fala com um gesto e disse bruscamente:

— Quais são as notícias do flanco esquerdo?

— Lannes e Murat forçaram os russos a recuar. Estão a bater em retirada na direção de Olmutz.

— Murat está a persegui-los?

Berthier abanou a cabeça.

— O Marechal Murat relata que a sua cavalaria está demasiadamente cansada para encetar uma perseguição, *sire*. A quase totalidade da sua força militar foi enviada hoje. Os cavalos estão estourados.

Napoleão permaneceu quieto por instantes enquanto pensava. Por mais esmagadora que tivesse sido a sua vitória, os russos poderiam não ter sofrido baixas suficientemente pesadas ao ponto de serem persuadidos a considerar a paz. Se ao menos pudessem ter sido perseguidos e forçados a

abandonar a sua artilharia, se tivessem deixado para trás um longo rasto de soldados para que Murat lidasse com eles, nesse caso a sua moral teria sido totalmente aniquilada. Napoleão encolheu os ombros.

— Uma pena. Mas a verdade é que estamos todos cansados.

Pensar na fadiga dos seus homens serviu de lembrete a Napoleão para o seu próprio estado de exaustão, e não conseguiu evitar tremer por um momento. Berthier reparou no tremor e os seus olhos esbugalharam-se de preocupação.

— *Sire*, está tudo bem consigo?

— Estou ótimo. Preciso de algum descanso. Há aqui alguma cama?

Berthier apontou para uma pequena porta abobadada que dava para uma pequena cela.

— Ali dentro, *sire*. Uma tarimba que pertence ao padre da região.

— Bom. Agora vou dormir. Acorde-me antes da *Tércia*<sup>5</sup>. Prepare os relatórios para mos apresentar nessa altura.

— Sim, *sire*.

Napoleão encaminhou-se fadigadamente para o modesto e acanhado aposento do padre onde uma única vela derretia sobre uma mísula na parede toscamente estucada. Havia uma mesinha e um banco, um armário e a cama: um simples colchão de palha com cobertores puídos em cima. Napoleão desabotoou o capote e estendeu-o sobre a cama, depois sentou-se e tirou as botas, enfiando-se em seguida debaixo dos cobertores e pousando a cabeça na áspera juta que revestia o travesseiro. Adormeceu quase no instante em que fechou os olhos e Berthier sorriu de si para si quando o seu senhor começou a roncar. Depois voltou a concentrar-se nos seus relatórios e começou a calcular o custo da vitória.

— As baixas inimigas estão acima dos quinze mil; outros doze mil são prisioneiros. Acrescido a isso, capturámos aproximadamente duzentos canhões e cinquenta bandeiras — leu Berthier do sumário que havia preparado.

Napoleão esticou os ombros até sentir estalidos, depois retesou a coluna e entrelaçou os dedos firmemente atrás das costas enquanto se preparava para a outra face do registo do balanço.

— E as nossas baixas?

— Mil e trezentos mortos, seis mil e quinhentos feridos e algumas centenas aprisionados.

Napoleão suspirou de alívio e acenou com a cabeça.

— Melhor do que eu temia.

— Sim, *sire*.

---

<sup>5</sup> Uma das horas litúrgicas. Corresponde às nove horas da manhã. (*N. do T.*)

— Muito bem, tome diligências para que os feridos sejam levados para Viena. Os prisioneiros podem ir atrás. Podem ser mantidos lá até ao final da campanha. Agora quero que dê ordens para que o exército se volte a formar e esteja pronto a marchar ao meio-dia.

Berthier assentiu com um aceno e tomou uma nota. Lá fora, os primeiros raios de Sol da manhã atravessaram as janelas da igreja em feixes de luz laranja-esbatido. Napoleão estava grato pelo céu limpo e pelo ar frio, que ajudariam à sua perseguição aos russos. Estava determinado a forçá-los a seguir para leste antes que as forças austríacas sobreviventes se pudessem concentrar e voltar a reunir os seus aliados.

Do lado de fora da igreja veio o som de cascos contra pedras calçadas e escutou-se uma excitada intimação de um dos oficiais da Guarda Imperial que protegia o quartel-general. Napoleão olhou de esguelha para um dos empregados de Berthier.

— Vá ver o que se passa.

Enquanto o homem saía a correr para cumprir a ordem do Imperador, Napoleão sentou-se num dos bancos fixos que se alinhavam nas paredes da igreja e enterrou a face nas mãos para dar descanso aos olhos por um momento. Houve uma breve troca de vozes na rua, após o que o empregado regressou, acompanhado por outro homem.

— *Sire?*

Napoleão respirou fundo e encheu as bochechas de ar ao mesmo tempo que erguia as costas e se fixava no empregado. Atrás deles estava postado o Conde Diebnitz. O austríaco já não estava escrupulosamente asseado. A sua face estava coberta de barba e o seu uniforme estava salpicado de lama e havia um rasgão numa das mangas. Encarou Napoleão com uma expressão carrancuda e amarga.

— Ora, Conde Diebnitz, fico contente por saber que sobreviveu à batalha de ontem. O mesmo não sucedeu a muitos dos seus compatriotas, lamentavelmente.

As narinas de Diebnitz dilataram-se iradamente mas manteve-se de boca calada e lançou a mão ao interior do casaco, sacando de um documento dobrado e selado.

Napoleão ergueu uma sobrancelha.

— O que é isso?

— Uma mensagem, senhor. Do Imperador da Áustria.

— Diga-me o que ele diz — continuou Napoleão com lassidão. — Sou um homem ocupado, Conde. Poupe-me a leitura do documento.

Diebnitz engoliu o orgulho e pousou o documento no banco, junto de Napoleão, antes de falar.

— Sua Majestade imperial deseja discutir um armistício.

— Um armistício? — Napoleão sorriu tenuemente. — E porque haveria eu de concordar com um armistício agora, numa altura em que todas as vantagens estão do meu lado? A menos, claro está, que isto se trate apenas de um passo preparatório...

Esperou que o nobre austríaco ultrapassasse o seu desconforto e fosse direto ao assunto.

Diebnitz falou num tom monocórdico.

— Sua Majestade imperial solicita um armistício de modo a negociar um acordo de paz.

— Ah! Bem me queria parecer. — Napoleão sorriu triunfantemente. — Nesse caso poderá dizer ao Imperador que teria todo o gosto em discutir a paz, de acordo com os termos por mim definidos.

— Sim, senhor. — Diebnitz inclinou a cabeça rigidamente. — Informá-lo-ei prontamente.

— Espere. — Napoleão semicerrou os olhos enquanto fitava o austríaco. — Antes de partir, tenho a dizer-lhe que não poderá haver paz enquanto a Rússia continuar a ser um aliado vosso.

— Aliado? — Diebnitz soltou um riso escarninho. — O nosso aliado bateu em retirada, em direção à Rússia, senhor. O Czar abandonou a Áustria para fugir, esconder-se e lamber as feridas. Não temos qualquer aliado, senhor. Não mais. Parece que a sua vitória é completa.

Napoleão acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sim, parece. Pode ir, Conde Diebnitz.

O austríaco inclinou a cabeça e rodou sobre si mesmo, marchando para o exterior da igreja. Napoleão esperou até que ele estivesse fora do alcance do ouvido e depois pôs-se de pé num pulo e apressou-se ao encontro de Berthier para lhe apertar a mão de alegria.

— Então acabou. A guerra acabou. A coligação foi humilhada.

— Sim. — Berthier devolveu-lhe o sorriso rasgado. — Um triunfo para si, *sire*.

— Deveras, meu amigo. Esmagámos os nossos inimigos — disse Napoleão com satisfação. — Daria uma pequena fortuna para ver a cara do Primeiro-Ministro Pitt quando receber a notícia de Austerlitz.